

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação**

**MIGRAÇÃO: TRABALHO E EDUCAÇÃO-  
NA PERSPECTIVA DE PAIS E FILHOS  
MIGRANTES**

**Arali Maiza Parma Dalsico**

**Cuiabá - MT**  
**2002**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**  
**Programa de Pós-graduação em Educação**

**Arali Maiza Parma Dalsico**

**MIGRAÇÃO: TRABALHO E EDUCAÇÃO-  
NA PERSPECTIVA DE PAIS E FILHOS  
MIGRANTES**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação, do Instituto de Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestrado em Educação (Área de Concentração: Educação, Cultura e Sociedade: Grupo de Pesquisa: Sociologia da Linguagem e Educação)

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Izumi Nozaki

**Cuiabá - MT**  
**2002**

## RESUMO

Casa Branca é uma vila situada no município de Xambrê, na região oeste do Estado do Paraná, fundada no ano de 1961 por migrantes de outras cidades do Estado e do interior do Estado de São Paulo. Algumas famílias de agricultores mudaram para a vila e abriram pequenos comércios, que dependiam da população rural ao redor. Em termos educacionais, os jovens e adultos da vila de Casa Branca tinham acesso à escolaridade apenas até a 8ª série do Ensino Fundamental, sendo este fato um dos motivos pelos quais as famílias migraram para os municípios de Cuiabá e Várzea Grande, no Estado de Mato Grosso, entre os anos de 1977 a 1989. Ao migrarem para Mato Grosso, em plena fase de expansão do sistema educacional, estas famílias encontraram a possibilidade de dar continuidade aos estudos, porém, não usufruíram desse acesso. As questões que se levantam neste sentido são: o que ocorreu para que estes jovens e adultos não tenham continuado à escolaridade de nível médio e superior após a migração? Que lugar a educação ocupa na vida destes jovens e adultos migrantes, hoje? O presente trabalho teve por objetivo compreender como o filho adulto migrante, diferentemente de seu pai, nos tempos atuais, se posiciona e se mantém no mercado de trabalho sem a educação formal elevada. Especificamente, analisar as razões que impulsionaram as famílias a migrar; as causas que justificam a não continuidade dos estudos por pais e filhos após a migração; comparar a vida profissional dos pais e dos filhos após a migração e analisar, na visão de pais e filhos, o sentido da educação para a permanência no mercado de trabalho. Para tanto, foram realizadas entrevistas com 9 famílias de migrantes e o estudo revelou que: a) os pais interromperam os estudos porque moravam na zona rural, não tendo acesso à escola, e os filhos, em sua maioria, interromperam os estudos para trabalhar, mesmo tendo acesso à escola; b) a opinião de pais e filhos é semelhante e para ambos é preciso estudar para “ser alguém na vida”; c) o acesso à educação não foi um fator preponderante à migração e nem tão pouco é motivo de permanência do migrante na cidade de destino; d) o sentido da educação varia conforme o modo como o sujeito a vê no tempo (presente, passado e futuro) e o valor atribuído ao trabalho que o sujeito educado torna-se capaz de realizar. Conclui-se, deste modo, que o trabalho é um aspecto vital ao sujeito e a educação é secundária, podendo ser postergada ou abandonada em razão da falta de interesse, do trabalho e do casamento, mas a educação torna-se vital quando põe em risco a permanência do sujeito no mercado de trabalho e o valor dado à educação formal varia de acordo com o papel que o sujeito ocupa na sociedade. Assim, a valoração da educação pelos sujeitos depende das condições de sua subsistência no meio, isto é, quanto mais o meio a requisitá-la, a educação será considerada importante e prioritária.

Palavras chave: Migração; Trabalho; Educação.

## ABSTRACT

Casa Branca is a village located in the district of Xambrê, west of the State of Paraná. It was founded in 1961 by immigrants from other cities in the same State and from the interior of the State of São Paulo. Some farmers and their families moved into the village and opened up small stores which depended on the rural population around town. As far as education was concerned, the young and the adults from the village of Casa Branca had access to schooling only up to eighth grade. This was one of the reasons which motivated the families to migrate to the districts of Cuiabá and Várzea Grande, in the State of Mato Grosso between 1977 and 1984. When they immigrated to this State, in the stage of educational expansion, these families found the opportunity to carry on their studies. However, they didn't make good use of this access. The questions that emerge in this implication are: what took these people not to continue their intermediate and high level studies after immigrating? What's the significance of education to these young and adult immigrants nowadays? This work settled the objective to understand how the grown-up child immigrant, differently from his parents, in these days, stands and maintains himself in the labor market without a formal high education. Specifically, to analyze the families' reasons to migrate; the causes that justify the non-continuity of the studies by parents and children after immigration; to compare the professional life of parents and children after the immigration, and to analyze, in their point of view, the importance of education for their permanence in the labor market. Therefore, interviews with 9 immigrant families were accomplished and the study exposed that: a) the parents interrupted their studies because they lived in the rural zone, without access to schools, and the children, in their majority, interrupted the studies in order to work, even having access to schools; b) the children's and parents' opinions are similar and for both, it's necessary to study to become someone in their lives; c) the access to education wasn't a preponderant factor for the immigration and neither was that the motive for the permanence of the immigrant in the destiny city; d) the significance of education varies according to the way that the person sees it in time (present, past and future) and the value given to the work that the person becomes able to perceive. It follows that, this way, work is a vital aspect to the individual, while education is secondary, possibly being postponed or abandoned due to the lack of interest, work or marriage. Moreover, education becomes vital when it risks the individual's stability in the labor market and the value given to the formal education varies in accordance to the role that the person occupies in society. Thus, the valorization of education by people leans on the conditions of their subsistence in the environment, in other words, the more the environment requires it, the more important education will be considered.

Key words: Immigration; Work; Education

## **DEDICATÓRIA**

A meu avô Luis Porta  
e ao Sr. Francisco Navarro.  
Hoje, ausentes de nosso convívio.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível graças a colaboração de muitas pessoas e a todas elas o meu “Muito Obrigada”.

Primeiramente, agradeço as famílias de migrantes que calorosamente abriram suas casas e suas vidas tornando essa pesquisa possível.

A Izumi Nozaki, minha orientadora, pelo compromisso, dedicação e paciência na orientação.

Ao grupo de pesquisa “Sociologia da Linguagem e Educação” pelas discussões e bibliografias propostas.

A Antonio João de Jesus pelo incentivo, os questionamentos e os “tesouros” de sua biblioteca.

A Naomi Onga pelos mapas.

À minha sobrinha Maira que transcreveu e digitou as entrevistas desta pesquisa.

À minha irmã Sandra que pacientemente leu e releu os rascunhos.

Aos meus pais que me trouxeram a Mato Grosso e depois abriram mão de minha companhia e pela preocupação e o carinho.

Aos sobrinhos Marília, Kaeu, Graziela, Henrique, Nilton e minha irmã Edna por compreenderem minha ausência em suas vidas.

E finalmente aos meus avós, Rosa e Luís, que mudaram suas vidas para atender as minhas necessidades.

## MINHAS DESCULPAS

Aos entrevistados por não poder usar suas entrevistas na íntegra. Pois, para realizar as análises dos dados foi necessário fazer a seleção das falas e o recorte das entrevistas, senti-me como se cortasse a vida que as pessoas a mim confiara. Pois estas pessoas, não abriram apenas as portas de suas casas, expuseram-me seus sucessos e fracassos, suas esperanças e seus sonhos. Tudo que foi dito por elas parecia-me importante e foi certamente um grande sofrimento assumir a função das Moiras<sup>\*</sup>, e de posse da tesoura, cortar o fio da vida e tecê-lo novamente entrelaçando o destino infeliz ou venturoso das pessoas que a mim confiaram parte de suas vidas.

---

\* Zeus casou-se com *Temis* (a Justiça) e queria ter filhos que governasse tanto os homens como as mulheres. Deste desejo nasceram 4 filhas, Horas que presidia o rodar do tempo e a sucessão das estações e as *Moiras* (para os gregos): *Cloto* possuía duas rocas, uma branca e outra preta e escolhia o destino infeliz ou venturoso das pessoas; *Láquesis* possuía o fuso com o qual fiava o destino; *Átropos* possuía a tesoura para cortar o fio da vis. ( in, Manuel Rodrigues (seleção). *Deuses da Mitologia*. Lisboa: Editora Minerva, s/d.)

## MEMORIAL

### ***Arali Maiza Parma Dalsico***

Para iniciar meu memorial, peço licença ao leitor para começar falando de um tempo anterior à minha existência, por entender que seja de fundamental importância para explicar quem sou, hoje.

Meu avô paterno nasceu em Veneza, na Itália, no ano de 1877 e veio para o Brasil ainda criança. Nesta época, a Itália havia se unificado como país há pouco tempo e a identidade nacional italiana ainda não estava consolidada no imaginário de seu povo. Era possível perceber isso quando meu avô paterno, vovô Roque, se identificava como sendo de Veneza, e meu bisavô materno, *nonno* Ângelo, como sendo de Milão. Eles nunca diziam ser italianos, porém, para eles que imigraram no final do século XIX, a identidade italiana só foi construída quando chegaram ao Brasil, pois quem os chamavam assim eram os brasileiros.

Meu avô paterno, Roque Del-sseco<sup>1</sup>, veio da Itália com 6 anos de idade e quando eu nasci, ele já tinha 92 anos. Ouvi muitas histórias sentada na horta enquanto meu avô preparava canteiros de flores e hortaliças. Confesso que destruí muitos de seus canteiros enquanto brincava em sua horta. Certa vez, perguntei ao vovô Roque, o que ele tinha aprendido vivendo no Brasil e este me respondeu: “*Ser italiano*”. Na época, eu devia ter em torno de 15 ou 16 anos e não entendia muito bem o sentido de sua resposta. Hoje, voltando no tempo, creio entender o que ele quis dizer: que só percebemos nossa verdadeira identidade quando estamos fora do nosso contexto de origem, tendo diante de nós o diferente e que para enfrentarmos as diferenças, temos que, primeiramente, saber o que e quem somos.

Outras questões que sempre me instigavam eram sobre quais as razões que levaram milhares de italianos a migrarem e o que os motivou a escolher o Brasil, o que

---

<sup>1</sup> Del-sseco é a grafia correta do nome da família, em italiano, que por erro nos cartórios, hoje possui várias grafias: Delsico, Delcico, Dalcico e Dalsico. Esta última é a grafia do nome de meu pai.



os impulsionou a vir para cá. Talvez tenham vindo motivados pela propaganda veiculada na Europa, no final do século XIX, em que o Brasil era apresentado como a terra das oportunidades, um país grande onde havia muita terra para cultivar e as pessoas, com vontade de trabalhar, ficavam ricas em pouco tempo. Mas, por que essas notícias tão vagas os influenciaram? Penso que talvez essas notícias tenham vindo de encontro aos **desejos** e as **expectativas de melhoria de vida** desses milhares de imigrantes, no sentido de dar um futuro melhor para si e para seus filhos.

Meus pais nasceram no Estado de São Paulo e tal como meus avós, continuaram a sonhar com dias melhores. Meu pai trabalhava como agricultor nas terras de seu pai e como o seu sonho era jogar bola, ainda adolescente, saiu da casa paterna e tornou-se jogador de futebol nos fins de semana e até ganhou a vida com essa profissão, porém, nesse mesmo período, também aprendeu o ofício de sapateiro. Assim, meu pai, que tinha duas formas de sustento, trabalhava durante a semana como sapateiro e nos fins de semana, como jogador de futebol.

Minha mãe também trabalhou com seus pais na roça, porém, tinha sonhos ousados para uma jovem de sua época. Aos 13 anos, na sala de sua casa, dava aulas às pessoas que moravam próximas ao sítio de seus pais. Dos 15 aos 17 anos, trabalhou como enfermeira na cidade de Ourizona, no Estado do Paraná, morando distante de seus pais. Também fora professora em escolas rurais e municipais, apesar de na época, só ter concluído a 4ª série do ensino fundamental. Por alguns anos, trabalhou no comércio com meu pai, mas aos 43 anos voltou a ser professora; aos 58 anos, concluiu o ensino médio e aos 60, realizou seu grande sonho, o de prestar vestibular e fazer o curso de Pedagogia.

Mas, quando meus pais se casaram, a vida era difícil e como era preciso sustentar a família, foram trabalhar como colonos no campo. Foi então, que veio a notícia de que o oeste do Estado do Paraná era o lugar das grandes oportunidades, terra fértil e abundante e que só era preciso ter coragem para desbravar aquele sertão de floresta araucária. A propaganda veio de encontro às suas **expectativas** e assim, meus pais, nos anos 60, acompanhando um irmão paterno, foram desbravar o oeste do Paraná, como pequenos agricultores.

Tenho duas irmãs que nasceram na zona rural do município de Xambrê; uma delas é a Edna Mariza que nasceu em Jatobá, onde meu pai trabalhava ainda como colono nas terras pertencentes a outras pessoas e a outra, é a Sandra Marizia, que nasceu nas proximidades da Vila de Casa Branca. Quando nasci, o sonho de meu pai de ser seu próprio patrão, já era uma realidade. Na ocasião, ele já era proprietário da Sapataria São Luiz, situada na Avenida Principal da Vila de Casa Branca.

O sonho da melhoria de vida e de prosperidade de meus pais, durou apenas alguns anos, pois com as vendas começando a diminuir, as filhas crescendo, o mercado de trabalho não oferecendo oportunidades de emprego, as condições econômicas da vila de Casa Branca começaram a se degradar. Diante disto, em 1981, meus pais sentiram a necessidade e o desejo da melhoria de vida, de novas oportunidades, de estudo e emprego para as filhas. Ao meu pai, migrar para Mato Grosso pareceu ser uma boa solução para esses problemas. Nesta época, eu tinha 10 anos de idade.

Novamente, a escolha do lugar foi influenciada pela propaganda, e desta vez, Mato Grosso era a terra das oportunidades. Lá havia muita terra a ser ocupada, terra fértil, muita fartura e muito dinheiro. Meu pai, com outros pequenos comerciantes, foi conhecer o Estado de Mato Grosso e de lá trouxe para casa, postais e fotos de várias cidades. Entre residir em uma área urbana ou rural, meu pai havia optado por migrar para a área urbana, onde abriria um pequeno comércio e Cuiabá, pareceu-lhe a melhor opção. Em seu ponto de vista, esta era uma cidade grande e ainda em crescimento, que oferecia conforto e oportunidade de estudo e trabalho às filhas.

Durante o ano em que residiram em Cuiabá, meus pais adquiriram, com o dinheiro que minha tia havia recebido após a morte de seu marido, um mercadinho situado no bairro Parque Cuiabá. Após este tempo, meus pais entregaram o mercadinho à essa tia, que era viúva e morava conosco no Paraná. E meus pais, assim, voltaram para a vila de Casa Branca, para a mesma casa onde eu havia nascido e ainda vivia meu avô Roque, então com 105 anos. Na época, eu cursava a sétima série do ensino fundamental, e fiquei em Cuiabá para terminar os estudos. No fim do ano, contudo, não foi possível aos meus pais virem me buscar e devido a isto, continuei morando em Cuiabá, com meus avós maternos, Rosa e Luiz, que tinham vindo com minha tia e com minha irmã

Sandra, que já tinha terminado o Magistério em Xambrê e dava aulas numa escola particular na capital do Estado de Mato Grosso.

Apesar de meus avós maternos serem analfabetos e terem aprendido a "desenhar" o nome uma semana antes do casamento, ser professora, é algo que está presente em minha família. As três filhas do casal, Maria, minha mãe, Alzira e Cilina, apesar de terem estudado apenas até a quarta série do ensino fundamental, exerceram a profissão de professora. Minha tia Alzira foi a primeira professora da Escola Municipal da Vila de Casa Branca, no ano de 1962; minha mãe, foi a segunda professora da vila, em 1963 e minha tia Cilina, também lecionava na mesma escola, em 1970. Minha irmã Sandra Marizia concluiu o curso de Magistério, em 1980 e é professora em Cuiabá até hoje.

Quanto a mim, iniciei o curso de Magistério em 1983 e no mesmo ano, comecei a trabalhar na escola particular onde minha irmã lecionava. Meu primeiro trabalho como professora foi numa Classe de Alfabetização e de lá até hoje, só não lecionei em 1986, no primeiro ano da universidade, quando cursava História na Universidade Federal de Mato Grosso. Nesta época, dando aulas de reforço e ajudando algumas crianças a fazerem as tarefas nos fins de tarde, ganhava o suficiente para comprar os livros que precisava.

Optei por cursar História na UFMT, motivada por duas professoras: a professora de História da sétima e oitava série que me fazia viajar no tempo e nos fatos históricos durante suas aulas e a professora de Artes da oitava série que, embora tenha lecionado por poucos meses, lembro-me muito bem, que durante suas aulas, comentava sobre o Renascimento e apresentava fotos das obras dos grandes mestres da Renascença.

Assim, ao completar 17 anos, já estava freqüentando uma universidade, embora imatura ainda, mas apaixonada pelo curso. Lia os livros por prazer e achava que cada disciplina era mais envolvente que a outra. Para cumprir às exigências do bacharelado, ao final do curso, em 1990, elaborei um projeto que teve como tema a Migração. E foi nesta oportunidade que comecei a trabalhar com histórias de vida e entrevistas, de onde tirei o título do trabalho: *“Bom, minha história é o seguinte...”*. Era exatamente desta

forma que, ao serem solicitados a contar suas histórias de vida, os migrantes iniciavam suas falas.

Assim, hoje, posso dizer que, além de professora como grande parte dos membros de minha família, sou, em síntese, neta de imigrantes, filha de migrantes e também sou migrante, pois sou “pau rodado”<sup>2</sup>. Sou, portanto, a terceira geração da família em movimento. Todas as gerações anteriores de minha família conheceram muitos lugares e tiveram muitos sonhos movidos pelo mesmo ideal. Embora os tempos sejam outros, as **expectativas** sempre se assemelham e giram em torno do desejo de melhorar de vida num lugar com novas oportunidades, num recomeçar constante, num repetir diferente, com novas pessoas, com esperanças e sonhos sempre renovados.

Sonhos... talvez isso seja o grande impulsionador da vida; sonhos... também os tenho, certamente mais modestos do que daqueles que atravessaram o oceano e desbravaram terras desconhecidas, mas ainda assim, são sonhos a serem realizados.

Hoje, meu grande sonho é retomar a história de vida dos migrantes que saíram da Vila de Casa Branca, como eu e que vivem hoje na periferia de Cuiabá e Várzea Grande e deste modo, quem sabe, entender um pouco mais sobre as razões que levam o ser humano a se arriscar em busca de seus sonhos.

Cuiabá, janeiro de 2002.

---

<sup>2</sup> “Pau rodado” é um termo usado em Cuiabá, pelos cuiabanos, para se referir aos migrantes que aqui vivem.

# ÍNDICE

	<b>Página</b>
<b>RESUMO</b>	<b>III</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>IV</b>
<b>DEDICATÓRIA</b>	<b>V</b>
<b>GRADECIMENTOS</b>	<b>VI</b>
<b>MINHAS DESCULPAS</b>	<b>VII</b>
<b>MEMORIAL</b>	<b>VIII</b>
<b>RELAÇÃO DOS QUADROS</b>	<b>XVI</b>
<b>RELAÇÃO DE MAPAS E FOTOS</b>	<b>XVII</b>
<b>INTRODUÇÃO: O PROBLEMA</b>	<b>01</b>
<b>CAPÍTULO I: A HISTÓRIA DA MIGRAÇÃO: DA VILA DE CASA BRANCA À REGIÃO CENTRO-OESTE</b>	<b>07</b>
1. A vila de Casa Branca	09
2. A Migração para o Centro Oeste e Norte do país	18
3. A divisão do estado de Mato Grosso	22
3.a ) Cuiabá na década de 70	23
3.b) Várzea Grande: três décadas decisivas	25
<b>CAPÍTULO II: AS EXPECTATIVAS ACERCA DA MIGRAÇÃO, DA EDUCAÇÃO E DO TRABALHO</b>	<b>27</b>
1. Migração e Educação	27
2. O sentido da Educação	34
3. O sentido do Trabalho	42

<b>CAPÍTULO III: METODOLOGIA</b>	46
1. Identificações dos sujeitos	46
2. Os instrumentos	50
3. A coleta de dados	52
4. Critério de análise dos dados	53
<b>CAPÍTULO IV: ANÁLISE DOS DADOS E SEUS RESULTADOS</b>	55
1. AS CAUSAS DA MIGRAÇÃO	55
a) As causas da migração: Na perspectiva dos pais	55
b) As causas da migração: Na perspectiva dos filhos	60
2. AS CAUSAS DA NÃO CONTINUIDADE DOS ESTUDOS NO PASSADO E NO PRESENTE	63
a) Na perspectiva dos pais: As causas da não continuidade dos estudos no passado	64
b) Na perspectiva dos pais: As causas da não continuidade dos estudos no presente	66
c) Na perspectiva dos filhos: As causas da não continuidade dos estudos no passado	67
d) Na perspectiva dos filhos: As causas da não continuidade dos estudos no presente	69
3) A VIDA PROFISSIONAL DO MIGRANTE	71
a) A vida profissional dos pais migrantes	71
b) A vida profissional dos filhos dos migrantes	73
4) O SENTIDO DA EDUCAÇÃO	78
a) Na perspectiva dos pais : O sentido da Educação para si	78
b) Na perspectiva dos pais: O sentido da Educação para o outro	81
c) Na perspectiva dos filhos: O sentido da Educação para si	85
d) Na perspectiva dos filhos: O sentido da Educação para o outro	90

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	94
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA</b>	105
1. Bibliografia Consultada	105
2. Bibliografia Complementar	108
<b>ANEXOS</b>	109
<b>Anexo 1</b> : Roteiro de Entrevista. Categoria: Pai e Mãe	
<b>Anexo 2</b> : Roteiro de Entrevista. Categoria: Filhos	

<b>RELAÇÃO DOS QUADROS</b>	<b>Páginas</b>
<b>QUADRO 1:</b> <i>Demonstrativo das famílias: antes e depois da migração</i>	47
<b>QUADRO 2:</b> <i>Tipo de estabelecimentos comerciais: antes e após a migração</i>	48
<b>QUADRO 3:</b> <i>Dos sujeitos, idade na ocasião da migração e em 2001</i>	49
<b>QUADRO 4:</b> <i>Quantidade de filhos por família</i>	58
<b>QUADRO 5:</b> <i>Grau de escolaridade dos pais</i>	64
<b>QUADRO 6:</b> <i>Profissão dos pais: antes e depois da migração</i>	71
<b>QUADRO 7:</b> <i>Profissão das mães: antes e depois da migração</i>	72
<b>QUADRO 8:</b> <i>Demonstrativo do 1º emprego, quanto tempo levou para consegui-lo e como o conseguiu</i>	73
<b>QUADRO 9:</b> <i>Escolarização dos filhos</i>	86
<b>QUADRO 10:</b> <i>Profissão e grau de escolaridade dos filhos entrevistados</i>	98
<b>QUADRO 11:</b> <i>Grau de escolaridade de pais e mães</i>	99
<b>QUADRO 12:</b> <i>Grau de escolaridade dos filhos</i>	100
<b>QUADRO 13:</b> <i>Dos filhos que cursaram apenas o Ensino Fundamental de estudar.</i>	100



<b>RELAÇÃO DE MAPAS E FOTOS</b>	<b>Páginas</b>
<b>Mapa 1 :</b> Localização do município de Xambrê no Estado do Paraná	12
<b>Mapa 2 :</b> Localização das escolas no Município de Xambrê / PR - 1980	15
<b>Mapa 3 :</b> Localização dos municípios de Cuiabá e Várzea Grande / MT	24
<b>Foto 1 :</b> José Ferreira de Oliveira, conhecido como Dedé, proprietário do sítio Casa Branca que deu origem e nome à vila de Casa Branca.	10
<b>Foto 2:</b> Casa sede do Sítio Casa Branca, de propriedade do Sr. José Ferreira de Oliveira	10
<b>Foto 3 :</b> Quadro de Formatura	11
<b>Foto 4 :</b> Faixa em agradecimento ao governador do estado pelo asfalto que ligou Casa Branca a outras localidades da região	14

## INTRODUÇÃO

### O PROBLEMA

Segundo Foweraker, o Estado do Paraná, mais precisamente a fronteira oeste, expandiu-se rapidamente entre os anos de 1940 e 1970, com forte fluxo de pequenos proprietários tendo em vista a exploração das terras originárias da floresta araucária virgem. Na década de 1940, deste modo, houve um crescimento demográfico do Estado formado por migrantes de várias partes do país, destacando-se paulistas, mineiros e catarinenses, que deu origem a pequenos núcleos urbanos com forte dependência rural, que, com o passar dos anos, foram elevados à categoria de município, a despeito de sua pouca infra-estrutura política, econômica e social.<sup>1</sup>

Após os primeiros anos de colonização da região, considerada próspera, deu-se início a um processo de decadência rural, em razão do enfraquecimento do solo, da mecanização da agricultura e da conseqüente falência em massa dos pequenos proprietários de terras, que acabaram vendendo suas propriedades para os latifundiários pecuaristas e migrando para outras regiões mais promissoras. Segundo Sawyer, no espaço de trinta anos, a região do Estado do Paraná sofreu um refluxo demográfico em proporções elevadas, tornando-a uma área de emigração<sup>2</sup>.

Nesse contexto, encontra-se algumas famílias que migraram para o Estado do Paraná e foram se estabelecer na Vila de Casa Branca que, embora não tenha chegado à categoria de município, é um núcleo urbano, pertencente ao município de Xambê, que durante a década de 70, tinha uma população composta por 4 mil habitantes e possuía uma área comercial ativa. Nesta localidade, desde o seu início, todas as crianças em idade escolar têm acesso à educação escolar e a formatura dos alunos da 8ª série é considerada um evento social da maior importância. O maior problema, contudo, no que concerne à educação, refere-se à falta de escolas de Ensino Médio e à distância em

---

<sup>1</sup> Joe Foweraker. *A luta pela terra: A economia política da fronteira pioneira no Brasil de 1930 aos dias atuais*. Rio de Janeiro. 1982, p.35.

<sup>2</sup> Donald Sawyer. *Novos rumos da migração para Mato Grosso*. 1989, p.05.

relação à universidade mais próxima que localiza-se distante da cidade cerca de 40 km, e é particular.

Durante a segunda metade da década de 70, no entanto, ocorreu a chegada da eletricidade e o asfalto que modificou, por completo, todo o panorama da vila. O que, em princípio, era um sinal de progresso, a estrada asfaltada, entretanto, trouxe a facilidade de acesso aos centros urbanos maiores, distantes cerca de 40 km apenas e levou à falência os comerciantes da localidade. Assim, com a construção da estrada asfaltada, apesar da educação de Ensino Médio e Superior ter se tornado mais acessível, o fato agora é que as famílias não têm condições financeiras para arcar com as despesas de transporte e manutenção dos gastos com material escolar para os filhos que desejam prosseguir os estudos.

Quase que simultaneamente, ocorria em outra parte do Brasil, um processo inverso ao da decadência da vila do interior do Estado do Paraná. A região Centro-Oeste do país, durante a década de 70, recebeu do governo federal, atenção especial em nome de uma política de ocupação da Amazônia, dentro da qual havia programas de construção de rodovias e de implantação de projetos privados de colonização da região.

Com isto, o que se viu foi uma concomitante evasão, em massa, da região oeste do Estado do Paraná e a chegada de migrantes, em massa, na região denominada Amazônia Legal, da qual faz parte o Estado de Mato Grosso. Só para se ter uma idéia da proporção do fenômeno migratório, segundo Oliveira, 57% dos migrantes que chegaram ao Estado do Mato Grosso durante a década de 70, eram originários da região Centro-Sul do país, sendo que 21% deles oriundos do Estado do Paraná, o que representava um total de 97 mil pessoas.<sup>3</sup>

Apesar da grande pretensão do governo em promover a ocupação de áreas inabitadas da região amazônica pelos migrantes, o que ocorreu foi que o maior fluxo migratório se deu na direção de áreas urbanas, isto em resposta à falta de infra-estrutura para a sobrevivência na mata amazônica.

---

<sup>3</sup>Ariovaldo Umbelino de Oliveira. *Paraíso e Inferno na Amazônia Legal*. 1989, p.21.

Com a divisão do Estado de Mato Grosso, no ano de 1977, em que parte do Estado permaneceu sendo o Estado de Mato Grosso, e a outra parte tornou-se o Estado de Mato Grosso do Sul, Cuiabá, embora já fosse a capital do Estado antes da divisão, passou a receber maior atenção e grandes investimentos federais. Segundo Ferreira, Várzea Grande, o município vizinho criado em 1948, durante as décadas de 60 e 70 teve o seu setor industrial incrementado. Assim, durante o período de investimento maciço por parte do governo federal, as cidades de Cuiabá e Várzea Grande aumentaram suas áreas de ocupação populacional e o sistema educacional da rede pública.<sup>4</sup>

Desta forma, o que se observa é que, de um lado, na Vila de Casa Branca, durante a década de 70, houve uma redução da população em razão de sua emigração e de outro, com a divisão do Estado de Mato Grosso, as cidades de Cuiabá e de Várzea Grande receberam um grande contingente de migrantes oriundos do interior do Estado do Paraná. Este fato permite-nos pressupor que esta “transposição” populacional de uma região para outra dentro do país, tenha se dado em função, primordialmente, das diferenças de condições econômicas e educacionais oferecidas pelas duas localidades, ou seja, pelo vilarejo do Estado do Paraná e pelas duas cidades centrais do Estado de Mato Grosso dividido.

Assim, considerando que o processo migratório em referência ocorre no interior dos limites da fronteira nacional, o termo migração será entendido a partir da definição de Souza que o vê como “*um processo social resultante de mudanças estruturais de um determinado país, que provocam o deslocamento horizontal de pessoas de todas as classes sociais que por razões diversas, deixam o seu município de nascimento e vão fixar residência noutra*”<sup>5</sup>.

Segundo Oliveira Filho, “*a fronteira não é um objeto empírico real*”<sup>6</sup> que apresenta-se como uma totalidade cujas partes não podem ser focadas por um prisma à exclusão de outros, valorizando o econômico, por exemplo, e excluindo o político e o ideológico. Nessa visão, a expulsão de um grupo de indivíduos de sua área de origem e a existência de novos lugares a serem ocupados, não gera necessariamente uma

---

<sup>4</sup> João Carlos Vicente Ferreira. *Mato Grosso e seus Municípios*. Cuiabá, 1997, p.637.

<sup>5</sup> Itamar Souza. *Migrações Internas no Brasil*. Petrópolis, RJ, 1980, p.30.

<sup>6</sup> João Pacheco de Oliveira filho. *O caboclo e o brabo*. Petrópolis, RJ, 1979, p.111.

fronteira; conforme afirma Oliveira Filho, ela é também fruto da criação da instância política e requer que seja fabricada, necessitando que seja difundida uma “*ideologia de fronteira*” oferecendo aos migrantes potenciais, um conjunto de informações e juízos sobre aquela área que se apresenta como alternativa às várias condições presentes.<sup>7</sup>

As famílias escolhem migrar porque realmente acreditam que ao fazê-lo vão melhorar a vida da família e dos filhos, mas como esclarece Martins<sup>8</sup>, essa busca da melhora de vida não pode ser confundida com a “*busca do enriquecimento*”, pois os pais quando migram, buscam garantir a sobrevivência de todos os membros da família e principalmente garantir a seus filhos a possibilidade de constituir sua própria família. Desta forma, o trabalho passa a ser primordial para esse migrante, e segundo Charlot “*o sucesso na escola não é questão de Capital (Cultural), mas de trabalho; mais exatamente: atividades, práticas*” e não será a posição social da família ou dos pais e avós que garantirá o sucesso dos filhos, uma vez que “*a posição da criança (do filho) se constrói ao longo de sua própria história e é singular*”.<sup>9</sup>

Assim, se de um lado, na Vila de Casa Branca a educação era um fator de considerável importância social e que a falta de condições de prosseguimento dos estudos era uma dificuldade real e se de outro, em Cuiabá e Várzea Grande havia um rápido crescimento do sistema educacional, especialmente, no que se refere ao sistema público de ensino, isto leva-nos a supor que a educação, é um fator a ser considerado nesse processo de migração, além é claro, das questões econômicas e da busca da melhoria de vida dos migrantes.

Porém, os jovens e adultos que na Vila de Casa Branca, tinham acesso à escolaridade apenas até a 8ª série do Ensino Fundamental, ao migrarem para Cuiabá e Várzea Grande, em plena fase de expansão do sistema educacional tanto do Ensino Fundamental e Médio como do Ensino Superior, já que a Universidade Federal era uma realidade no Estado, encontraram à sua disposição a possibilidade de dar continuidade aos estudos, porém sem que tenham efetivamente usufruído deste acesso.

---

<sup>7</sup> Idem, p.13

<sup>8</sup> José de Sousa Martins. *Fronteira: A degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo, 1997, p.127.

<sup>9</sup> Bernard Charlot. *Da relação com o saber*. Porto Alegre, 2000, p21-2.

Assim, tomando como base observações informais de algumas famílias migrantes que saíram do interior do Estado de Paraná para a capital do Estado de Mato Grosso, as perguntas que se levantam são:

- a) O que ocorreu para que estes jovens e adultos não tenham continuado à escolaridade de nível médio e superior após a migração?
- b) Que lugar a educação ocupa na vida destes jovens e adultos migrantes, hoje?

Assim, o presente estudo tem por **objetivo geral** compreender como o filho adulto migrante, diferentemente de seu pai, nos tempos atuais, se posiciona e se mantém no mercado de trabalho sem a educação formal elevada. E quanto aos **objetivos específicos**, o estudo visa: a) analisar as razões que impulsionam as famílias a migrar; b) analisar as causas que justificam a não continuidade dos estudos por pais e filhos após a migração; c) comparar a vida profissional dos pais e dos filhos após a migração; d) analisar, na visão de pais e filhos, o sentido da educação para a permanência no mercado de trabalho, após a migração.

Neste sentido, com o intuito de atingir os objetivos propostos, o presente trabalho foi estruturado seis partes, iniciando-se pela **Introdução** onde apresenta-se o **Problema** da pesquisa e os objetivos que se pretendeu alcançar.

No **Capítulo I** é apresentado um panorama geral da migração de famílias residentes na Vila de Casa Branca para os municípios de Cuiabá e Várzea Grande durante a década de 70, bem como a política do governo incentivando a ocupação da região Centro-Oeste do País.

No **Capítulo II** encontra-se o **Quadro Teórico** e nele são apresentados alguns fundamentos teóricos sobre: a) Migração e Educação; b) O sentido da Educação; e c) O sentido do Trabalho.

No **Capítulo III** é apresentada a **Metodologia** usada no presente trabalho, especificando os critérios da escolha das famílias que fizeram parte desta pesquisa, os instrumentos que foram utilizados, os processos da pesquisa de campo e os critérios utilizados para as análises dos dados coletados .

O **Capítulo IV** trata dos **Resultados** do trabalho de investigação e da **Análise dos Dados** da pesquisa, onde se buscou através das entrevistas com os migrantes dar voz e rosto àqueles que antes eram apenas número nas pesquisas estatísticas. Assim, buscou-se entender na perspectivas de pais e filhos as causas que fizeram com que estas famílias migrassem para Mato Grosso, bem como, as causas que fizeram com que eles não dessem continuidade aos estudos tanto no passado como nos dias atuais. Neste capítulo também é apresentada a vida profissional dos pais e dos filhos, e qual o sentido que eles dão à educação, quando se referem à educação para si, como quando se referem à educação para o outro.

E finalmente, apresenta-se na última parte do trabalho as **Considerações Finais**, quando buscou-se responder algum questionamentos que foram surgindo ao longo da pesquisa, bem como algumas reflexões acerca dos resultados obtidos.

# CAPÍTULO I

## A HISTÓRIA DA MIGRAÇÃO: DA VILA DE CASA BRANCA À REGIÃO CENTRO-OESTE

Segundo Wachowicz, o território que hoje pertence ao Estado do Paraná começou a ser ocupado pelos portugueses em meados do século XVII, no período da colonização do Brasil. O ouro aí encontrado nos riachos do litoral e na região de Curitiba, foi, embora em pequena quantidade, o principal motivo desta ocupação.<sup>1</sup>

Nos séculos XVIII e XIX foram sendo ocupados os chamados "*campos gerais*" que ficam na região leste e central do Estado e que são propícios à criação de gado que neste período era vendido em São Paulo e Minas Gerais. As regiões norte e oeste do Estado do Paraná, cobertas de matas, não foram ocupadas pelos colonizadores portugueses porque para eles, ser tropeiro ou explorar a erva mate era mais lucrativo do que derrubar a mata para cultivar a terra.

Na segunda metade do século XIX chegaram os imigrantes europeus que começaram a desenvolver a agricultura na região leste, e nas primeiras décadas do século XX, seus descendentes e dos colonos que ocupavam as regiões dos campos começaram a ocupar efetivamente as terras em direção a oeste do Paraná. A este movimento de ocupação foi dado o nome de "*Frente Sul Paranaense*".

Nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, surgiu o que foi chamado de "*Frente Nortista*", que caracterizou-se pelo deslocamento de plantadores de café do Estado de São Paulo, que atravessando o Rio Paraná foram plantar café em terras paranaenses, o que fez surgir inúmeros centros urbanos. Devido a isto, o café lá plantado foi chamado de "*ouro verde*".

---

<sup>1</sup> Rui Christovam Wachowicz. *Oeste - Região Síntese do Paraná*. Cascavel/ Ijuí, PR, 1983, p.39.



A urbanização intensificou-se devido à própria evolução social e econômica da região. As plantações de café foram se expandindo e entrando por São Paulo, modificando a paisagem e a vida das pessoas, e transformando florestas inteiras em plantações de café e cereais.

No século XX, mais precisamente na década de 40, no entanto, o movimento de ocupação ocorreu dos Estados do sul, isto é, do Estado de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul para o Estado do Paraná, e a esse movimento foi dado o nome de "*Frente Sulista*"<sup>2</sup>. Assim, catarinenses e gaúchos se instalaram na região oeste do Paraná, e segundo Foweraker foi entre os anos de 1940 a 1970, que ocorreu um crescimento demográfico do Estado do Paraná devido ao grande contingente de migrantes oriundos de várias partes do país, destacando-se, dentre eles, os paulistas, mineiros e catarinenses.<sup>3</sup>

Neste processo de colonização, observou-se uma rápida expansão na fronteira oeste do Estado do Paraná, em razão do forte fluxo de pequenos proprietários voltados para a terra de floresta araucária virgem, onde era dada prioridade às pequenas propriedades. Sobre o assunto, Foweraker afirma que "*em 1965, 74,7% dos estabelecimentos tinham menos de 25 ha e 92,7% menos de 50 ha*". Essas dimensões para os padrões brasileiros significam minifúndios. O autor também diz que:

*Nesse mesmo período, também surgiram no Estado do Paraná, pequenos núcleos urbanos com forte dependência ao meio rural, principalmente na área de comércio ao varejo. Com o passar do tempo, esses núcleos urbanos se tornaram cidades produtoras de serviços, e muitas delas foram elevadas à categoria de município, mesmo com pouca infra-estrutura para atender a população em suas mínimas necessidades como saúde e educação.*<sup>4</sup>

Contudo, a prosperidade dos primeiros anos de colonização foi desaparecendo devido ao enfraquecimento do solo causado pela utilização de técnicas rudimentares de plantio e à modernização da agricultura com a mecanização. Assim, por volta dos anos

---

<sup>2</sup> Um estudo mais detalhado sobre as três frentes de colonização, isto é, sobre a "*Frente Sul Paranaense*", a "*Frente Nortista*" e a "*Frente Sulista*" pode ser encontrado em BERNARDES, N. " *A expansão do povoamento no Estado do Paraná*". Revista Brasileira de Geografia, nº 4, out-dez, 1953.

<sup>3</sup> Joe Foweraker. Op. cit., p.35.

<sup>4</sup> Idem. Op. Cit., p 85

70, o que se viu foi a diminuição das colheitas e o prejuízo generalizado dos agricultores da região. Com isso, pequenos proprietários recorreram aos financiamentos de créditos bancários, sem que isto tivesse levado à melhoria da produção agrícola. Endividados, esses pequenos proprietários foram obrigados a vender suas propriedades aos pecuaristas de regiões circunvizinhas que formaram latifúndios agropecuários que utilizavam pouca mão-de-obra.

Desta forma, ocorreu na região do Estado do Paraná, um “*refluxo demográfico*” que, conforme afirma Sawyer, num espaço de trinta a trinta e cinco anos, entre 1940 e 1975, o Estado do Paraná foi transformado de área “*absorvedora*” de população em área “*expulsora*”, promotora de um novo processo migratório.<sup>5</sup>

## **1. A Vila de Casa Branca**

A Vila de Casa Branca se localiza numa área constituída por 135 mil alqueires, começando no rio Xambrê e indo até o rio Piquirí, próximo à cidade de Guaíra, e situa-se à oeste do Estado do Paraná. Esta área, em 1957, pertencia à empresa colonizadora Byington Companhia, administrada por Alberto Jackson Byington. Esta área foi loteada e vendida a pequenos sitiantes que iniciaram o desmatamento da área e o cultivo de café e algodão. Nesta região, surgiram vários municípios, dentre eles, os municípios de Xambrê, Altônia e Pérola<sup>6</sup>.

O sítio Casa Branca, com 15 alqueires, de propriedade do Sr. José Ferreira de Oliveira, um dos primeiros sitiantes a se fixar no local e conhecido na região por Dedé (ver Foto 1), em 1961 deu origem e nome ao povoado que mais tarde se transformara na Vila de Casa Branca (ver Foto 2).

Embora não tenha chegado à categoria de município, Casa Branca é um núcleo urbano distante 10 km da sede do município Xambrê (ver Mapa 1), que foi criado em 25 de julho de 1960. Na Vila de Casa Branca e na área rural em torno, na década de 70, havia uma população estimada em 4.000 pessoas.

---

<sup>5</sup> Sawyer Op. Cit., 1989, p.5.

<sup>6</sup> Pérola é o nome da esposa do Sr. Alberto Jackson Byington, proprietário da Colonizadora Byington, e Altônia é o nome de uma de suas filhas.

**Foto 1**

José Ferreira de Oliveira, conhecido como Dedé,  
proprietário do Sítio Casa Branca que deu origem e nome à vila de Casa Branca.

**Foto 2**

Casa sede do Sítio Casa Branca, de propriedade do Sr. José Ferreira de Oliveira

Apesar do núcleo urbano da Vila de Casa Branca ser pequeno, esta possuía uma área comercial significativa constituída por duas serrarias que empregavam dezenas de pessoas, um banco e inúmeras casas comerciais, onde trabalhavam, quase que exclusivamente, os proprietários e seus familiares. Entre os estabelecimentos comerciais, havia bares, lanchonetes, açougues, sorveteria, vendas, lojas de tecido e confecções, sapataria, mercearias.

Para as funções religiosas havia também, na vila de Casa Branca, uma igreja católica e duas evangélicas e na área educacional, havia apenas uma escola que oferecia o ensino fundamental.

Um fator importante a ser observado, ainda hoje, na Vila de Casa Branca, em relação à educação, é que todas as crianças em idade escolar que moram na área urbana estão matriculadas na escola. A educação se apresenta, assim, com um valor significativo no imaginário coletivo da Vila. A formatura de 8ª série, por exemplo, é um dos acontecimentos sociais mais importantes na localidade, mesmo, nos dias atuais. Tem missa de formatura, entrega de diplomas com padrinhos e paraninfo, e conta com a presença do prefeito e do secretário de educação; há ainda o baile na quadra de esportes, a valsa e o quadro de formandos (ver Foto 3), além dos rigores que uma formatura exige: beca e capelo.

### **Foto 3**

Quadro de Formatura

**Mapa 1: Localização do município de Xambrê no Estado do Paraná.**

A importância dada à educação no município de Xambrê pode ser encontrada nas propagandas municipais publicadas em revistas e boletins locais. Como se pode ver, o trecho a seguir, retirado de um informativo da administração municipal do prefeito Aristóteles Coelho Rosa, que administrou o município de 1965 a 1970, encontram-se relatados os benefícios realizados na área educacional do município durante sua administração:

*"Segundo a reportagem pôde observar, Xambrê é um município onde reinam a mais completa ordem, paz, fraternidade e onde todos os moradores têm sua vida voltada para o trabalho, com o objetivo claro de tornar sua cidade um motivo de orgulho para todo o Estado do Paraná. Para atingir essa meta tão importante, o caminho principal é o do ensino e o da melhoria do homem. Por isso, criou-se no município um notável Ginásio Estadual que já agora está formando a sua primeira turma, tendo previsto para o próximo ano, novos formandos. É quase certo também, o funcionamento, no ano que vem de uma Escola Normal e uma Escola Vocacional, onde os jovens poderão aprender diversas profissões e artesanato. Essa Escola deverá conter: selaria, cordoaria, carpintaria, latoaria, ferraria, eletricidade, técnica agrícola, corte e costura (para o que conta com 16 máquinas de costura) e arte culinária. O prédio da escola está sendo construído pela prefeitura que pretende entregá-lo em março de 1970, pronto para entrar em funcionamento ... Xambrê tem tudo para ser realmente a grande cidade que todos sonham e porque todos lutam. No setor de educação e ensino, 52 professores municipais dão a sua parcela de esforço para a formação do homem culto de amanhã. Esses 52 mestres, ensinam atualmente 2.241 alunos municipais. Somente escolas isoladas, o município possui 25, mas contam também com um Grupo Escolar Urbano, que recebeu o nome de um grande benemérito: Alberto Jackson Byington; possui ainda um Ginásio Estadual, funcionando no período diurno e a noite e deverá contar, em 1970, com uma*<sup>7</sup>  
*Escola Normal.*

Para um município que, em 1969, era constituído por uma população composta por 40 mil habitantes, o número de 25 escolas era, pode-se dizer, consideravelmente elevado. Percebe-se que, embora até o ano de 1980, esse número de escolas tenha se mantido (ver Mapa 2), com o passar dos anos, e com o processo de refluxo demográfico que ocorreu no Estado do Paraná, houve uma redução significativa, a ponto de, no ano

---

<sup>7</sup> **Xambrê.** Administração de Aristóteles Coelho Rosa. 1965-1970. Boletim Informativo. (s/p)

de 2001, em todo o município haver apenas 5 escolas, sendo uma na Vila de Eliza, outra na Vila de Pindorama, outra na Vila de Casa Branca, e outras duas, na sede do município Xambrê. Com o reduzido número de alunos matriculados nas escolas públicas da região, o transporte dos alunos da zona rural que cursam o ensino fundamental é realizado, gratuitamente, pela prefeitura que mantém um ônibus que busca e leva os alunos da escola para as vilas; já nos casos dos alunos que cursam o ensino médio, estes são transportados de suas Vilas para a escola localizada na sede do município.

Quanto aos cursos de nível médio oferecidos na localidade, estes se concentram no município de Xambrê e se restringiam ao cursos de Magistério e de Contabilidade. Quanto à universidade mais próxima, esta encontra-se situada há cerca de 40 Km e é particular, o que torna quase impossível o ingresso e a conclusão de um curso de nível superior.

Na vila de Casa Branca, o progresso chegou com a eletrificação urbana e o asfalto durante a segunda metade da década de 70. O progresso e o crescimento econômico era esperado por todos. Houve uma grande expectativa em torno da pavimentação das ruas do distrito, pois o asfalto representava progresso, conforto, e era "*um marco decisivo*" na história da vila (foto 4). Basta ler a reportagem divulgada na Revista Paranense do Municípios em que, o então vereador José Ferreira de Oliveira enaltece o governo do Estado e um empresário local agradece o governo pela pavimentação da estrada.

#### **Foto 4**

Faixa em agradecimento ao governador do Estado pelo asfalto que ligou a Vila de Casa Branca a outras cidades da região

**Mapa 2: Localização das escolas no Município de Xambê / PR - 1980**



**Reportagem da Revista Paranaense dos Municípios<sup>8</sup>**

---

<sup>8</sup> Revista Paranaense dos Municípios. Fevereiro, 1978. Ano XI, nº 126, pp19.

Realmente a pavimentação asfáltica da avenida principal e da estrada que ligava a vila da Casa Branca a centros urbanos maiores, como por exemplo, à cidade de Umuarama que fica a cerca de 40 km da vila de Casa Branca, trouxe facilidade de acesso e com isso as pessoas passaram a fazer suas compras em outras cidades. Isso fez com que ocorresse a diminuição das vendas no comércio local, o que afetou a vida dos pequenos comerciantes da vila, que viam seu poucos fregueses se dirigirem a outras cidades para realizar suas compras. Assim o asfalto que, na visão dos moradores e comerciantes representava o progresso, representou na realidade, o prejuízo pessoal e a decadência da localidade, prejudicando seus negócios e atrapalhando suas vidas.

Com o declínio da população rural ocasionado pela emigração dos pequenos proprietários de terras endividados com os créditos bancários que vendiam suas terras aos grandes latifundiários, o comércio local sofreu dupla queda nas vendas. Assim, os pequenos comerciantes, sem condições para sustentar suas famílias, também se viram forçados a buscar novos lugares que oferecessem melhores possibilidades de sobrevivência.

Dentre as muitas justificativas para a escolha do lugar para migrar, o acesso à educação se apresentava como um dos aspectos a ser observado na pesquisa, uma vez que a Vila só oferecia uma escola de Ensino Fundamental de 1ª a 8ª série. Porém, segundo Sawyer, *“entre o mato periférico e a periferia urbana, o migrante brasileiro parece preferir cada vez mais a periferia urbana, onde pelo menos tem acesso à educação, saúde e transporte”*.<sup>9</sup>

Assim, no processo migratório do Estado do Paraná ocorrido a partir de 1970, um grupo de famílias da Vila de Casa Branca migrou para a capital de Mato Grosso, especialmente para a cidade de Cuiabá e à cidade vizinha, Várzea Grande. Esses migrantes, em seu local de origem, eram pequenos comerciantes, donos de estabelecimentos de diferentes ramos, tais como: bar, açougue, loja de tecido, sapataria, lanchonete, mercearia. Estes venderam o que possuíam na Vila de Casa Branca e engrossaram a corrente migratória que se dirigia para Mato Grosso.

---

<sup>9</sup> Sawyer. Op. cit., 1989, p.8.

Mas esses migrantes não escolheram Cuiabá e Várzea Grande ao acaso, havia um movimento propício que os impulsionava. Os primeiros a se estabelecerem em Cuiabá e Várzea Grande, instalaram seus comércios em bairros periféricos e enviaram notícias aos parentes, antigos vizinhos e amigos que lá ficaram, de que nestes lugares se ganhava dinheiro, havia fartura, emprego e era bom de se viver.

## **2. A Migração para o Centro Oeste e Norte do país**

Para entender melhor o processo migratório que se dirigia para a Região de Mato Grosso, é necessário perceber que houve por parte do Governo Federal uma valorização e divulgação da Amazônia Legal, a partir da década de 50, enquanto “*área vazia*” que precisava ser ocupada. Assim, o Estado brasileiro tinha no incentivo à migração um de seus pontos básicos para sua política de ocupação da Amazônia Legal que, embora já se processasse espontaneamente, intensificou-se a partir dessa política governamental.

Outros fatores importantes incentivaram o processo migratório para a região Centro-Oeste e Norte do Brasil. Segundo Carvalho a construção de Brasília foi o primeiro passo para essa ocupação, onde o “*grande canteiro de obras serviu como frente de trabalho*” que atraiu fluxos de trabalhadores migrantes de outras partes do país.<sup>10</sup>

Segundo as palavras do jornalista Maurício Vaitsman, que fez uma cobertura jornalística sobre a construção de Brasília para o “*Diário da Noite*” em fins de 1958 e início de 1959, as mudanças esperadas na região e a importância dada à sua ocupação eram as seguintes:

*“As vastidões desertas do Brasil Central espera a seiva vigorosa dos novos bandeirantes para que se transformem em viçosos celeiros de um mundo cada vez mais faminto, tanto de víveres como de matérias primas para as atividades que se estão multiplicando graças ao engenho humano na ânsia incessante do progresso. Brasília já está exercendo papel preponderante da maior parte do território nacional. Já está funcionando como agente catalizador, gerando novas energias, com sua simples presença no coração do Brasil. Basta olhar as obras que ela está*

---

<sup>10</sup> Izabel Carvalho. O Trabalhador Migrante na Transamazônica. São Paulo, 1980, p.49.

*desencadeando, sobretudo no tocante às rodovias e ferrovias que convergem para o Planalto e rasgam regiões até há pouco abandonadas, onde raros habitantes viviam no isolamento mais sinistro”.*<sup>11</sup>

Além da construção de Brasília, a abertura da rodovia Belém-Brasília, na época, chamada de “*sonhovia*” pelo governador do Estado do Amazonas, Plínio Coelho, também incentivou a vinda de grande fluxo migratório, principalmente do nordeste do país.

Novamente nas palavras de Maurício Vaitsman é possível acompanhar o processo de ocupação ao longo da rodovia Belém-Brasília, em que um contingente de homens vai se instalando onde antes se dizia haver um vazio demográfico.

*\_\_\_ Antes da estrada isto não existia. Depois fomos chegando. Eu e os outros. Eu vim de Minas e tomei conta de uma nesga de terra lá na mata, por trás do brejo... Começamos a plantar arroz. No primeiro ano a coisa rendeu pouco. Agora, os caminhões não largam a estrada e estamos vendendo a saca a 650 cruzeiros para o comércio de Anápolis...*

*\_\_\_ Este mundão de meu Deus é de quem chegar primeiro e tem apetite para trabalhar a terra \_\_\_ fez outro batendo com orgulho a mão calosa no peito.*

*Êsse trabalho rendeu à laboriosa população de Gurupi, no ano de 1958, mais de 60.000 sacas de arroz. É o ouro dos novos bandeirantes que a terra dadivosa e boa não regateia a ninguém. Aquela era também uma curiosa lição de colonização, dada pelo arrôjo dos caboclos que antes viviam abandonados ao léo da sorte. Tudo surgiu espontaneamente com a abertura da estrada.*

*... Mas depois de Gurupi... existiam outros 273 quilômetros de estrada já entregue ao tráfego. E, de légua a légua está aparecendo gente, a abrir clareira nos cerrados e nas matas, junto aos riachos, para suas casas e lavouras. Outras cidades começam a nascer com o milagre da rodovia”.*<sup>12</sup>

Vaitsman afirma que a ocupação se dá “*espontaneamente com a abertura da estrada*”, como se a estrada fosse o único chamariz que atraísse o homem para a ocupação das terras da Amazônia Legal. Porém, o fato é que, já em 1938, Getúlio Vargas anunciava a “*marcha para o oeste*” não estando com o objetivo de criar uma política de segurança interna e nacional, mas a de que a idéia era que um grande número

<sup>11</sup> Maurício Vaitsman. *Brasília e a Amazônia (reportagem)*. Rio de Janeiro, 1959, p.127,

<sup>12</sup> Idem. Op. cit., p. 55-7.

de pessoas “*desocupadas*” que se concentravam nos grande centros urbanos se deslocasse para as áreas tidas como um “*vazio demográfico*” evitando, grandes conflitos sociais nas regiões sudeste e nordeste e objetivando restaurar o papel do Brasil no mercado internacional da borracha.

Nos anos 40 e 50, esse movimento migratório direcionou-se para o Estado do Paraná, mas nas décadas seguintes, a Amazônia Legal voltou a fazer parte da pauta das preocupações governamentais com a política de Ocupação de Amazônia, e para “*ligá-la*” ao resto do país, criou rodovias, dentre elas a Transamazônica que teria 2.300 quilômetros de extensão, e segundo Castro, o governo federal tinha por objetivo, assentar ao longo desta rodovia, até o ano de 1.974, 100 mil famílias e até 1.980, um milhão; a Perimetral Norte, com 1.320 quilômetros; a Cuiabá/Santarém; a Manaus/Porto Velho; a Cuiabá/ Porto Velho. Certamente estas rodovias deram uma dimensão nova à política de assentamento através da colonização e da abertura de áreas urbanas na região da Amazônia Legal.<sup>13</sup>

O governo federal, nos anos 70, respaldado na doutrina de “*Segurança, Integração e Desenvolvimento*”, definiu uma política de ocupação na qual a Amazônia passou a ser alvo dos discursos de ocupação e colonização, de progresso e valorização, de fartura e de riqueza. Através do PIN- Programa de Integração Nacional, o governo tentou dar um sentido social à política adotada. Segundo Castro “*a essência do PIN traduzia-se na implementação de programas através de pequenas e médias propriedades agrícolas, de natureza nitidamente familiar, constituídas por levas de pequenos agricultores procedentes do nordeste*”. Nesse processo, Mato Grosso passou a ser o “*portal de entrada*” para a conquista da Amazônia, onde levas de migrantes começaram a chegar.<sup>14</sup>

A área definida como Amazônia Legal recebeu recursos de diversos programas governamentais, tornando-se um espaço concorrido para a implantação de projetos privados de colonização na região, sendo que mais de 90% desses projetos estavam direcionados à colonização de Mato Grosso. Segundo Oliveira, a maioria das empresas

---

<sup>13</sup> Sueli Pereira Castro, et al. *A colonização oficial em mato grosso: “a nata e a borra da sociedade”*. Cuiabá, 1994, p.17

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*.

de colonização que tinham projetos privados, montou escritórios no sul do país principalmente no norte e oeste do Paraná, tais como Maringá, Cianorte, Umuarama, Assaí, buscando atrair os colonos para a região.<sup>15</sup>

Porém, devido às péssimas condições de vida e de trabalho na área rural contradiziam as propagandas do governo, os migrantes que saíam de pequenas áreas urbanas não quiseram se embrenhar na mata sem as mínimas condições de sobrevivência. Desta forma, muitos preferiram a periferia da cidade que lhes oferecia, ainda que precariamente, serviços públicos essenciais, onde pelo menos, tinham acesso à educação, saúde e consumo.

Na segunda metade do século XX, a fronteira amazônica passa a ser uma fronteira urbanizada não caracterizando mais a migração rural-rural. Só para se ter uma idéia em números, Cardoso demonstra que na região norte, nos anos de 1950-60, 77% da população se concentrava em áreas urbanas e nos anos de 1960-70, 74% da população era urbana.<sup>16</sup>

Sawyer afirma que na década seguinte, em 1980, 67,8% da população do Centro-Oeste era urbana, e que o migrante que partiu para a região da Amazônia Legal descobriu a duras penas “*que a terra sem homens não ajuda o homem sem terra*” seria preciso muito mais que distribuição de terras, seria necessário uma infra-estrutura mínima para que ele se estabelecesse na região.<sup>17</sup>

Mas esse processo migratório às áreas urbanas não ocorre apenas nessa região, Segundo Rabinovitch (2000:172) “*estamos entrando no primeiro século urbano da História. Nunca houve tanta gente morando em áreas urbanas em nenhum outro momento da jornada humana*” e o crescimento das cidades parece “*inevitável e irreversível*”.<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> Ariovaldo Umbelino Oliveira. Op. cit., 1989, p.21.

<sup>16</sup> Fernando H. e Cardoso. Geraldo Müller. *Amazônia: expansão e capitalismo*. São Paulo, 1978, p.55.

<sup>17</sup> Sawyer. Op. cit., 1989, p.06.

<sup>18</sup> Jonas Rabinovitch Como construir hoje o amanhã das cidades. 2000, p.172.

### 3. A Divisão do Estado de Mato Grosso

Para verificar o que tornava o Estado de Mato Grosso um lugar ideal para se viver, no olhar dos migrantes que para lá se dirigiram, é preciso lembrar que, desde o ano de 1975, a pedido do Presidente Ernesto Geisel, a Superintendência de Desenvolvimento (SUDECO) iniciou o estudo visando o desmembramento da área do Estado de Mato Grosso, com a criação do Estado do Mato Grosso do Sul.

Segundo Maurício Rangel Reis, Ministro do Interior, na época, havia diversas razões que justificavam a divisão do Estado, uma vez que as próprias raízes históricas das regiões sul e norte do Estado, as diferenciavam. Mas, para ele, o importante era levar em conta as perspectivas do futuro. Na visão do ministro, a região sul do Estado tinha extraordinário potencial agrícola. Já a região norte, com características pré-amazônicas, reunia grandes possibilidades nas atividades agropecuárias, florestal e de mineração, podendo tornar-se o Portal da Amazônia, isto é, o centro polarizador dos troncos rodoviários que ligariam o Norte e o Oeste até a fronteira e se tornaria um dos principais alicerces do desenvolvimento econômico e social do país. Todas essas idéias eram veiculadas na mídia.<sup>19</sup>

O Governo Federal também prometia apoio financeiro aos dois Estados e novos programas nas áreas urbanas e rurais. Mato Grosso teria benefícios de incentivo em todo seu território, entendendo que, antes da divisão, tais benefícios atingiam até a área do *paralelo 16*<sup>20</sup>, sendo que, se houvesse a divisão, este receberia, do Fundo de Participação dos Estados, dez vezes mais do que vinha recebendo, durante o prazo de 10 anos.

Assim, em 11 de outubro de 1977, com a assinatura da Lei Complementar nº 13, foi realizada a divisão do Estado de Mato Grosso, não sem protestos e festejos, contra e a favor.

---

<sup>19</sup> Revista Bimestral do Ministério do Interior. Ano III, nº 20, Edição Especial, novembro de 1977, p.4.

<sup>20</sup> O Paralelo 16 corta o território do Estado de Mato Grosso a partir da região de Cáceres, o que deixava o Pantanal e todo o atual Estado de Mato Grosso do Sul fora do programa de ajuda financeira do Governo Federal.

### 3. a) Cuiabá na década de 70

Até o início da década de 70, a cidade de Cuiabá (ver Mapa 3) possuía uma população de mais ou menos 100 mil habitantes, mas ao final dessa década, já possuía o dobro. De 1975 em diante, Cuiabá teve um crescimento acelerado e com esse crescimento, agravaram-se os problemas já existentes, tais como falta de saneamento básico, água, luz e escola. Ao longo do tempo surgiram novos problemas como as ocupações de terrenos localizados nas áreas urbanas e o surgimento de favelas. Segundo o Presidente da Câmara Municipal Benedito Alves Ferraz havia cerca de 5 mil famílias faveladas ao redor e dentro de Cuiabá. Na administração do prefeito Manuel Palma, de 1975 a 1979, a prefeitura aprovava, em média, 10 projetos de construção civil por dia e os pedidos de terrenos feitos por "*chegantes pobres*" era aproximadamente, de 120 por semana.<sup>21</sup>

Neste período, o Governo Estadual, como uma forma de evitar as ocupações de terras e de orientar e encaminhar os "*chegantes*" para o mercado de trabalho, criou o Centro de Triagem de Migrantes.

A maioria dos migrantes era oriunda da cidade de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia, ou era constituída de pequenos agricultores oriundos do sul do país que migraram em busca de terras, mas que descapitalizados ou sem capital para o auto sustento e sem qualificação para o trabalho na cidade, tentavam retornar para sua região de origem.

O setor que mais absorveu mão-de-obra dos "*chegantes*" foi o setor da construção civil e as obras do 9º Batalhão de Engenharia de Construção do Exército, na implantação de rodovias, na derrubada da mata ou na formação de pastagem. Porém, todo esse contingente de trabalhadores, na época das chuvas, retornava para Cuiabá onde encontrava sua família, morando precariamente e vivendo do mercado informal: as mulheres lavando roupa, os filhos engraxando sapatos ou fazendo pequenos serviços para ajudar no sustento da família.

---

<sup>21</sup> Revista Bimestral do Ministério do Interior. Op. cit., p.10.



**Mapa 3: Localização dos municípios de Cuiabá e Várzea Grande / MT<sup>22</sup>**

---

<sup>22</sup> Leodete Miranda e Lenice Amorim. *Mato Grosso: Atlas Geográfico*. Cuiabá: Entrelinhas, 2000, p. 11

Conforme texto contido na Revista Interior, *"a fixação na zona urbana de Cuiabá, em muitos casos, é determinada pela necessidade que os pais sentem de dar escolaridade para os filhos"*. Isto mostra que na área urbana, ainda que vivendo precariamente, os migrantes tinham interesse ou preocupação pela educação dos filhos.<sup>23</sup>

Ainda conforme a Revista Interior, os migrantes que vinham se instalar em Cuiabá formavam duas categorias distintas: os descapitalizados e os capitalizados. Segundo a reportagem:

*"os capitalizados e os cuiabanos de classe abastada, atraídos pela súbita elevação do valor dos imóveis no centro (...) é que estão ocupando os loteamentos das novas áreas nobres residenciais, onde são comuns as mansões e outros tipos de residências de luxo"*.<sup>24</sup>

Mas, entre os migrantes, havia também aqueles que não possuíam grandes recursos financeiros e por isso, viviam na periferia da cidade, onde montavam seu estabelecimento comercial, geralmente no ramo alimentício, como bares, mercearias e pequenos mercados.

### **3. b) Várzea Grande: Três décadas decisivas**

O município de Várzea Grande foi criado no ano de 1948, mas foi nas décadas de 60 e 70 que o setor industrial do município ganhou impulso. Segundo Ferreira (1997: 639), as administrações municipais procuraram atrair grandes indústrias e grupos financeiros com uma política de incentivos fiscais, fornecimento de infra-estrutura adequada e de doações de grandes áreas para a construção de grandes indústrias, como as que se encontram hoje, a Refrigerantes Noroeste Coca-Cola, Empresa Berneck Laminados, Atlantic Verner S/A, Timber da Amazônia, Fenan, Mapin S/A, Enco Engenharia e Comércio, Madenorte, a Empresa Sadia Oeste. A industrialização ocorreu

---

<sup>23</sup> Revista Bimestral do Ministério do Interior. Op. cit., p.11.

<sup>24</sup> Idem. Ibidem.

na Alameda Júlio Müller, antigo caminho de pescadores que adquiriu ares de Distrito Industrial.<sup>25</sup>

Nesse período, segundo Monteiro com a doação de lotes para a população, surgiram muitos bairros na periferia da cidade como o Bairro Cristo Rei, o maior de Várzea Grande. O centro da cidade também foi modificado e áreas com lotes vazios foram sendo desapropriadas e na década de 80, estes foram ocupados pela prefeitura destinando-os a feiras livres, à construção do Ginásio de Esporte Fiotão e às praças urbanizadas.<sup>26</sup>

Para Monteiro a educação foi outro setor que cresceu muito em Várzea Grande, da primeira Escola Feminina de Várzea Grande, fundada em 12 de fevereiro de 1920, quando a cidade ainda era uma Vila, até 1983, em que a rede municipal de ensino passou a atender, em suas 22 escolas, uma média de 1.050 alunos, no ensino fundamental. Com o aumento da população, já em 1984, o município ampliou sua rede para 28 escolas municipais e o número de alunos também cresceu muito indo para aproximadamente 3.840 crianças, excluindo-se aí, aqueles que se deslocavam para Cuiabá para estudar. No que diz respeito ao Ensino Médio, em 1979, havia somente três Ginásios Estaduais, com 23 salas de aula que atendiam 835 alunos e que em 1987, a rede escolar e o número de alunos do ensino médio havia se duplicado.<sup>27</sup>

Como se pode constatar, após a divisão do Estado de Mato Grosso, a população de Cuiabá e Várzea Grande apresentou um crescimento quantitativo visível, dando-se especial ênfase sobre o crescimento das condições de acesso à educação pública.

Neste capítulo I procurou-se apresentar um panorama histórico na tentativa de esclarecer os fatos que impulsionaram os sujeitos da pesquisa a migrarem da Vila de Casa Branca para a região Centro-Oeste, mais especificamente, para Cuiabá e Várzea Grande, ou seja, migrar para um centro urbano que estava em expansão, buscando assim melhores condições de sobrevivência e conseqüentemente a melhoria de vida.

---

<sup>25</sup> João Carlos Vicente Ferreira. Op. cit., 1997, p 637-40.

<sup>26</sup> Ubaldino Monteiro. *Várzea Grande: Passado e Presente Confrontos - 1867-1987*. Cuiabá. s/d, p. 138.

<sup>27</sup> Idem. Op. cit., 1987, p.157

## CAPÍTULO II

# AS EXPECTATIVAS ACERCA DA MIGRAÇÃO, DA EDUCAÇÃO E DO TRABALHO

### 1. Migração e Educação

O presente Capítulo destina-se a discutir sobre as expectativas que o migrante tem face à sua própria migração. E neste sentido, a educação é analisada com o intuito de se entender como esta faz parte das expectativas do migrante em sua trajetória de vida.

De acordo com Moraes, o que impulsiona as ações sociais dos homens é a sua “*visão de mundo*” enquanto valor simbólico produzido e consumido socialmente como “*combustível intelectual*” que impulsiona a prática social.<sup>1</sup>

Assim sendo, as expectativas que o migrante tem acerca do local que escolhe para migrar é baseada tanto em sua “*visão de mundo*” como também em suas expectativas, que conforme Vieira são parte do processo vivido pelos sujeitos ativos que estabelecem relações determinadas com a realidade e que, portanto, não podem ser ignoradas pelo investigador.<sup>2</sup> Segundo Mattos são as expectativas que permitem retornar ao conjunto de eventos, recortando a individualidade do sujeito dentro da coletividade, dando “*voz e rosto*” às tabelas estatísticas, tão comuns quando o assunto é migração.<sup>3</sup>

As expectativas existentes no interior do processo migratório, denominadas por Guimarães Neto como “*representações*”, são imagens “*mágicas*” que os homens constroem e funcionam como uma “*bolha de sabão*”. Essas imagens é que fazem os indivíduos partirem em busca de “*um futuro bem-estar*”. Nesse sentido, a propaganda

---

<sup>1</sup> Antônio Carlos Robert Moraes. *Ideologias Geográficas*. São Paulo, 1988, p.40.

<sup>2</sup> Maria do Pilar de A. Vieira *A pesquisa em história*. São Paulo, 1989, p.39.

<sup>3</sup> Ilmar Rohloff de Mattos. *O Tempo Saquarema*. São Paulo, 1987, p.288.

da “*terra prometida*”, do “*lugar de fartura*”, só materializa aquilo que o migrante deseja e ao sair de seu lugar de origem, ele realmente acredita que essa nova terra irá lhe oferecer o melhor para sua vida e de seus filhos.<sup>4</sup>

Segundo Guimarães Neto, essas expectativas do migrante não são individualizadas, mas coletivas, e a migração não é uma resposta imediata às necessidades econômicas e à propaganda do lugar, uma vez que o migrante, ao responder ao apelo propagandístico das colonizadoras, demonstra suas próprias aspirações e reivindicações de uma vida melhor para sua família.<sup>5</sup>

A fantasia, os conceitos e valores, bem como a esperança de uma vida melhor, de ascensão social e riqueza, como afirma Guimarães Neto são deste modo, despertadas pela ideologia da nova terra completando uma espécie de sonho do paraíso; uma vez que “*essa construção imaginária tem como fulcro principal a crença na riqueza: atração e fé se mesclam nesta visão do novo, que tem como essência a promessa de uma vida melhor.*”<sup>6</sup>

Essas famílias quando migram, vêm em busca de um futuro melhor e como afirma Martins, a melhora que os migrantes buscam “*não diz respeito a nível de vida e sim às possibilidades de trabalho*”, uma vez que na área de origem não havia a possibilidade de conseguir trabalho. Assim, o presente difere do passado porque na região de origem “*o crescimento da família e o crescimento dos filhos gerava uma escala de necessidades que não podia ser atendida pelo trabalho*”.<sup>7</sup>

Martins afirma que o desejo de ter um trabalho, de ter um futuro melhor não pode ser entendido como “*busca de enriquecimento*”, e neste sentido, o filho é o herdeiro desse futuro melhor, uma vez que:

*"a infância é o período da vida em que a criança se prepara para herdar. O destino de cada um é o destino do herdeiro e a vida é uma estratégia de adultos e crianças para constituir o patrimônio dos*

---

<sup>4</sup>Regina Beatriz Guimarães neto. *A lenda do ouro verde*. São Paulo, 1986, p.10.

<sup>5</sup>Idem. Op. cit., p.23.

<sup>6</sup>Idem. Op. cit., p.19.

<sup>7</sup>José de Sousa Martins. Op. cit., 1997, p.125.

*herdeiros. Deste modo, a vida real e cotidiana (...) move-se permanentemente ao redor de um eixo de tempo que é a presunção do futuro, o tempo do herdeiro, da geração seguinte".<sup>8</sup>*

Foweraker, ao analisar o motor da migração apresenta um dado a ser considerado: a transmissão da herança; quando o pai morre os bens da família são divididos, sendo que metade pertencerá à esposa e o restante, aos filhos. Nesse processo, ocorre a progressiva divisão e subdivisão dos bens conforme passam as gerações, e com isso, cresce a população que deverá se sustentar através dos bens da família. Assim, se não houver um crescimento significativo desta herança, o padrão de vida da família irá decrescer.<sup>9</sup>

Embora Foweraker esteja se referindo à herança da terra, tal análise da herança, instiga a reflexão sobre a questão da herança cultural deixada pelos pais e que deve ser considerada como um fator importante. E a escola se apresenta como um dos locais onde se vê garantida a possibilidade do enriquecimento dessa herança cultural, o que torna a escola, parte integrante das expectativas dos indivíduos como possibilidade de melhoria de vida.

Lopes afirma que esse ideal de escola já existia desde antes da criação da “*instituição escola*”, quando os indivíduos, pelo menos no discurso, foram “*proclamados iguais*” e a instrução entendida como uma forma “*de libertação e de igualização*”.<sup>10</sup> Esta concepção de escola persistiu ao longo do tempo, chegando aos nossos dias, e apesar de todas as críticas atribuídas à ela, esta continua viva no imaginário social. Para Valle, por exemplo:

*“(...) entender a Escola como realidade também imaginária significa aceitá-la como produzida no interior de uma relação de afetos. E da maneira que a encaramos, existindo concretamente no presente como resultante desta teia de relações e como virtualidade do ideal, do projeto, investimento do desejo*

---

<sup>8</sup> Idem. Op. cit., p.27

<sup>9</sup> Foweraker. Op. cit., p.104-6.

<sup>10</sup> Eliane Marta Teixeira Lopes. Origens da Educação Pública: a instrução na Revolução Burguesa do século XVIII. São Paulo, 1981, p.123

*que possui sempre uma totalidade, que cria um passado com identidade, que cria o futuro como possibilidade e com intenção”.*<sup>11</sup>

Bernard Charlot, em palestra conferida na Universidade Federal de Mato Grosso, em 4 de agosto de 2000, tomando como base as pesquisas que realizou com imigrantes na França, afirma que, para qualquer migrante, é preciso audácia e coragem para sair da comodidade de seu lar, de sua terra e ir em busca de um futuro melhor. No entanto, ao abordar a relação família-escola, Charlot explica que existe uma grande demanda de êxito escolar por parte das famílias populares, sobretudo das famílias de imigrantes e que existe uma grande confiança na escola por parte dessas famílias. Para Charlot, a idéia que o pai tem sobre a possibilidade de que seu filho vai mudar de vida, “*graças ao êxito na escola*”, é forte nas famílias de imigrantes, já que o estudo dará continuidade ao projeto de melhoria que o pai buscava ao imigrar. Assim, “*o êxito escolar é para a segunda e terceira geração de imigrantes, o equivalente a imigração para a primeira geração*”. A contradição está nos valores e competências que o filho vai adquirir e que diferem dos valores e competências que o pai trouxe de seu lugar de origem.<sup>12</sup>

Essa valorização da escola e a expectativa em relação ao sucesso do filho na escola, e conseqüentemente na vida, segundo Charlot, se dá após a migração, quando a família se vê diante de uma nova realidade e o filho tem que se adaptar a ela, integrando-se a novos valores e costumes. Charlot, ao analisar a relação pai e filho, acrescenta que o filho precisa se opor à figura psicológica dos pais e construir-se contra o pai para que possa se tornar adulto, mas esclarece que o filho só poderá fazer oposição ao pai se a figura do pai for consistente junto ao filho, ou seja, se a expectativa e as cobranças do pai estiverem presentes nas realizações e fracassos vividos pelo filho. Segundo o autor:

*“Podemos explicar assim: para se tornar adulto, é preciso se construir contra os pais. Mas contra, em francês, possui dois significados: junto de e em oposição aos pais. E só posso me opor aos meus pais, se a figura*

---

<sup>11</sup> VALLE, Lilian do Valle. *A Escola Imaginária*. Rio de Janeiro, 1997, p.199.

<sup>12</sup> Idem. Op. cit., 1995, p. 22-3

*psicológica dos meus pais for suficientemente sólida, caso contrário todas as referências caem por terra e desaparecem”.*<sup>13</sup>

É nesse momento que aparecem os sentimentos contraditórios: o entusiasmo e o sofrimento de não ver no filho a continuidade de si mesmo. Rochex observa que é necessário que pai e filho saibam administrar essa contradição e que, para isso, é preciso uma “*tripla autorização*”. Ele define a primeira como sendo a autorização dos pais para que o filho possa ser diferente deles; na segunda, o filho deve se permitir ser diferente dos pais, e na terceira, o filho deve permitir que os pais sejam diferentes dele e os aceite.<sup>14</sup>

Como pode-se ver, o migrante cria a expectativa de uma vida melhor quando decide sair de sua terra de origem e ir ao desconhecido e quando ele não consegue a melhora esperada, lança sua expectativa sobre o filho, direcionando-a para o sucesso do filho no trabalho, só que este sucesso no trabalho acaba por depender do estudo.

Desta forma, o estudo do filho é equivalente ao seu processo migratório, pois novamente o pai está apostando no futuro. Se o filho mudar sua vida, a migração e o sacrifício do pai passarão a ter sentido novamente. Se o pai migrou e não ganhou quase nada, pelo menos, o futuro do filho será bem sucedido e o pai verá sentido em sua própria imigração, uma vez que este entende que no lugar de origem, seu filho não conseguiria obter o sucesso que agora tem e que foi graças ao seu sacrifício de mudar de lugar, de apostar no futuro e de arriscar-se, que seu filho, agora, tem mais chances na vida.

Bourdieu em seu artigo "*As contradições da herança*"<sup>15</sup> afirma que permeando a relação da busca do sucesso através da educação, o filho tem que enfrentar as expectativas que o pai cria sobre a vida do filho. De acordo com Bourdieu, algo, porém, é certo: o pai, projeta para o filho um futuro sempre superior à posição que ele, o pai, tem. Assim, o pai almeja sempre um status maior para seu filho. E para o filho dar continuidade à "*linhagem*" e à "*herança*", é necessário distinguir-se da figura paterna, superá-lo e até negá-lo. O pai por sua vez, deseja e não deseja tal "*superação*

---

<sup>13</sup> Idem. Op. cit., 1995, p.24.

<sup>14</sup> Rochex. In Bernard Charlot. Op. cit., 1995, p.24.

<sup>15</sup> Pierre Bourdieu. *Escritos de educação*. Petrópolis, RJ, 1998, p.231-37.



*assassina*". Isto é, o pai deseja que o filho consiga ser o que ele (pai) não conseguiu na vida e quer que o filho se torne melhor que ele, o pai. Ao mesmo tempo, o pai sente-se diminuído, em sua importância, diante do sucesso que o filho pode ter. Isto, às vezes, faz com que o pai perca sua posição de "*chefe da família, dispensador e ordenador de todas as coisas*", pois os filhos passam a viver novos valores e adquirem a emancipação financeira ao conseguirem um emprego com maior remuneração que a do próprio pai.

Quanto mais instruído é o filho, maiores são as diferenças entre o pai e o filho, e portanto, maior a necessidade de aceitação dessas diferenças. E tais diferenças vão surgindo cada vez mais cedo na relação entre pai e filho. E de acordo com Bourdieu, o caso extremo onde isso acontece é naquelas famílias "*onde o pai analfabeto é obrigado a recorrer ao filho ou filha, ainda meninos, para ler ou redigir as cartas, preencher formulários administrativos ou mesmo orientar suas decisões pelo que diz respeito à vida econômica da família*".<sup>16</sup>

Segundo a análise que Bourdieu faz do papel do pai, este é o "*sujeito e o instrumento de um projeto*", que é construído inconscientemente, através da maneira de ser, da herança cultural transmitida ao filho na convivência familiar. E quando o filho aceita docilmente o que foi "*projetado*" para ele, pelo pai, faz com que ele, o filho, se torne um "*herdeiro sem história*", uma vez que perpetua o papel exercido pelo pai e, ao conservar essa herança, o filho consoma o "*assassinato do pai*", pois o filho não obteve o sucesso esperado e fracassou, não realizando as expectativas que o pai havia posto sobre o seu futuro, isto é, este não foi além daquilo que o pai já havia conseguido.<sup>17</sup>

Segundo Bourdieu para atender aos desejos do pai, sobre o filho ter sucesso, este tem de superá-lo e ao fazê-lo, deve rejeitar os ideais do pai, isto é, ir além do que sua família tem, além da herança cultural e dos valores herdados na convivência familiar. Assim, para realizar a expectativa de sucesso posto sobre ele, o filho precisa rejeitar e negar o que foi projetado para ele, pelo pai. É preciso, ao filho, criar e viver sua própria história, e neste caso, que o filho também consoma o "*assassinato do pai*".<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Pierre Bourdieu. *O desencantamento do mundo*. São Paulo, 1979, p 74.

<sup>17</sup> Pierre Bourdieu. Op. cit., 1998, p.231-2.

<sup>18</sup> Idem. *Ibidem*.

Quanto à expectativa dos pais, Bourdieu afirma que estes, muitas vezes, têm expectativas que vão além do que seja possível ao filho realizar, como se ele tivesse que terminar o que o próprio pai não conseguiu, caracterizando um *"descompasso"* entre o que o filho realiza e o que o pai projeta para ele, é como se quisesse que o filho se tornasse seu substituto na história familiar.<sup>19</sup>

A escola, muitas vezes, é o primeiro local onde aparece esse descompasso, uma vez que é nela que a criança recebe o *"veredicto"* de SUCESSO ou FRACASSO de forma clara. Assim, além da família, a escola também confirma ou contraria a expectativa que é colocada sobre o filho, aprovando-o e garantindo o seu sucesso, ou reprovando-o e confirmando seu fracasso. Para Bourdieu:

*"Aqueles, comumente chamados de fracassados, são, essencialmente, os que erraram o objetivo que lhes foram socialmente atribuídos pelo projeto inscrito na trajetória dos pais e no futuro que ela implica. Se em sua revolta tornam-se, indistintamente, contra a escola e a família, é porque têm todas as razões de sentir a cumplicidade que, apesar da oposição aparente, unem essas duas instituições e se manifesta na decepção de que eles são a causa e o objeto".*<sup>20</sup>

Assim, a escola e a família são cúmplices nessa exigência do sucesso, pois ambas as instituições, manifestam sua decepção e pressionam os indivíduos ao sucesso, obrigando-os ao cumprimento de habilidades mínimas exigidas dentro do padrão social e cultural estabelecido. Segundo Bourdieu, quando o veredicto do fracasso escolar é dado, as expectativas e as esperanças do pai levam um duro golpe, criando uma imagem negativa do filho, pois tal veredicto, mata simbolicamente o projeto do pai.<sup>21</sup>

Segundo Bourdieu em todos os casos, ao filho caberá apenas a culpa: *"se obtém êxito, sente-se culpado de traição; se fracassa, carrega a culpa de ter causado uma decepção"*, e desta forma, quanto maior for o êxito do filho nessa rejeição do projeto do pai, maior será seu fracasso diante do pai; e quanto maior for sua aceitação às

---

<sup>19</sup> Idem. Ibidem.

<sup>20</sup> Idem. Op. cit., 1998, p. 233.

<sup>21</sup> Idem. Ibidem.

expectativas do pai, maior será seu fracasso diante de si mesmo e das expectativas de sucesso do próprio pai.<sup>22</sup>

Aparentemente contraditório, o filho tem que ter sucesso para realizar a expectativa do pai, mas para ter sucesso, precisa superar o pai, e para fazê-lo, o filho precisa negar seu próprio pai. E se o filho não nega o pai, não conseguirá superá-lo, mas se o filho não superar o pai, não conseguirá atender à expectativa de sucesso que o pai projetou nele. Conforme Bourdieu, o pai diz:

*“seja como eu, faça como eu, e, ao mesmo tempo: seja diferente, desapareça. Toda a sua existência encerra uma dupla injunção: tenha êxito, mude de situação, torne-se um burguês, e, por outro lado, permaneça simples, sem orgulho, próximo ao povo (de mim). ... deseja e teme que o filho se torne um alter ego, teme e deseja que ele se torne um alter.”*<sup>23</sup>

## 2. O sentido da Educação

Para Bourdieu, o fato do fracasso na escola afetar ou não o indivíduo vai depender da relação e da importância que os pais fazem da instituição escola. Se a escola tiver o papel importante na realização do sonho do pai, então, seu veredicto causa sofrimento no filho, e muitas vezes, leva-o a orientar-se para um estilo de vida oposto ao dos pais e, conseqüentemente, à revolta e à rejeição à herança cultural dos pais<sup>24</sup>.

Segundo Gomes, para compreendermos a importância dada à Educação pelas famílias será necessário fazer o relação com a história escolar dos membros da família, pois *"a vida escolar de cada sujeito depende, também, de sua história singular de socialização no seu grupo doméstico de origem. Ou seja, a história de escolarização de uma família particular ilumina a história singular de seus filhos."*<sup>25</sup> Assim, se o nível de aspiração de estudo por parte dos filhos for dependente do valor que os pais derem a ele, é preciso verificar então qual o valor dado ao estudo pelos pais para se verificar o

<sup>22</sup> Idem. Op cit., 1998, p.235.

<sup>23</sup> Idem. Op cit., 1998, p.234.

<sup>24</sup> Idem. Op. cit., 1998, p.323.

<sup>25</sup> Jerusa Viera Gomes. *Jovens urbanos pobres; anotações sobre escolaridade e emprego.* 1997, p.53.

grau de valoração dado pelos filhos e a importância dada à continuidade ou não ao estudo.

Segundo Boudon, citado por Gomes, todo aluno, em algum momento de sua vida escolar, se depara com a necessidade de decidir se continua ou pára de estudar, mas sua permanência ou não na escola vai depender das diferentes estimativas que os indivíduos ou as famílias têm a cerca de custos, riscos e benefícios antecipados que o estudo implica. É nesse momento que a história escolar da família vai ter maior influência sobre o sujeito, pois ele irá se perguntar: O estudo vai ajudar a melhorar minha vida? Assim, no momento em que a vida põe em disputa o estudo e a sobrevivência, quase sempre o estudo será preterido.<sup>26</sup>

Os motivos para os jovens abandonarem a escola são vários, mas Gomes, em sua pesquisa, afirma que há momentos decisivos diferentes de acordo com o gênero. A jovem tem 3 momentos que são decisivos em sua vida quanto à continuidade ou não dos estudos, isto é, a escolha "*entre a vida doméstica e a escola, ou a maternidade e a escola, ou o emprego e a escola.*" Ao jovem, no entanto, a escolha da continuidade ou não dos estudos fica quase sempre entre o trabalho e a escola, pois ele se vê na obrigação de ajudar no sustento da família e seu trabalho é a possibilidade de elevar a renda familiar.<sup>27</sup>

A pergunta que se faz à nova geração seria: estudar mais é realmente a garantia de no futuro ter um bom emprego e assim ter um bom salário e consequentemente melhorar de vida?

É nessa encruzilhada entre o presente e o futuro que o jovem analisa e antecipa os riscos e os benefícios que poderá ter, e segundo Gomes, o filho faz tal análise baseando-se na história escolar dos pais, dos companheiros, dos vizinhos mais velhos. Assim, a escola e o saber proporcionado por ela vai perdendo seu valor quando eles percebem que a escola pouco ajudou na vidas dessas pessoas e que seus pais conseguiram sobreviver, criar seus filhos, dar um mínimo de conforto à família, mesmo

---

<sup>26</sup> Boudon, in Jerusa Viera Gomes. Op. cit., 1997, p.55

<sup>27</sup> Jerusa Viera Gomes. Op. cit., 1997, p.57.

sem muito estudo, e assim, a escola tem pouco ou nenhum valor em si para essas famílias e o estudo acaba sendo destituído de importância e significado.<sup>28</sup>

Gouveia afirma que a família tem grande influência sobre a decisão dos filhos quanto à continuidade e o tempo de permanência na escola, principalmente quando há, por parte da família, uma valorização simbólica do diploma, devido ao capital cultural escolar consolidado por duas ou mais gerações<sup>29</sup>.

No século XX, na sociedade brasileira, a idéia da escola pública e gratuita como sendo a saída para a melhoria da sociedade trouxe, para o cotidiano das famílias, a necessidade do estudo. Segundo Santos, após os anos 30 optou-se pelo "*desenvolvimento fundamentado na industrialização em larga escala*", isto porque a população urbana começara a crescer e a política educacional voltada para o ensino profissionalizante visando a formação de mão de obra, tinha por objetivo atender às necessidades do processo de industrialização e da população urbana crescente. Em 1942, a criação do SENAI pelo Governo em convênio com o setor industrial, foi um marco nesta política educacional, pois criou uma rede de ensino paralela ao ensino público que era dividido em dois ciclos: ciclo fundamental e o de técnico industrial que compreendia o curso de formação pedagógica.<sup>30</sup>

Santos ainda relata que em 1950 relata que foram aprovadas leis que permitiam aos estudantes ingressar em qualquer curso secundário e superior desde que fizesse exames de adaptação das disciplinas não estudadas nos ciclos anteriores.<sup>31</sup>

Segundo Spósito, após 1964, quando os militares se ocuparam da administração do país, articulou-se uma política educacional baseada na Teoria do Capital Humano<sup>32</sup>, em que a capacidade de trabalho de cada indivíduo deveria ser melhorada através da Educação e do Treinamento tornando o indivíduo proprietário de uma força de trabalho especializada. Nesta lógica, o trabalho assalariado daria oportunidade de crescimento a

---

<sup>28</sup> Idem. Ibidem.

<sup>29</sup> Aparecida Joly Gouveia. *Democratização do Ensino e Oportunidades de Emprego*. São Paulo, 1981, p.114

<sup>30</sup> Jailson Alves dos Santos. *A trajetória da Educação Profissional*. Belo Horizonte, 2000, p.115-17.

<sup>31</sup> Idem. Op. cit., p 117

<sup>32</sup> Para ver mais sobre a Teoria do Capital Humano, cf., Gaudêncio Frigotto. *A produtividade da escola improdutiva*. Cortes: São Paulo, 1984.

quem se esforçasse. Assim também, a idéia de "Democratização da Educação", apregoando que todos os indivíduos teriam oportunidades iguais de acesso à educação, seria a garantia *"mais eficiente e gradual da distribuição de renda"*, pois com o exercício de um trabalho qualificado, o indivíduo teria um emprego melhor remunerado.<sup>33</sup> O aparelho estatal é o principal veiculador desses idéias e a escola passou a ser considerada a grande salvadora da sociedade, visando contribuir para a construção de uma sociedade aberta e democrática. Segundo Spósito, *"o discurso oficial do Estado procura veicular o mito da "escola única", promotora de direitos iguais para todos, equalizadora de oportunidades - a desigualdade é entendida como meramente proveniente das diferentes aptidões e talentos individuais."*<sup>34</sup> Assim, a escola passa a ser fornecedora de mão de obra qualificada, os cursos técnicos são implantados e os indivíduos são preparados para o trabalho. Nesta perspectiva, Chauí, citada por Spósito, afirma que *"com a reforma de ensino, a educação é encarada como adestramento de mão de obra para o mercado"*.<sup>35</sup>

Bomeny afirma que na década de 70 foi dada ênfase aos cursos técnicos de curta duração, procurando atender às necessidades de mão de obra às empresas, e que nesse período, menos de 30% dos alunos concluíram a 8ª série e os que fracassavam vinham, em sua grande maioria das camadas mais pobres da sociedade. Foi para atender a esta grande parcela da população pobre que a Qualificação Profissional e o Ensino Básico (1º e 2 grau) passaram a ser um fator econômico tão relevante quanto os equipamentos da indústria.<sup>36</sup>

Mas também foi na década de 70 que ocorreu o chamado *"Milagre Econômico"*, quando houve o crescimento econômico sem educação, mas segundo Castro, *"essa mágica se esgotou (...) e de agora em diante o crescimento econômico será movido a educação."*<sup>37</sup>

<sup>33</sup> Marília Pontes Sposito (coord.). *O trabalhador Estudante: um perfil do aluno do curso superior noturno*. São Paulo, 1989, p.10.

<sup>34</sup> Idem. Op. cit., 1989, p.15.

<sup>35</sup> Marilena Chaiui, in Sposito. Op. cit., 1989, p. 16.

<sup>36</sup> Maria Helena Bomeny (org). *Ensino Básico na América Latina: experiências, reformas, caminhos*. Rio de Janeiro, 1998, p.24.

<sup>37</sup> Cláudio de Moura Castro. *A Educação é o Combustível do Crescimento no Brasil*. 2000, p.196.

Segundo Bomeny, no final do século XX, a "*Revolução Tecnológica*" pôs fim à distinção entre "*educação para o trabalho e educação para a cidadania*", e o mercado de trabalho tornou-se mais exigente na seleção do seu quadro de funcionários e a escola incorporou, definitivamente, a concepção da escola como local de preparação para a vida. Nesta perspectiva, os jovens estudantes e os adultos trabalhadores devem tornar-se "*indivíduos capazes de acompanhar as transformações que afetam a sociedade em geral, e o mundo do trabalho em particular*"<sup>38</sup>. Assim, a idéia de alcançar um bom emprego passa a ser associada a um grau de escolaridade maior, que por sua vez, parece simbolizar um melhor preparo para a vida.

Segundo Castro, como passar dos anos, a educação passou a ser um critério de escolha para a seleção dos candidatos à vaga de emprego, e isso aparece no dia a dia quando o indivíduo procura um trabalho:

*"sem 1º grau, nem pensar em carteira de trabalho assinada; sem o 2º grau, nem pensar em bom emprego. Entendamos de uma vez por todas que quem cria emprego é crescimento, quem permite o crescimento é produtividade. E sem boa educação não há nenhum dos dois".*<sup>39</sup>

Como se pode ver, a realidade atual é bem diferente daquela pregada pela Teoria do Capital Humano, pois o enorme contingente de diplomas não garante nem um bom emprego e nem um bom salário. Conforme afirma Spósito: *Não só não há garantia de que o empregado trabalhe efetivamente em atividade para a qual se formou no curso superior, como -- na maior parte das vezes -- a atividade desempenhada não exige, não pressupõe qualquer formação universitária.*<sup>40</sup>

Bomeny afirma que na década de 90, com a globalização da economia, a indústria brasileira teve que tornar-se competitiva e a Qualificação de Recursos Humanos entrou na pauta dos discussões, quando foram levantados alguns pontos consensuais a serem considerados: a) está ocorrendo uma mudança no perfil básico dos

---

<sup>38</sup> Maria Helena Bomeny. Op. cit., 1998, p.13.

<sup>39</sup> Cláudio de Moura Castro. Op. cit, 2000, p.197.

<sup>40</sup> Marília Pontes Sposito. Op. cit., p.25.

trabalhadores onde passou-se a valorizar mais as habilidades mentais que as manuais; b) está valorizando-se mais a educação geral, com conteúdo da escola regular de 1º e 2º grau, para que quando o indivíduo entrar no mercado de trabalho ele, então, desenvolva as habilidades específicas; c) as empresas estão valorizando a "*formação profissional mais ampla (Broad Skills)*"; d) há déficit na escolaridade dos trabalhadores o que dificulta a utilização de novas tecnologias bem como uma maior competitividade com outros mercados.<sup>41</sup>

Assim, com a concepção da escola preparando o indivíduo para a vida, e conseqüentemente para o trabalho, o diploma concedido pela instituição educacional simboliza o passaporte para a vida melhor. A necessidade de buscar ou de manter um determinado padrão de vida econômico, leva os pais a investirem na educação dos filhos. Segundo Bourdieu, este tipo de comportamento só é compreendido quando entende-se que os pais procuram dar uma melhor educação aos filhos porque "*a reconversão do capital econômico em capital escolar é uma das estratégias que permitem à burguesia de negócios manter a posição, de uma parte ou da totalidade de seus herdeiros*".<sup>42</sup> Ao trabalhador assalariado o diploma tem o poder de diferenciá-lo do trabalhador sem qualificação alguma, pelo menos no momento da contratação.

Porém, apesar do diploma ser socialmente reconhecido como um passaporte para o sucesso na vida, na realidade, existe um descompasso entre as aspirações que as pessoas têm sobre a educação e o que a educação assegura de fato a elas, isto é, o indivíduo, ao sair para o mercado de trabalho, se depara com uma realidade na qual a educação e o diploma recebidos não têm serventia. Assim, a escola supostamente democratizada que dá a todos oportunidade à educação formal, esta seleciona os indivíduos não mais na entrada e no acesso à educação, mas segundo Spósito "*cada vez mais nos tipos de instituições, cursos e carreiras oferecidas e na qualidade do ensino ministrado*".<sup>43</sup>

Para Bourdieu, com o crescimento generalizado da escolarização, ocorreu a desvalorização de alguns títulos escolares, o que dará origem à categoria do "*diploma*

---

<sup>41</sup> Maria Helena Bomeny. Op. cit., 1998, p.14.

<sup>42</sup> Pierre Bourdieu. Op. cit., 1998, p.157.

<sup>43</sup> Marília Pontes Sposito. Op. cit., 1989, p.17.



*inflacionado*", ou seja, têm muitas pessoas qualificadas para o mesmo cargo e que estão ingressando no mercado de trabalho, e isto acontece, principalmente, com os cursos que demandam menos tempo de estudo, na academia e fora dela, que ocorrem num período de tempo que possibilita ao indivíduo trabalhar e estudar ao mesmo tempo e que têm um custo financeiro baixo.<sup>44</sup>

Mas nem todos os diplomas estão inflacionados, há certamente uma separação entre as classes de acordo com o curso, a carreira e o diploma adquirido. Segundo Bourdieu existem diplomas raros que ainda mantêm o status do indivíduo; estes, porém, estão acessíveis apenas às pessoas da classe dominante. Os cursos caros, exigindo um alto valor financeiro e, às vezes, até a dedicação integral do aluno, impossibilita a sua escolha por aqueles indivíduos de baixa renda que precisam investir parte de seu tempo na busca da sobrevivência, o que dificulta dispor de tempo para o estudo e isso acaba fazendo com que tais "*diplomas raros*" ainda pertençam à uma elite educacional.<sup>45</sup>

Há outro agravante nesta relação diploma-trabalho. Segundo Bourdieu, "*o diploma vale fora do mercado escolar o que seu detentor vale econômica e socialmente*", ou seja, o indivíduo de posse de um diploma tem que ter além do Capital Cultural o Capital Social.<sup>46</sup>

E o que vem a ser Capital Social? De forma sucinta tentarei explicar os dois conceitos, por Capital Cultural pode se entender o conhecimento que o indivíduo adquiriu e incorporou ao longo da vida e para o qual dedicou e empenhou seu tempo para cultivá-lo, portanto é algo individual e só pertence ao seu portador. Por Capital Social pode se entender o status da família, o reconhecimento que o indivíduo tem por ser filho, neto ou parente de alguém que possua um reconhecido grau de importância social na sociedade em que vive. Bourdieu apresenta um exemplo para explicar o conceito de Capital Social:

*"o filho de industrial egresso da Escola de Altos Estudos Comerciais torna seu diploma apenas um título suplementar para suceder legitimamente seu pai ou para ocupar um posto de direção que a rede de relações familiares lhe assegura, ao passo que o filho de*

---

<sup>44</sup> Pierre Bourdieu. Op. cit., 1998, p.150.

<sup>45</sup> Idem. Op. cit, 1998, p.79.

*funcionário contando apenas com seu próprio êxito escolar para alcançar o mesmo título poderá não conseguir o cargo de diretor comercial na mesma empresa."*<sup>47</sup>

Neste caso, o status social de ser o filho do dono da empresa já lhe assegura o cargo que ele ocupará dentro da empresa do pai, ao passo que o filho do operário apesar de ter as mesmas qualificações profissionais, terá de provar sua competência e sua capacidade para, talvez, vir a ocupar o mesmo cargo que o filho do dono da empresa já tem assegurado, por conta de seu Capital Social.

Assim, a escola só pode assegurar a posse do diploma e este é muito importante para o indivíduo pertencente à família desprovida de Capital Econômico e Social, uma vez que este só possui o diploma. O diploma, neste caso, causa uma sensação de possibilidade de ascensão social e financeira, porém, a posse deste diploma não é uma garantia de melhoria de vida. Fora da esfera escolar, o diploma vai perdendo a eficácia e assegura ao indivíduo apenas o direito de ter uma qualificação específica que o prepara para o mercado de trabalho.

Para Bourdieu, *"o diploma não passa, em última instância, de uma caução facultativa que serve para legitimar a herança"* para aqueles que já detém o Capital Econômico e Social, pois estes certamente terão mais chances que aqueles indivíduos que não possuem o Capital Econômico e Social.<sup>48</sup>

Ao indivíduo que não tem um diploma raro, nem possui Capital Econômico e Social, cabe apenas buscar mais qualificação, assim, ele necessita voltar aos bancos escolares, e caso não o faça, acabará em desvantagem no mercado de trabalho. O indivíduo precisa de algo que o diferencie do outro que também concorre a uma vaga no mercado de empregos. É por esta razão que ele acaba apostando novamente na expectativa de conseguir uma vida melhor, através do estudo. Segundo Spósito :

*"a conquista do diploma superior possibilita ao trabalhador maior segurança, estabilidade no emprego e a possibilidade -- cada vez*

---

<sup>46</sup> Pierre Bourdieu. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, 1992, p. 333.

<sup>47</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>48</sup> Idem. *Op. cit*, 1992, p.34.

*mais remota, é verdade -- de progredir internamente para postos melhor remunerados ou, simplesmente, para ocupações "mais bem vistas", mais gratificantes porque menos rotinizadas.*"<sup>49</sup>

Mas, como pode se perceber tal possibilidade apresenta-se cada vez mais remota, uma vez que o indivíduo sendo desprovido de Capital Econômico e Social se vê excluído da esfera das possibilidades de ascensão social e econômica.

### **3. O sentido do Trabalho**

Chiesi e Martinele ao realizarem uma pesquisa sobre a condição juvenil na Itália, em 1983 e depois em 1992, afirmam que estudantes que trabalham, estão na categoria daqueles que não abandonaram a escola, mas precisam do emprego para se manter nela e se sustentarem. Desta forma, estes se submetem às condições atípicas de contrato de trabalho e de horário e vêem o emprego como uma "*ocupação temporária*", pois estão à espera do emprego que lhe dará melhores condições de vida. Quanto à remuneração, de acordo com a pesquisa, os que têm diploma universitário "*ganham em média 50% a mais do que aqueles que só têm a 4ª série*". E mais de 64% dos jovens apresentam disponibilidade para mudarem da região em que vivem para procurar emprego. A pesquisa também destaca o "*desemprego intelectual*" que se refere ao trabalhador com alta qualificação, que possui o diploma superior, mas não encontra um emprego adequado ao nível de instrução formal que possui.<sup>50</sup>

Marques em referência a pesquisa de François Dubet, sobre a situação do desemprego na sociedade francesa, concluiu que o prolongamento de tempo na vida escolar, ajuda a atenuar a crise de desemprego, pois contribui para que o jovem fique o máximo de tempo possível fora do mercado de trabalho. Desta forma, cria-se o conflito de identidade do jovem que anseia pela autonomia, mas ao mesmo tempo tem que se manter sob a dependência dos pais.<sup>51</sup>

---

<sup>49</sup> Marília Pontes Sposito. Op. cit., 1989, p.17.

<sup>50</sup> CHIESI, Antonio. MARTINELLI, Alberto. *O trabalho como escolha e oportunidade*. 1997, p.118

<sup>51</sup> François Dubet. In, Maria Onélia da Silveira Marques. *Escola Noturna e jovens*. 1997, p.66.

Nesta perspectiva, ao se inserir no mercado de trabalho, é como se o jovem vivesse um "*rito de passagem*" indo do mundo infantil para o mundo adulto quando cria sua identidade como indivíduo e cidadão. Este é o momento em que o jovem pode projetar sua expectativa de melhoria de vida e a possibilidade de realização de seus sonhos. Marques afirma em sua pesquisa, que para os jovens o trabalho não significa somente a melhoria de vida, a sobrevivência do núcleo familiar, a possibilidade de fugir da pobreza e de ter acesso ao mundo do consumo, quando o jovem deixa o bairro saindo para além das fronteiras do núcleo familiar, ele "*amplia suas possibilidades de sociabilidade através de laços de amizade, de coleguismo e solidariedade*" e é também nesse momento que o jovem cria sua identidade.<sup>52</sup>

A necessidade que os jovens têm de trabalhar, necessariamente não precisa estar associada ao grau de pobreza da família e sim à construção de sua identidade, e neste momento, o trabalho é um campo de possibilidades de estruturação de suas identidades, pois assegura-lhes a possibilidade de ter o seu dinheiro, de poder fazer uso dele consumindo produtos que o identifique como jovem e principalmente que não precise do dinheiro e da generosidade dos pais para poder comprar o que quiser. Gilberto Velho ao tratar sobre a subjetividade e a sociabilidade existente nas relações sociais, dá ênfase às amizades, aos encontros, e reuniões além da esfera familiar onde se define "*uma rede de relações sociais com novos papéis, tipos de solidariedade e situações de sociabilidade*".<sup>53</sup>

Segundo Marques, ao questionar os jovens trabalhadores sobre os motivos que os levavam a trabalhar, num primeiro momento, o jovem argumentava que "*era pobre e precisava ajudar a família,*" mas ao aprofundar a pesquisa, os motivos dos jovens para a inserção no mercado de trabalho foi se modificando: "*ter mais liberdade, garantir os estudos, ter dinheiro para comprar roupas e gastar no fim de semana, ter uma carteira de trabalho*"<sup>54</sup>. Marques afirma que esse "*estilo de vida jovem*" que o jovem busca para criar sua identidade produz necessidades que não condizem com as necessidades imediatas da família o que gera o conflito entre o mundo dos pais e dos filhos. Marques constata que entre os jovens pesquisados é possível perceber que ao mesmo tempo que

---

<sup>52</sup> Maria Onélia da Silveira Marques. *Escola Noturna e jovens*. 1997, p.70.

<sup>53</sup> Gilberto Velho. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de gerações*. Rio de Janeiro, 1986, p.27.

<sup>54</sup> Maria Onélia da Silveira Marques. Op. cit, 1997, p. 71.

"o trabalho os coloca numa situação de explorados, possibilita a afirmação de sua identidade", assim o trabalho não tem mais o caráter de situação de exploração, mas adquire junto aos jovens, um caráter de provedor de suas necessidades.<sup>55</sup>

Souza Martins, citando uma pesquisa de Tânia Dauster realizada com crianças e jovens que cursam a escola numa favela do Rio de Janeiro, afirma que a inserção do jovem no mundo do trabalho é tida como "*uma prática cotidiana coletiva*", e portanto, é "*natural*" que os filhos trabalhem e se disponibilizem a ajudar a família no sustento das casas.<sup>56</sup> O trabalho também é vista pelos pais como uma forma de afastar os filhos dos perigos das ruas, da marginalidade, "*das más companhias, do banditismo, do tóxico*". Mas para os jovens, a inserção no mundo do trabalho tem outro sentido, pois eles "*querem trabalhar para se sentirem importantes dentro de suas famílias, mas também para poderem comprar, com o seu dinheiro, certos objetos\_\_ como o tênis, e as roupas de marca, o relógio\_\_ que lhes permita o acesso à uma gramática do gosto, fundamentais na construção de uma identidade de jovem*"<sup>57</sup>. Souza Martins constata que para o jovem, o fato dele estar trabalhando precocemente não se apresenta como um ponto negativo, mas como motivo de orgulho e auto realização, transformando assim a necessidade em virtude.<sup>58</sup>

Souza Martins relata que nas duas últimas décadas do século XX, muitos países reintroduziram no discurso e na política de governo "*a importância da educação para o desenvolvimento econômico*" do país, retomando a idéia do "*poder transformador da educação*" no processo de trabalho<sup>59</sup>. Desta forma os jovens que se lançaram no mercado de trabalho e abandonaram a escola se vêem obrigados a retornarem a ela.

Segundo Castro são as pequenas empresas que empregam a maioria dos trabalhadores deste país, mas são também nelas que se encontram a grande maioria dos trabalhadores que possui baixo grau de instrução formal. No entanto afirma o autor, isso começa a mudar, pois as empresas precisam se tornar competitivas e para isso, além dos

---

<sup>55</sup> Idem. Op. cit., 1997, p.721- 4.

<sup>56</sup> Tânia Dauster. In, Heloísa Helena Teixeira de Souza Martins. "O jovem no mercado de trabalho". 1997, p.106.

<sup>57</sup> Heloísa Helena Teixeira de Souza Martins. "O jovem no mercado de trabalho". 1997, p.106.

<sup>58</sup> Idem. Op. cit., 1997, p.107.

<sup>59</sup> Idem, Ibidem.

investimentos em máquinas, é preciso investir na educação dos empregados, isto é, "*as pequenas empresas precisam de gente com cabeça mais arrumada e flexível, capaz de ler e escrever com fluidez, operar com números, lidar com as finanças, controlar custos, comunicar-se com o cliente*"<sup>60</sup>, e para isso ocorra, estes precisam estar melhor preparados e a escola, pelo menos na propaganda, promete tal façanha.

Em síntese, teoricamente, pode se dizer que na relação entre migração, educação e trabalho, quando o migrante sai de seu lugar de origem em busca de "*um futuro bem-estar*", baseando essa busca na propaganda da "*terra prometida*" e do "*lugar de fartura*", ele acredita que essa nova terra irá lhe oferecer o melhor para sua vida e de seus filhos. E nesta busca por melhores condições de vida, os pais criam expectativas sobre o futuro dos filhos e a estes cabem tentar realizá-las ou negá-las. No entanto, o valor da Educação dado pelos pais migrantes é diferente do valor da Educação dado pelos filhos dos migrantes, pois o valor dado pelos filhos à Educação depende da história educacional dos pais. Assim, ao invés da educação, os jovens buscam o trabalho tendo em vista a criação de uma identidade própria e a sua independência em relação aos pais.

---

<sup>60</sup> Cláudio de Moura Castro. Op. cit., 2000, p.197.

## CAPÍTULO III

# METODOLOGIA

O referencial metodológico que orienta essa investigação parte de uma visão da história enquanto experiência vivida por sujeitos ativos que problematizam sua própria existência. Vieira esclarece que ao investigador

*“incumbe recuperar lágrimas e risos, desilusões e esperanças, fracassos e vitórias, fruto de como os sujeitos viveram e pensaram sua própria existência, forjando saídas na sobrevivência, gozando as alegrias da solidariedade ou sucumbindo ao peso das forças adversas”.*<sup>1</sup>

Tudo isso é essencial, considerando que o presente estudo buscou informações nas histórias de vida de algumas famílias de migrantes. Ao ouvi-las, buscou-se resgatar as expectativas dos sujeitos sociais que protagonizaram um processo de migração, o que esperavam ao migrarem, os anseios, os sonhos e aspirações de cada indivíduo e da coletividade, recuperando vozes e vidas dos números e tabelas estatísticas, onde tais pessoas aparecem, na maioria das vezes, apenas como dados numéricos. E é através deles que buscou-se compreender o que ocorreu para que os jovens e adultos, após a migração, e qual o lugar que a educação ocupa em sua trajetória de vida. Verificando também as razões que impulsionam estas famílias a migrar, como era a vida profissional destes jovens e adultos: antes e após a migração e analisando assim as causas que justificam a não continuidade dos estudos por estes jovens e adultos no passado e no presente.

### **1 . Identificação dos sujeitos**

Muita famílias nas décadas de 70 e 80 migraram do Estado do Paraná rumo a inúmeras cidades do Estado de Mato Grosso, porém, os sujeitos desta pesquisa foram selecionados por serem membros de famílias que migraram diretamente da Vila de Casa Branca- PR para os municípios de Cuiabá e Várzea Grande- MT .

---

<sup>1</sup> Maria do Pilar de A Vieira. Op. cit., 1989, p.24.

O Quadro abaixo, deste modo, apresenta a relação das famílias que fizeram parte da pesquisa, bem como a sua codificação, o ano de chegada em Cuiabá e Várzea Grande e o número de pessoas que delas fazem parte.

**QUADRO 1:** *Demonstrativo das famílias: antes e depois da migração*

<b>Família</b>	<b>Local de moradia antes da migração para Casa Branca</b>	<b>Migrou para Casa Branca</b>	<b>Migrou para Mato Grosso</b>	<b>n.º de membros na família</b>
<b>MS</b>	Cruzeiro D'oeste/ PR	1973	1977	03
<b>NA</b>	Arapongas/ PR	1973	1980	06
<b>SI</b>	Alto Piquiri/ PR	1980	1981	06
<b>CA</b>	Nova Esperança/ PR	1950	1982	05
<b>GI</b>	Nova Esperança/ PR	1975	1984	06
<b>AR</b>	Santo Antônio/ PR	1969	1984	06
<b>RN</b>	Umuarama/ PR	1977	1985	06
<b>OL</b>	São Jorge do Ivaí PR	1971	1985	07
<b>JA</b>	Pérola/ PR	1975	1989	05
<b>Duração do movimento migratório</b>		<b>30 anos</b>	<b>12 anos</b>	

Conforme pode-se verificar no Quadro 1, estas famílias têm um histórico de serem migrantes, uma vez que antes de migrarem para a Vila da Casa Branca elas haviam morado em outros municípios do Estado do Paraná. A migração para a Vila de Casa Branca se deu entre os anos de 1950 e 1980, o que totaliza um período de 30 anos. O novo processo migratório dessas famílias, que se locomoveram da Vila de Casa Branca para Cuiabá e Várzea Grande, se deu entre os anos de 1977 a 1989, o que totaliza um período de 12 anos. Quanto ao número de membros por família, este varia entre 3 e 7 pessoas, na época da migração, totalizando assim 50 pessoas pertencentes às 09 famílias envolvidas na pesquisa.

O Quadro 2 demonstra o tipo de estabelecimento comercial administrado pelas famílias do estudo durante a sua permanência na Vila de Casa Branca e depois de sua mudança para Cuiabá ou Várzea Grande, logo após a sua chegada e no ano de 2001. Se



observado o quadro sem se considerar a vila de origem, este processo migratório parecerá ter pouco significado devido ao pequeno número de famílias, mas se considerarmos que a Vila de Casa Branca era pequena e possuía, no máximo, 20 estabelecimentos comerciais, a saída de sete famílias proprietárias de estabelecimentos comerciais produziu, sem dúvida, efeitos no comércio local, sendo que, vários desses comércios continuam, até hoje, fechados.

Conforme mostra o Quadro 2, em sua maioria, as famílias possuíam pequenos comércios de ramos diferentes que foram fechados e vendidos antes de sua migração, o que significa dizer que estas famílias saíram de sua localidade de origem com capital para adquirir um outro estabelecimento comercial na sua cidade de destino.

**QUADRO 2:** *Tipo de estabelecimentos comerciais: antes e após a migração*

Família	Na Vila de Casa Branca	Em Cuiabá/Várzea Grande	
		ano de chegada	no ano de 2001
MS	Mercearia	Mercadinho (VG)	Mercadinho
CA	Loja de tecidos	Mercadinho (VG)	Mercadinho
GI	Bar e mercearia	Mercadinho (VG)	Mercadinho
AR	Açougue	Mercadinho (VG)	Confecção
NA	Restaurante	Açougue (VG)	---
OL	Bar e mercearia	Casa de mat. de construção (VG)	---
JA	Bar e mercearia	Mercadinho (VG)	Mercadinho
SI	---	Mercadinho (Cbá)	Mercadinho
RN	---	--- (Cbá)	---

Cidade de destino: (Cbá) Cuiabá, (VG) Várzea Grande

Observando o Quadro 2, constata-se que duas destas famílias da amostra não possuíam estabelecimento comercial na vila de origem, porém elas foram selecionadas porque a Família SI tornou-se proprietária de um pequeno comércio na periferia de Cuiabá, e a filha mais velha da Família RN, entre todas as famílias que migraram, era a única a fazer um curso de especialização.

Duas famílias atualmente não possuem mais seu próprio comércio: a Família NA, por motivo de saúde que impossibilitou os pais de manter o comércio e a Família OL que fechou o comércio por questão de falta de segurança no bairro em que vive.

O Quadro 3 a seguir, mostra a idade, do pai, da mãe, dos filhos e das filhas no ano de chegada a Mato Grosso e em 2001.

**QUADRO 3:** *Dos sujeitos, idade na ocasião da migração e em 2001*

Família	Idade na época da migração				Idade em 2001			
	1ª geração		2ª geração		2ª geração		3ª geração	
	pai	mãe	filho	filha	filho	filha	neto	neta
<b>MS</b>	29	21	03	--	27	--	--	--
<b>NA</b>	51	43	--	19	--	41	09/04	--
<b>SI</b>	*	28	09	--	29	--	--	--
			--	08	28	--	--	--
<b>CA</b>	44	42	20	--	39	--	--	--
			18	--	38	--	05	10
<b>GI</b>	--	34	--	14	--	32	10	04
<b>AR</b>	**	40	--	19	--	35	08	12
<b>RN</b>	*	43	--	19	--	--	--	--
				18	--	35	--	18
<b>OL</b>	42	40	17	--	34	--	06	12/11
<b>JÁ</b>	49	43	--	--	--	--	--	--
<b>Total</b>	05	09	05	06	05	06	06	06

(\*) falecido antes da migração (\*\*) falecido após a migração

■ eram crianças na época da migração ■ atualmente são pais

Foram entrevistadas em cada família, além dos pais e das mães, também os filhos e filhas, considerando-se, primeiramente, o filho ou a filha mais velha, entendendo que estes tiveram uma participação significativa no processo de migração da família. Naqueles casos em que era inviabilizada a realização da entrevista com o filho ou filha mais velha, recorria-se aos filhos mais novos em ordem decrescente de idade.

Observando o Quadro 3 é possível verificar que, na época da migração, a idade dos pais variava entre 29 e 51 anos; das mães variava entre 21 e 43 anos, os filhos, na grande maioria, eram adolescentes e jovens, com exceção dos filhos das famílias MS e SN que estavam com idades entre 03 e 09 anos.

Com relação aos filhos (2ª geração) alguns deles já têm filhos (3ª geração), como se pode ver no Quadro 3 e conforme se pode observar dos 05 filhos entrevistados 02 deles são atualmente pais e das 06 filhas entrevistadas, 04 delas são mães.

## 2 . Os instrumentos

Com o intuito de se compreender a relação entre migração e educação buscou-se obter as informações junto aos sujeitos do estudo através de entrevistas, por entender que este tipo de instrumento de pesquisa permite, conforme afirma Bogdam e Biklen, desenvolver uma idéia sobre como os sujeitos interpretam o mundo ou um fato.<sup>2</sup>

Bosi ao citar Maurice Halbwachs afirma que "*na maior parte das vezes, lembrar, não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado*". As lembranças são construídas pelas experiências que estão à nossa disposição hoje, no presente, e assim, a visão atual do passado se altera, pois "*a menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da nossa memória*".<sup>3</sup> Desta forma, Halbwachs associa as memórias da pessoa à memória do grupo em que ela vive e convive.

Num primeiro momento, o recurso metodológico da entrevista individual parece separar o indivíduo de sua coletividade distinguindo-o dos demais; porém, Queiroz esclarece que ouvir as pessoas, ou ouvir suas histórias de vida "*é uma forma de captar o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social*",<sup>4</sup> assim, o indivíduo, em sua fala, pode revelar aspectos da vida que leva no grupo do qual faz parte.

---

<sup>2</sup> Roberto Bogdan e Sari Knopp Biklen. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto, 1994, p.134.

<sup>3</sup> Maurice Halbwachs. In, Ecléa Bosi. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. São Paulo, 1999, p.55

<sup>4</sup> Maria Izaura Pereira Queiroz. *Relatos orais: do "indizível" ao "dizível"*. São Paulo, 1980, p.36.

Assim, foram elaboradas questões que serviram como roteiro de entrevista que se apresentaram organizadas em cinco blocos:

- a) a história de vida dos entrevistados como ele vieram morar na vila de Casa Branca e como era viver lá;
- b) o processo migratório da vila de Casa Branca para Cuiabá e Várzea Grande, as expectativas e seu alcance;
- c) o modo de vida comparando a moradia da vila de Casa Branca com a moradia de Cuiabá e Várzea Grande, bem como as expectativas ao escolher Cuiabá e Várzea Grande para morar;
- d) o mercado de trabalho na Vila de Casa Branca e em Cuiabá/Várzea Grande, expectativas que eles tinham na vila e as que passaram a ter quando chegaram e seu alcance;
- e) a educação, seu significado em suas vidas, suas expectativa em relação ao estudo e seu alcance.

Para se avaliar a eficiência do material elaborado foi realizada uma pré-testagem com duas famílias de migrantes do Estado do Paraná, entre os meses de junho e agosto de 2000, sendo que, após a entrevista com a primeira família, algumas questões sofreram alterações, e somente após a testagem com a segunda família, é que se decidiu utilizar o instrumento com as famílias do estudo.

O instrumento contendo todas as questões encontra-se, em anexo (ver Anexo I e II), esclarecendo-se que o primeiro refere-se ao instrumento elaborado para os pais e o segundo, destinado aos filhos. É importante esclarecer, que o estudo não deveria se limitar a investigar a migração e a mudança de vida apenas na perspectiva dos pais, mas também levar em consideração a perspectiva dos filhos, que embora, hoje, sejam, em sua maioria, adultos, na ocasião da migração estes eram crianças ou adolescentes.

Como bem o diz Martins:

*"o pesquisador quase sempre, pressupõe e descarta, do grupo que estuda, uma parcela de seres humanos silenciosos, os que não falam (...) os que em público e diante de estranhos permanecem em silêncio: as mulheres, as crianças, os velhos, os agregados da casa, os dependentes, os que vivem de favor.(...) a sociedade é uma trama oculta, a trama que rege ocultamente as relações sociais e a própria*

*vontade de cada um, na medida em que cada um, pela socialização, converte-se no agente do todo.*“<sup>5</sup>

É por esta razão, que além de entrevistar os pais e as mães, ouvir também os filhos sobre esse processo migratório no qual fizeram parte, pareceu-nos importante, pois certamente eles possuíam expectativas ao virem para Mato Grosso. Deste modo, através de sua fala seria possível verificar quais seriam essas expectativas quanto a mudança de lugar e em que essa mudança influenciou em suas vidas tanto em relação aos estudos, quanto a profissão que vieram a escolher. Considerando que hoje, os filhos desses migrantes são adultos e alguns têm filhos, pareceu-nos relevante verificar quais as expectativas com relação à educação de seus próprios filhos. Assim, entendeu-se que a perspectiva de pais e filhos poderia trazer elementos fundamentais de duas gerações que, em uma determinada época de suas histórias de vida, vivenciaram o mesmo processo, cada um ao seu modo.

A entrevista elaborada e destinada aos filhos foi dividida em cinco blocos:

- a) a história de vida dos entrevistados e como era viver na vila de Casa Branca;
- b) o processo migratório da família, as expectativas que os filhos tinham ao migrar e quais delas se realizaram;
- c) o mercado de trabalho na vila de Casa Branca e em Cuiabá/Várzea Grande, expectativas e alcance;
- d) a educação, seu significado em suas vidas, suas expectativa em relação ao estudo e seu alcance;
- e) a educação dos filhos.

Este último item foi elaborado pensando naqueles filhos que já eram pais, buscando averiguar suas expectativas em relação à educação de seus próprios filhos.

### **3 . A coleta de dados**

As entrevistas com as famílias foram realizadas, sendo cada membro entrevistado separadamente, durante os meses de setembro de 2000 a agosto de 2001.

---

<sup>5</sup> José de Souza Martins. Op. cit., 1997, p.117.

Cada família foi contatada por telefone, sendo que, na maioria das vezes, o primeiro contato foi feito com as mães, quando então, eram marcados os encontros. Um primeiro encontro era marcado com o intuito de se explicar sobre o assunto que seria tratado na entrevista, esclarecendo que a mesma seria gravada e que tudo que fosse dito seria tratado de forma confidencial. Na ocasião, esclareceu-se também que era necessária a autorização, por escrito, dos entrevistados, para que fosse usada sua fala na pesquisa que estava sendo realizada sobre o processo migratório vivido por eles.

Quanto ao horário e ao local das entrevistas, estes ficaram a critério dos entrevistados, geralmente, durante o período da tarde, nos finais de semana, na residência das famílias. Por diversas vezes, entrevistas foram adiadas a pedido dos entrevistados, por motivo de doença, visitas inesperadas, etc.

Durante a entrevista era dado ao entrevistado total liberdade para realizar perguntas ao entrevistador, acrescentar informações complementares, ou esclarecer o que lhe parecesse necessário.

Após as entrevistas com pais e mães, deu-se início ao processo de coleta junto aos filhos, que já estavam a par da investigação. As entrevistas com os filhos também foram feitas nos finais de semana, no horário e local estabelecidos a critério dos entrevistados, sendo que apenas duas pessoas, por sinal mulheres que não trabalhavam fora de casa, marcaram as entrevistas durante a semana, no horário em que o marido estava no trabalho e os filhos estavam na escola.

No caso dos filhos, também, ocorreram adiamentos por motivo de doença, viagens imprevistas para negócios, e até por causa do campeonato brasileiro de futebol ou do campeonato regional de futebol veiculados pela televisão.

#### **4 . Critérios de análise dos dados**

Considerando que o presente estudo tem por objetivo compreender como o filho adulto migrante diferentemente de seu pai, nos tempos atuais, se posiciona e se mantém no mercado de trabalho sem a educação formal elevada, o estudo visa: a) analisar as razões que impulsionam as famílias a migrar; b) analisar as causas que justificam a não

continuidade dos estudos por pais e filhos após a migração; c) Comparar a vida profissional dos pais e dos filhos após a migração; d) Analisar, na visão de pais e filhos, o sentido da educação para a permanência no mercado de trabalho, após a migração.

Para compreender as razões que impulsionaram estas famílias a migrarem, serão analisadas as causas da migração na perspectivas dos pais e dos filhos, tomando como referência a situação econômica das famílias na vila de Casa Branca e como era o mercado de trabalho na vila antes da migração.

Para se compreender as causas da não continuidade dos estudos por parte dos pais e dos filhos, serão analisadas na perspectiva dos pais, tanto no passado, quando moravam na zona rural, quanto atualmente, quando moram em Mato Grosso, as razões que eles apresentam para não voltar a estudar. Na perspectiva dos filhos serão analisadas as causas da não continuidade dos estudos, tanto no passado, quando chegaram ao Mato Grosso onde estava ocorrendo a expansão da rede de ensino e eles tinham escolas à disposição, como no presente, quando o mercado de trabalho requer mão de obra cada vez mais especializada.

Para comparar a vida profissional dos pais e dos filhos será analisada a vida profissional dos pais como pequenos comerciantes e a vida profissional dos filhos antes e após a migração.

Para analisar o sentido dado à educação por pais e filhos, será analisado o sentido da educação quando este é direcionado para si e quando é direcionado para o outro.

## CAPÍTULO IV

### ANÁLISES DOS DADOS E SEUS RESULTADOS

O presente capítulo refere-se aos resultados da análises dos dados coletados junto aos pais, mães e filhos de nove famílias que migraram da Vila de Casa Branca no interior do Estado do Paraná para a capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá e o município vizinho, Várzea Grande.

Neste Capítulo, os resultados do trabalho de investigação serão apresentados divididos em quatro partes, a saber: a) as causas da migração, na perspectiva dos pais e dos filhos; b) as causas da não continuidade dos estudos no presente e no passado, na perspectiva dos pais e dos filhos; c) a vida profissional dos pais e dos filhos migrantes, e d) o sentido da educação, na perspectiva dos pais e dos filhos, para si e para o outro.

#### 1. AS CAUSAS DA MIGRAÇÃO

##### a) As causas da migração: Na perspectiva dos pais

A vila de Casa Branca foi fundada no início da década de 60, e nos seus primeiros anos, conforme informação da mãe da Família AR, *"todo mundo conseguiu levantá, tê as coisa (...) Enquanto as terra era nova, os povo produzia, né? As roça produzia, a pessoa vinha vendê na cidade"*. Desta forma, nesta época em que a região estava sendo colonizada, os primeiros migrantes começaram a chegar e iniciaram a derrubada do mato; logo, os sítios começaram a produzir, e como as colheitas eram fartas, as pessoas começaram a ter dinheiro para gastar, e foi assim que o comércio tornou-se próspero e com grande freguesia.

Com o passar do tempo, contudo, os habitantes da vila, ao invés de crescimento e expansão, viram a terra enfraquecendo, a mecanização do campo substituindo a mão de obra e viram as pessoas que trabalhavam no campo migrarem para outras localidades. Estes fatos refletiram sobre a diminuição da freguesia na vila que dependia exclusivamente da população rural. Com isso, alguns comerciantes fecharam os seus



estabelecimentos comerciais e outros venderam suas propriedades e migraram para não perder o pouco que ainda lhes restava.

No caso da Família AR e da Família SI, por exemplo, estas chegaram a trabalhar na roça como bóias frias em época de colheita; e a Família MS, esta foi à falência e teve que vender tudo, inclusive a casa onde morava.

A partir de então, as estratégias de sobrevivência foram diversas. Dentre elas, observou-se a migração de uma população de jovens trabalhadores rurais para centros urbanos maiores como Campinas, São Paulo e Americana, enquanto os pais permaneciam trabalhando na zona rural da vila de Casa Branca. No entanto, pelo fato desses filhos de agricultores não se adaptarem à cidade grande, principalmente por causa da violência, a *"bandidagem"* e a *"robalheira"*, estes acabaram retornando para a vila de Casa Branca.

O fracasso dos filhos de agricultores nessa tentativa de melhorar de vida levou os pais a venderem suas propriedades rurais e investirem o pouco que possuíam, principalmente, em terras na região norte do Estado Mato Grosso, como Sorriso e Alta Floresta. Isto porque em São Paulo, por exemplo, os investimentos eram muito caros, o que exigia um grande capital, enquanto que no Estado de Mato Grosso, havia os incentivos fiscais fornecidos pelo governo, o que tornava as terras bem mais baratas. Como afirmou a Mãe da Família GI, com o valor de um sítio ou de uma casa da Vila de Casa Branca era possível comprar muita terra no Estado de Mato Grosso.

Mesmo para aquelas famílias que se encontravam em uma situação financeira bastante favorável como é o caso da Família OL, o mercado de trabalho também não oferecia opções e possibilidade de emprego aos filhos. Assim, a Mãe da Família OL explica que a opção de migrar baseou-se na esperança de abrir um comércio maior onde pudesse estar trabalhando com todos os seus 5 filhos. Para ela, o importante era manter a unidade familiar, e havia a preocupação com o fato dos filhos quererem migrar para outros centros urbanos em busca de emprego. Assim, ela diz: *"Lá (na vila de Casa Branca) o mercado era pequeno, não dava pra eles tudo trabaiá cum a gente, né? Aí, pra eles não saí de casa pra ir em outro lugar trabalhá, então, a gente resolveu vim pra*

*cá (Várzea Grande), que aqui a gente ia pôr um comércio maior, né? Aí todo mundo ficava junto trabalhano".*

Em geral, a causa principal da migração das famílias da área urbana da vila, encontrava-se, em sua essência, na preocupação com o futuro dos filhos.

O Pai da Família OL, por exemplo, se preocupava com o fato dos filhos estarem crescendo e o comércio da vila de Casa Branca não mais atender às necessidades de sobrevivência da família. Segundo ele, *"meus filho já eram todos já 20 ano, 18 ano, 16 ano, e dependeria de um lugar que tivesse mais espaço pra trabalhá no comércio e Casa Branca num tinha. Então, por isso foi o motivo que eu procurei a cidade grande pra tê mais espaço pra criá a família".*

A Mãe da Família JA afirma que *"a gente só saiu de lá mesmo porque não tinha condições de ficar lá com a família que estava crescendo".* A Mãe da Família RN, que não possuía comércio na vila de Casa Branca, também se preocupava com o fato dos filhos estarem crescendo e não terem um emprego melhor, uma vez que suas filhas trabalhavam como empregadas domésticas e não viam possibilidades de melhoria. E a Mãe da Família NA, também preocupada com as filhas, afirma que *"não dava pra ficar mais lá. As menina tava crescendo, cê sabe como é isso (...) estavam tudo moça precisavam trabalhar, lá não tinha emprego, né?"* Esta mãe acrescenta a problemática da baixa remuneração ao lembrar que *"quando arrumava algum empreguinho de doméstica, ganhava muito pouco, não dava pra nada".*

Em uma cidade pequena, com comércio fraco e mercado de trabalho limitado, a falta de opção levava os jovens a caminhos não desejados pelos pais, como o alcoolismo e às brigas de rua. Este fato também levou os pais a decidirem por migrar para Cuiabá na esperança de que seus filhos tivessem um futuro melhor.

Como se pode ver, a preocupação dos pais quanto ao futuro dos filhos é grande e está relacionada ao trabalho, uma vez que na vila de Casa Branca quase não havia postos de emprego, já que as empresas eram de propriedade familiar. Mas se os comércios da vila se utilizavam da mão-de-obra familiar, então, por que esses filhos de comerciantes sem emprego não trabalhavam no comércio de seus pais ?

Para responder à tal questão, é importante observar o Quadro a seguir. Nele verifica-se que, com exceção da Família MS que tem apenas 2 filhos, sendo que a filha nascera em Várzea Grande, todas as demais famílias têm entre 4 e 5 filhos, sendo que na ocasião da migração, a maioria deles já se encontrava em idade adulta ou adolescentes.

**QUADRO 4:** *Quantidade de filhos por família*

Famílias	Filha	Filho	Total de filhos
Família MS	01*	01	02
Família NA	05**	---	05
Família SI***	01	04	05
Família CA	02**	02	04
Família GI	02	02	04
Família AR	03	02	05
Família RN***	03	02	05
Família OL	01	04	05
Família JÁ	01**	03	04
<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>20</b>	<b>39</b>
<b>Obs.:</b>			
* <i>nasceu em Cuiabá</i>			
** <i>uma filha já era casada e ficou na vila de Casa Branca</i>			
*** <i>a família não possuía comércio na vila de Casa Branca</i>			

Desta forma, levando-se em conta que os estabelecimentos comerciais da vila eram, de um modo geral, de pequeno porte, o número de filhos por família dificultava o envolvimento de todos eles em uma mesma unidade comercial de propriedade dos pais. Assim, talvez um ou dois filhos pudessem ajudar no comércio dos pais, mas e os outros, onde empregá-los ? O trabalho como bóia-fria e empregada doméstica, sem dúvida, eram alternativas reais, mas estas não pareciam a esses pais, opções suficientemente capazes de promover a melhoria de vida. Afinal, eles eram pequenos comerciantes, proprietários de seus negócios, patrões ou empresários em uma localidade onde a grande maioria das pessoas era de trabalhadores rurais que tinham como *bem* apenas a sua força de trabalho. Assim, se esses comerciantes eram quase que membros da elite da vila, como aceitar que seus filhos se tornassem bóias-frias ou empregadas domésticas ? Este talvez tenha sido um dos maiores fatores motrizes que justificaram a busca por uma outra alternativa: uma nova migração.

Se na fala de todos os pais e mães, vê-se que os motivos que justificaram a sua saída da vila giram em torno do comércio que estava fraco, a dificuldade de manter o sustento da família, os filhos que estavam crescendo e a pouca oferta de oportunidades de emprego, que outros motivos podem ter reforçado a migração ?

A saída do lugar de origem e a escolha do lugar de destino dependem de aspectos econômicos quando se trata do caso de comerciantes, como os impostos cobrados diferentemente em cada Estado. Segundo a Mãe da Família NA, por exemplo, os impostos cobrados no Estado do Paraná eram "*mais apurado*" enquanto que os do Estado de Mato Grosso eram "*muito forçado*". Esta diferença, conforme explanado no Capítulo II, baseia-se nos incentivos fiscais aplicados pelo Governo durante o processo de ocupação demográfica da região centro-oeste que serviu como um atrativo para a migração.

No entanto, além dos aspectos econômicos vinculados ao enfraquecimento do comércio local, à sobrevivência, à falta de oportunidade de trabalho para os filhos, e às diferenças no valor dos impostos cobrados, outro fator se fez presente, na perspectiva dos pais, como causa da migração: a educação dos filhos. A falta de condições de acesso aos estudos pelos filhos, ainda que esta seja uma preocupação atrelada à preocupação com "o estudo suficiente para o trabalho", foi observada em parte dos pais entrevistados, em sua maioria, nas mães.

4 entre 9 mães (Família CA, GI, RN e JA) e 1 entre 5 pais (Família JA) parecem se importar com o fato de que na vila de Casa Branca não havia possibilidade de seus filhos continuarem os estudos além do Ensino Fundamental. Estes afirmaram que migraram também porque queriam que seus filhos tivessem a oportunidade de continuar estudando. A Mãe da Família GI esclarece que "*porque ali tava mais difícil o custo de vida, num tinha mais escola, as escola já tava, assim, tava mais longe pras criança estudá, eles tavam precisando de escola, uma coisa mais, segundo grau, aí foi aonde nós saímos*". Para a Mãe da Família RN, o estudo e o trabalho continham o mesmo grau de importância enquanto que para a Mãe da Família JA, pouco importava o lugar para onde iria migrar com a família, pois o importante era que os filhos tivessem condições para trabalhar e estudar, essa era sua única exigência na escolha do lugar para migrar.

Na visão do Pai da Família JA, os filhos já precisavam ir para outra cidade estudar uma vez que a vila só oferecia até a 8ª série do Ensino Fundamental, mas que ele não tinha condições econômicas para bancar o estudo dos filhos. De fato, estudar e trabalhar em centros urbanos maiores que havia nas proximidades da vila, como Umuarama, era uma opção, mas esta era um tanto dispendiosa, uma vez que era necessário pagar a passagem do ônibus intermunicipal.

Assim, em síntese, embora a saída da vila de Casa Branca para a capital do Estado de Mato Grosso tenha representado uma migração do tipo familiar, e não de indivíduos, na perspectiva dos pais, as causas que justificaram esta migração basearam-se em fatores econômicos e educacionais dos filhos, embora estes últimos não tenham sido primordiais e nem tampouco unânimes.

#### **b) As causas da migração: Na perspectiva dos filhos**

Quando os filhos começaram a crescer, os pais da vila de Casa Branca perceberam que não havia possibilidades de um futuro promissor para eles, pois a localidade não oferecia condições de prosseguimento dos estudos além do Ensino Fundamental e a oportunidade de emprego também se encontrava cada vez mais escassa. Estes, assim, se viram quase que obrigados a procurar um lugar onde o estudo e o emprego fossem possíveis a seus filhos.

Ao serem interrogados quanto às causas da migração, os filhos apresentam as mesmas causas apresentadas pelos pais. Estas causas, em síntese, encontram-se fortemente atreladas à situação do mercado de trabalho local. Segundo os filhos, na vila de Casa Branca não se era possível arrumar emprego pois os comércios que lá existiam eram empresas familiares onde trabalhavam os filhos dos proprietários, o que tornava desnecessária a contratação de funcionários. Os outros postos de emprego eram no Banco, mas este, em sua maioria, trazia funcionários treinados de outras filiais; também na escola, como professora ou faxineira; na agência de ônibus, no correio e no posto telefônico. As demais alternativas eram o trabalho como empregada doméstica e o trabalho na roça como bóia-fria, mesmo assim, apenas na época de colheita.

Deste modo, vê-se que, na época da migração, as chances de arrumar um emprego encontravam-se reduzidas, e as poucas pessoas que tinham um emprego nele permaneciam por muito tempo. A funcionária da agência de transporte coletivo que vende passagens, por exemplo, ocupa este cargo há mais de 24 anos.

Entre os filhos que trabalhavam fora da empresa familiar, a maioria não tinha carteira de trabalho assinada, e em alguns casos, eram classificados como "*aprendizes*" que trabalhavam sem qualquer tipo de remuneração a não ser em forma de gorjetas.

O Filho A da Família CA é um exemplo de trabalhador "*aprendiz*". Este trabalhou como "*aprendiz*" durante 7 anos, isto é, dos 13 aos 20 anos, na única farmácia da vila de Casa Branca. Durante este período, conforme seu relato, foi solicitado para ir à cidade de Curitiba para ajudar o proprietário da farmácia a abrir uma filial, trabalho pelo qual não recebeu qualquer salário. O proprietário só lhe pagou a passagem e a comida, embora para o jovem aprendiz, o fato de ter podido conhecer novos lugares tenha lhe sido suficiente.

O Filho B da Família CA é outro rapaz que durante 3 anos trabalhou em uma borracharia sem receber qualquer pagamento; as gorjetas dos clientes da borracharia, onde consertava pneus de carroça, era o único pagamento que recebia. Segundo seu depoimento, "*eu tinha 12 (anos), eu comecei a trabalhá numa oficina mecânica, junto com o que chamava Rafael, que era o patrão, brigava demais, batia ne mim, eu brigava com ele, era uma briga desgramada, ixi! Naquela época, cê era obrigado a trabalhá pra aprendê alguma coisa, né?*"

Em toda a vila, na época, havia apenas duas casas comerciais em que se era possível trabalhar de forma assalariada. Conseguir um emprego com carteira assinada era privilégio de poucos. De todos os filhos entrevistados, apenas três tiveram carteira assinada. Um deles foi o Filho B da Família CA, que aos 16 anos, após sair da condição de "*aprendiz de mecânico*", trabalhou no Banco tendo acesso a todos os privilégios de um bancário. Este possuía conta bancária e talão de cheque, e dentre as suas obrigações estava a de faxineiro, office boy e a de preparar e servir café.

O Filho da Família OL teve a carteira de trabalho assinada aos 13 anos trabalhando na empresa que construiu o asfalto na vila de Casa Branca, onde exerceu a função de topógrafo que aprendeu com um dos funcionários da própria empresa.

Vale observar aqui que ambas as empresas que assinavam a carteira profissional dos trabalhadores eram filiais de grandes empresas com sede em outras cidades.

O terceiro caso foi o da Filha A da Família RN, que teve a carteira assinada exercendo a função de professora. O cargo de professora foi conseguido porque foi indicada por seu professor do curso de Magistério que trabalhava na Secretaria Municipal de Educação. Assim, de empregada doméstica passou ao cargo de professora.

Aliás, na Vila de Casa Branca, conseguir um cargo por indicação parece ser a única forma de arranjar um emprego com carteira assinada. Nos dois casos dos rapazes, estes só conseguiram seus empregos porque os pais tinham amizade com pessoas influentes dentro das empresas, como por exemplo, com o gerente do banco.

No caso das filhas, duas delas, uma da Família NA e outra da Família GI, afirmaram ter trabalhado com os pais no comércio ajudando a preparar, em casa, o que era servido aos clientes, no caso, sorvete e comida. A Filha da Família AR relata que conseguiu o emprego de professora de datilografia poucos meses antes de migrar com a família para o Estado de Mato Grosso, mas não tinha carteira assinada e seu salário era pago em forma de comissão, dependendo do número de alunos na classe.

Outra opção de trabalho para as filhas era como doméstica ou babá, mas a remuneração recebida era irrisória. Na função de empregada doméstica, as jovens recebiam uma quantia fixa equivalente a um quarto do salário mínimo atual, que é de 200 reais. Apesar do baixo valor pago, o cargo de doméstica era muito concorrido e quem tinha condições de contratar uma doméstica exigia moças experientes para ocupar o cargo. Segundo a Filha B da Família RN, *"as pessoa melhor de situação lá, que podia arrumá uma empregada, elas já tinha a empregada certa, porque elas queria já uma pessoa mais experiente"*.

Entre os depoimentos dos filhos, observou-se apenas um caso que teve a iniciativa de abrir seu próprio negócio na vila: a Filha da Família NA que foi proprietária de um salão de beleza. Esta conseguiu montar o salão em sociedade com outras pessoas com a ajuda financeira dos pais. O investimento neste tipo de estabelecimento baseou-se no fato de não haver um comércio desta natureza na vila de Casa Branca. No entanto, como a jovem era solteira e tinha apenas 20 anos quando os pais resolveram migrar para Mato Grosso, esta vendeu a parte que lhe pertencia no salão à sua sócia para acompanhar a família.

Assim, o que se vê, de um lado, é um grupo de jovens em busca de um lugar no mercado de trabalho, e de outro, pais que buscam formas de oferecer melhores e maiores possibilidades de trabalho para os filhos. E neste conjunto, a migração surge como uma forma de atender aos dois grupos, de pais e filhos, e aos interesses de cada um.

## **2. AS CAUSAS DA NÃO CONTINUIDADE DOS ESTUDOS: NO PASSADO E NO PRESENTE**

Entendendo agora que a educação não é um fator fundamental para a migração, pergunta-se: este fato por si só justifica a não continuidade dos estudos pelos filhos dos migrantes que migraram para localidades em que o sistema educacional encontrava-se em fase de plena expansão?

Segundo Gomes, para se compreender o valor dado à educação pelos filhos é necessário analisar a história escolar dos demais membros da família.<sup>1</sup> Assim sendo, neste caso, decidiu-se analisar as causas da não continuidade dos estudos pelos pais e filhos, no presente e no passado, observando-se primeiramente, o histórico escolar dos pais.

Para tanto, organizou-se o Quadro a seguir que mostra o grau de escolaridade dos pais o qual revela que a escola e o estudo não tiveram uma forte presença em suas

---

<sup>1</sup> Jerusa Viera Gomes. Op. cit.,1997.



vidas. Há uma mãe que nem ao menos freqüentou a escola, o que representa uma história familiar de analfabetismo.

**QUADRO 5:** *Grau de escolaridade dos pais*

<b>FAMÍLIA</b>	<b>Categoria</b>	<b>Ensino Fundamental</b>
Família MS	Pai	3ª série
	Mãe	2ª série
Família NA	Pai	3ª série
	Mãe	3ª série
Família SI	Pai *	---
	Mãe	4ª série
Família CA	Pai	5ª série
	Mãe	2ª série
Família GI	Pai	2ª série
	Mãe	4ª série
Família AR	Pai*	---
	Mãe	Analfabeto
Família RN	Pai*	---
	Mãe	4ª série
Família OL	Pai	5ª série
	Mãe	5ª série
Família JA	Pai	3ª série
	Mãe	4ª série

Como se pode ver, o tempo de permanência dos pais na escola variou entre 2 e 5 anos, o que nos permite inferir que a escolarização não faz parte da tradição destas famílias. A Mãe da Família AR, por exemplo, explica que na época de começar a freqüentar a escola, a família mudara-se para a zona rural do então distrito de Xambrê, onde não havia escolas. Porém, relata a mãe que aprendera a ler a bíblia com a ajuda das irmãs, e a assinar o nome poucos dias antes de seu casamento com o cunhado. Assim, a seu modo e com dificuldades, aprendeu a ler, escrever e efetuar alguns cálculos matemáticos.

#### **a) Na perspectiva dos pais: As causas da não continuidade dos estudos no passado**

Todos os pais analisados, sem exceção, viveram a infância e a juventude na zona rural. Este fato justifica a não continuidade dos estudos e até mesmo o não acesso à escolarização. De um modo geral, o fato de residirem na zona rural refletia sobre o fato da escola ser distante do local de residência e ao fato de não terem quem pudesse levá-los até a escola.

O exemplo da Mãe da Família OL, cujo pai acompanhava-a diariamente do local onde morava até chegar à cidade onde se localizava a escola, faz-nos compreender, de um lado, o que ocasiona o abandono ou a desistência escolar pelas crianças, de outro, o empenho que os pais tentam realizar para manter seus filhos na escola até que este empenho se torna incompatível com o trabalho e o sustento da família. Tudo isto permite-nos concluir que os altos índices de analfabetismo e de baixa escolaridade das crianças da zona rural não são reflexo do descaso dos pais frente à escolarização de seus filhos.

A Mãe da Família JA estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental e graças a isto, pôde lecionar na escola da vila. Quando, contudo, segundo ela, teve acesso ao Ensino Médio através de um curso chamado "*Logos*" oferecido aos professores que exerciam a profissão, esta optou por não estudar para ajudar o marido no comércio e dar oportunidade a seus filhos de estudarem. Assim, esta não deu continuidade aos estudos e nem tampouco à profissão de magistério.

Já a Mãe da Família MS, abandonou os estudos por vontade própria pelo fato de ter sido objeto de "*comentários maldosos*" sobre o seu tamanho e pelo fato de aos 11 anos ainda cursar a 3ª série do Ensino Fundamental. Observa-se, contudo, neste caso, que o pai chegou a matriculá-la na escola, porém, ao se recusar a frequentar a escola, este não se empenhou para que a filha retornasse aos estudos. Este fato permite-nos entender que a escola não fazia parte da herança cultural do pai, e face ao fato da filha já saber ler, escrever e efetuar contas, isto pode ter sido compreendido como sendo conhecimento suficiente para o trabalho e a sobrevivência no campo.

Além da distância e do difícil acesso entre o campo e a escola e a falta de estímulo por parte dos pais para a continuidade dos estudos pelos filhos, encontrou-se também o casamento e a maternidade como causas que justificaram a interrupção do processo de escolarização.

Outro argumento apresentado pelos pais diz respeito à necessidade de trabalhar na roça para ajudar os pais. Neste caso, a família não podia dispensar a ajuda do filho em idade escolar, pois precisava de sua mão-de-obra para o sustento de toda a família. Este é o caso do Pai da Família OL que lembra que "*naquela época, eu não tive*

*condições de estudar por motivo que a gente morava na roça e meu pai era muito pobre e dependia do nosso trabalho pra ajudar no sustento da casa e esse foi o motivo por eu ser um menino bom trabalhador, meu pai achava que não podia perdê o meu serviço pra ajudar no orçamento da família".*

Em síntese, as causas da não continuidade dos estudos por parte dos pais, durante a infância e a adolescência baseiam-se essencialmente na distância e o difícil acesso da casa até a escola, o trabalho na roça, a falta de estímulo por parte dos pais, o casamento e a maternidade precoce. Todas estas causas permitem-nos entender porque quase a totalidade dos pais entrevistados apresentam um baixo nível de escolaridade. No entanto, cabe aqui destacar o caso daquela mãe, que pelo fato de ter concluído a 4ª série do Ensino Fundamental pôde atuar como professora na localidade. Este caso bem representa o quanto, de acordo com a época e a localidade, pode valer um diploma. Isto é, em uma comunidade com baixa escolaridade generalizada, aquele que possui um pouco de estudo, além da oportunidade de trabalho, também recebe a responsabilidade de ensinar o que sabe.

Tomando como base o conceito de *Capital Cultural*<sup>2</sup> defendido por Boudieu, que baseia-se na idéia de herança cultural que os filhos recebem de seus pais, pode-se dizer que as histórias de vida escolar das famílias estudadas são curtas o que nos faz entender que o processo de incorporação do estudo e do valor dado a ele seja recente e "frágil". Para estas famílias, talvez, o estudo só venha a ganhar nova dimensão nas próximas gerações, caso ele seja incorporado ao Capital Cultural dessas famílias e seja assim herdado e apropriado como um valor significativo por seus filhos.

#### **b) Na perspectiva dos pais: As causas da não continuidade dos estudos no presente**

Se o estudo, na opinião dos pais, é *"a melhor coisa da vida, um tesouro, a coisa mais importante da vida da gente"*, pressupõe-se que talvez estes desejassem retomar os estudos, caso tivessem oportunidade. Assim pensando, indagou-se se estes retornariam à escola, ao que todos foram unânimes em afirmar que não, porque não têm idade para estudar, porque não se sentem com capacidade para tal, porque falta-lhes paciência para

---

<sup>2</sup> Pierre Boudieu. Op. cit., 1992,p.333.

frequêntar a escola, falta tempo, têm novos planos e objetivos na vida, e porque já têm a vida estruturada. Além disto, os estudos, hoje, não são valorizados pela sociedade, avaliável através do alto índice de desemprego que é uma realidade para os jovens com estudo. Em outras palavras, se o desemprego faz parte da realidade dos jovens, o que pensar para os "velhos".

Em referência ao desemprego, para o Pai da Família JA, o Governo não tem condições de fornecer emprego para toda a população, portanto, o alto índice do desemprego no país não é culpa do presidente. Na sua opinião, o que causa o problema é a tecnologia e o uso das máquinas que substituem a mão-de-obra humana. É por esta razão que o estudo não garante que a pessoa vá conseguir um bom emprego, porque, pelo contrário, o estudo voltado à "*tecnologia eletrônica*" é que causa o desemprego.

De todos os pais, apenas o Pai da Família CA afirma que a idade não é uma barreira para a pessoa que quer estudar, porém, não se mostra disposto a voltar à escola porque já se encontra próximo de se aposentar.

Quanto às mães, estas afirmaram que não retornariam à escola porque não vêem mais necessidade, visto que o estudo não tem mais utilidade. Para elas, o estudo não faz falta porque conseguem exercer suas profissões com o pouco estudo que têm. Apenas a Mãe da Família JA não descarta a possibilidade de retornar aos estudos, mas acha que seria difícil fazê-lo porque sua vida está "*corrida*", o que revela que estudar não faz parte das prioridades a serem consideradas em sua vida.

Em síntese, as razões para a não continuidade dos estudos no passado, por parte dos pais, giraram em torno de dificuldades contextuais da época de cada família, peculiares à zona rural. Já as razões pertinentes à não continuidade dos estudos no presente, estas giram em torno da não utilidade dos conhecimentos e do diploma em referência ao seu mundo pessoal e profissional atual.

### **c) Na perspectiva dos filhos: As causas da não continuidade dos estudos no passado**

No caso dos filhos, as razões que justificaram a não continuidade nos estudos foram tão variadas quanto as dos pais, embora, de um modo geral, estes jovens que

viveram a infância e a adolescência na periferia urbana tal como seus pais que viveram na zona rural, tenham abandonado os estudos devido à priorização do trabalho. Neste sentido, a valorização do trabalho encontra-se lado a lado à não valorização da educação formal, entendendo-se que isto decorra da não utilidade dos estudos para o exercício da profissão.

A Filha da Família AR, por exemplo, que hoje é proprietária de um salão de beleza, esclarece o momento decisivo da escolha entre o trabalho e a escola relatando que *"eu não continuei estudando porque eu comecei a me identificar pelo seguinte, que a minha profissão não precisaria mais do que esse estudo. Entendeu? (...) eu achei que se fosse fazê uma faculdade, hoje pra mim num é o meu objetivo. (...) também não me sobra muito tempo pra isso, você tem que tá disponível o dia todo, né? Então é complicado estudar com a minha vida do jeito que tá"*.

Há também o caso da priorização do casamento, que não é o caso apenas das filhas, mas também dos filhos. Entre os filhos, há o exemplo da Filha da Família GI que afirma que *"parei porque eu casei, logo tive um filho e porque não passei no vestibular. Minha mãe falou assim: "Num casa, estuda, estuda.", mas a opção de casar foi primeiro"*, e o exemplo do Filho da Família MS que abandonou os estudos porque precisava trabalhar para sustentar a família e porque o horário do trabalho e da escola não era compatível.

O caso da Filha da Família NA justifica-se por uma relação conflituosa na escola. Isto é, depois de ter cursado durante 2 anos e meio o curso de Magistério no Estado do Paraná, migrou-se para o Estado de Mato Grosso onde teve que reiniciar o Ensino Médio, que segundo ela, conseguiu após lutar e insistir para obter uma vaga no curso de Contabilidade; após cursar durante dois anos, uma briga com um professor, fez com que desistisse de continuar os estudos. Assim, a jovem iniciou dois cursos no Ensino Médio e não concluiu nenhum deles.

Alguns filhos terminaram o Ensino Médio e não tentaram o vestibular, argumentando que nunca gostaram estudar, como é o caso do Filho B da Família CA que assim explica a sua opção: *"olha, eu nunca fui fã de estudá, não viu. Eu também tinha que trabalhá, eu falei: "Ah, vou prestá vestibular, depois tudo atrapalha a vida de*

*trabalho*". Outros, contudo, prestaram o exame vestibular uma ou duas vezes, e ao não serem aprovados, desistiram do sonho de chegar à faculdade.

Em síntese, para as filhas a justificativa da não continuidade dos estudos está respaldada em razões como o casamento e a maternidade precoce, as relações conflituosas na escola, a falta de interesse pelos estudos, as reprovações no exame de vestibular e, principalmente, a necessidade de optar entre a escola e o trabalho, e neste caso, é claro, a escola perdeu com grande desvantagem, pois o trabalho sempre apresenta resultados lucrativos imediatos.

#### **d) Na perspectiva dos filhos: As causas da não continuidade dos estudos no presente**

Entre os filhos, existe uma certa divergência de opiniões quanto à continuidade dos estudos, pois há os que não querem voltar a estudar e os que dizem querer retomar os estudos.

Entre aqueles que não pretendem retomar os estudos, encontram-se o Filho B da Família CA, as Filhas da Família NA e da Família RN. O Filho B da Família CA considera o estudo importante, mas não está disposto a retomá-lo pois não tem uma profissão definida e, segundo ele, pode adaptar-se à qualquer situação, embora deseje ser dono de seu próprio empreendimento, isto é, ser patrão de seu próprio negócio. Para ele, retornar aos estudos significa ter que trabalhar durante o dia e estudar à noite, o que representa desgaste, cansaço, estresse e ambição. Segundo ele, o estudo não é garantia de bom emprego e salário e isso gera insatisfação, por isto, afirma, está satisfeito com o que tem e tranquilo com sua situação atual.

A Filha da Família NA diz nunca ter gostado de estudar e que não adianta retornar à escola pois muitas pessoas que voltaram a estudar e se prepararam para ingressar no mercado de trabalho estão desempregadas.

A Filha A da Família RN, com formação em pedagogia e especialização, atualmente não está estudando e se diz decepcionada com a área que escolheu, e se sente desmotivada a continuar estudando. Embora afirme estar desmotivada e

desvalorize a formação que teve, a jovem mostra certa disponibilidade para o retorno aos estudos declarando que caso volte a estudar não será na área de Educação, mas na área de Comunicação ou Direito porque acha que tem aptidão para estas profissões e por considerar que essas áreas têm um campo melhor de trabalho na sociedade.

A Filha A da Família RN, ainda, entende que o estudo em si não vale nada, e que este é apenas um título, e que o diploma não é garantia de capacidade e competência, pelo menos na área de educação. Para ela, é fácil entrar ou sair da faculdade, mesmo que a pessoa não tenha capacidade. Já o conhecimento, este é importante, embora poucos o detenham ou estejam preocupados com ele, mas que é somente através dele que as "portas" se abrem.

Entre os filhos que guardam esperanças de um dia retornarem à escola, encontram-se as Filhas da Família AR, da Família SI e da Família GI, e o Filho da Família OL.

Dentre eles, há aqueles que concluíram o segundo grau e sonham, um dia, ingressar na universidade. Para a Filha da Família AR, por exemplo, a universidade é um projeto, ainda que para um futuro distante, pois vislumbra a possibilidade de fazer um curso universitário quando os filhos estiverem cursando uma faculdade, que irá fazê-lo para acompanhá-los.

As Filhas B da Família SI e da Família GI, que não trabalham fora, dizem querer voltar a estudar por uma necessidade pessoal, e também porque, talvez, um dia, poderão trabalhar fora. Apesar do desejo de acesso à universidade, a Filha da Família GI ressalta a dificuldade que existe para ingressar em uma universidade pública, e que para tanto, é necessário se preparar.

O Filho da Família OL estudou até a 7ª série e demonstra pretensões de concluir o Ensino Fundamental, pois, segundo ele, é preciso atualizar-se, e caso não o faça, estará sempre em desvantagem na disputa por um emprego no mercado de trabalho.

Assim, pode-se perceber que, se de um lado, há aqueles que não pretendem retomar os estudos porque não percebem a sua utilidade para o trabalho que exercem ou

porque não há garantias de que o estudo irá trazer-lhes melhor remuneração, de outro, há aqueles que guardam esperanças de um dia retornar à escola, quando passar no vestibular ou quando os filhos tiverem concluído seus estudos.

### 3. A VIDA PROFISSIONAL DO MIGRANTE

#### a) A vida profissional dos pais migrantes

Para falar sobre a vida profissional dos pais é necessário observar primeiramente que todos são originários da zona rural, e tornaram-se comerciantes após terem constituído família.

**QUADRO 6:** *Profissão dos pais: antes e depois da migração*

Família	Profissão do pai		
	Em Casa Branca	Em Mato Grosso	
		Ao chegar	2001
MS	Comerciante	Comerciante	Comerciante
CA	Comerciante	Comerciante	Comerciante
GI	Comerciante	Comerciante	Comerciante
JÁ	Comerciante Corretor	Comerciante	Comerciante
NA	Comerciante/ Barbeiro	Comerciante	Aposentado
OL	Comerciante	Comerciante	Func. Púb. Municipal
AR	Comerciante	Comerciante	(**)
SI	Motorista de empresa	(*)	---
RN	Motorista de empresa	(*)	---

(\*) faleceram anos antes da migração. (\*\*) faleceu após a migração

Conforme se observa no Quadro acima, das 9 famílias que migraram, em duas delas, os pais eram motoristas, porém, estes já eram falecidos na época da migração. Dos pais restantes, 7 eram comerciantes e proprietários de seus próprios estabelecimentos comerciais. O Pai da Família JA, além de comerciante, também exercia a profissão de corretor, e o Pai da Família NA também exercia a profissão de barbeiro.

Quanto à profissão que os pais passaram a exercer logo após a migração, constata-se que todos continuaram a se reproduzir como pequenos comerciantes na periferia da cidade.



**QUADRO 7:** *Profissão dos mães: antes e depois da migração*

Família	Profissão da mãe		
	Em Casa Branca	Em Mato Grosso	
		Ao chegar	2001
NA	Do lar	Do lar	Do lar
CA	Do lar	Do lar	Do lar
OL	Do lar	Do lar	Do lar
SI	Do lar	Comerciante	Comerciante
MS	Do lar	Comerciante	Comerciante
AR	Do lar	Comerciante/ Costureira	Comerciante/ Costureira
JÁ	Func. Púb. Mun. (Professora)	Do lar	Do lar
RN	Func. Púb. Mun. (Merendeira)	Cozinheira	Pensionista Do lar
GI	Comerciante	Comerciante	Comerciante

Quanto às mães, na vila de Casa Branca, 6 delas exerciam a profissão "*do lar*", cuidando da própria casa, 1 era comerciante e 4 eram funcionárias públicas municipais. Após a migração, 4 mães continuaram exercendo a profissão "*do lar*", duas delas passaram a exercer a profissão de comerciante, e uma mãe mudou da função pública de merendeira para a função de cozinheira.

Ao observar o Quadro abaixo, é possível perceber que, atualmente, cinco mães classificam-se como tendo a profissão "*do lar*", com exceção da mãe da Família RN, que nunca teve comércio; as demais, exercem dupla jornada de trabalho, ajudando os maridos no comércio atendendo o balcão, organizando as mercadorias e limpando o mercado, e também cuidando da casa e dos filhos. Mesmo assim, estas se denominam como trabalhadoras do lar.

Outras quatro mães se classificaram como comerciantes, porém, vale ressaltar que tanto a Mãe da Família MS, quanto à Mãe da Família SI, estas têm filhas que não trabalham fora e que assumem todo o trabalho da casa. A Mãe da Família GI tem uma empregada doméstica, e a Mãe da Família AR tem a nora morando em sua casa que cuida das obrigações domésticas.

Quanto aos pais, com exceção do Pai da Família NA, que por causa de um derrame encontra-se impossibilitado de trabalhar, e o Pai da Família OL que já teve comércio, mas hoje é funcionário público da prefeitura de Várzea Grande, os demais se denominam como sendo comerciantes.

#### **b) A vida profissional dos filhos dos migrantes**

Conforme mostra o Quadro abaixo, na época da migração, com exceção do Filho da Família MS que tinha 3 anos de idade e os Filhos da Família SI, em que o filho tinha 9 anos e a filha tinha 8, os demais eram adolescentes e jovens entre 14 e 20 anos.

**QUADRO 8:** *Demonstrativo do 1º emprego, quanto tempo levou para consegui-lo e como o conseguiu*

<b>Família</b>	<b>Idade ao chegar</b>	<b>1ª emprego em MT</b>	<b>Conseguiu após</b>	<b>Como conseguiu?</b>
<b>Família MS</b>	Filho (3)	Empilhamento de madeira	12 anos	Soube da vaga
<b>Família NA</b>	Filha (19)	Balconista de loja	1 semana	Procurou a vaga
<b>Família SI</b>	Filho (9)	Repositor no mercado	setembro 1992	Fez cadastro na empresa
	Filha (8)	---	---	---
<b>Família CA</b>	Filho A (20)	Balconista de farmácia	1 dia	Indicação de conhecido
	Filho B (18)	Com o pai no mercadinho	---	---
<b>Família GI</b>	Filha (14)	Caixa de loja	4 anos	Indicação de amiga.
<b>Família AR</b>	Filha (19)	Cadastro de escritório	8 meses	Indicação de amiga
<b>Família RN</b>	Filha A (19)	Auxiliar de secretaria	1 mês	Indicação de amiga
	Filha B (18)	Atendente em sorveteria	1 mês	Indicação da avó
<b>Família OL</b>	Filho (17)	Produção de meio fio (empreiteira)	2 ou 3 semanas	Indicação de um colega

Assim que chegaram na cidade de destino após a migração, estes filhos saíram a procura de trabalho, e como pode-se ver, em pouco tempo já se encontravam empregados. O Filho A da Família CA, por exemplo, conseguiu um emprego um dia após a sua chegada à cidade. Segundo o jovem, saiu da vila de Casa Branca com um endereço de onde poderia arranjar um emprego, mas lá não havia vaga; foi então encaminhado pelo proprietário à outra farmácia e na manhã seguinte já estava trabalhando. E desde o recebimento de seu primeiro salário, começou a sonhar e a planejar o seu próprio estabelecimento. Segundo suas palavras, *"foi nesse serviço que eu*

*arrumei dinheiro pra abrir a farmácia, pra comprá a minha moto, né? A moto que eu queria". Hoje, ele é proprietário de uma farmácia em sociedade com seu irmão no centro de Várzea Grande e se orgulha em dizer "eu adquiriu ela com salário meu, né? Com meu trabalho, com meu esforço".*

O irmão, ou seja, o Filho B da Família CA, logo que chegou em Mato Grosso, começou a trabalhar como atendente no mercadinho do tio sem receber qualquer remuneração; segundo ele, estava pegando experiência no balcão para depois trabalhar com o pai no mercadinho da família. Nesse período, o jovem teve certeza que a família iria prosperar, pois via que o tio tinha um pequeno mercadinho mas com um movimento das vendas muito grande. Depois, trabalhou com o pai durante 11 anos, mas quando percebeu que o movimento do comércio caíra e que a venda não era mais suficiente para sustentar a família de seu pai e a dele, pois já era casado e pai de 2 crianças, decidiu abrir seu próprio negócio.

Foi nesse momento que seu irmão, o Filho A da Família CA, resolveu abrir a farmácia. Então, o Filho B nesta ocasião, contou com a ajuda financeira da mãe e utilizando-se do pouco dinheiro que guardara, e com a ajuda do irmão que também lhe emprestou um pouco de dinheiro, tornou-se sócio do irmão. Hoje, após 10 anos, o Filho A afirma que a farmácia não dá mais lucro como antes e que está se tornando cada vez mais difícil manter o comércio. Na sua opinião, isto ocorre porque o comércio em Várzea Grande encontra-se ruim embora em Cuiabá esteja melhor; apesar dessas dificuldades, afirma: *"eu nunca trabalhei de empregado. Trabalhei um ano de empregado, num deu certo, eu nunca vou conseguir trabalhá de empregado, alguém mandá ne mim. Eu acho que vai sê difícil, eu acho que vai sê difícil"*. Assim, fica claro que tornar-se empregado assalariado não faz parte de seus planos futuros.

O Filho da Família OL começou a trabalhar duas ou três semanas após chegar em Mato Grosso. Um colega do Paraná, que já morava em Várzea Grande, saiu com ele procurando serviço, e encontraram trabalho em uma empreiteira que prestava serviços à prefeitura fazendo meio fio de asfalto. Conforme relata, *"a gente viu que aquele serviço ali era um serviço muito pesado, só que pra nós que tava acostumado na roça, nós achava que era moleza aquilo ali, e nós ganhomo bastante dinheiro ali"*. Depois, este trabalhou com o pai na madeireira, mas deixou o emprego quando se casou; daí,

trabalhou como motorista numa empresa de ônibus durante dois anos. Sem conseguir muito progresso, rendeu-se à febre do garimpo e foi trabalhar na região de Cáceres, durante 4 meses, onde "trabalhou duro" e conseguiu capital suficiente para comprar a casa própria. Atualmente, trabalha numa empresa de máquinas pesadas onde começou como mecânico, e depois de 8 anos, hoje é o chefe encarregado dos mecânicos, e para ocupar tal cargo precisou fazer um curso sobre "*como tratar um funcionário*". Este tem grandes expectativas quanto ao seu crescimento dentro da empresa, acreditando um dia ocupar o cargo de gerente: "*Ah, a minha expectativa é de sê um gerente, né? E assumí a empresa, a minha vontade era essa, né? E vamo vê, né? Tenho fé em Deus, que a gente vai chegá lá ainda*".

O Filho da Família MS chegou em Mato Grosso com apenas 3 anos de idade, mas entrou para o mercado de trabalho aos 15 anos. E o que o levou a trabalhar tão cedo? Segundo ele, seus pais lhe davam tudo que precisava, mas ele não queria ficar "*dependendo*" dos pais, por isso queria ter seu trabalho, ter seu "*próprio dinheiro*" para sair, comprar roupas e calçados da moda, e foi o que fez com o primeiro salário que ganhara trabalhando em uma madeireira durante um ano. Em busca de um melhor salário, saiu da madeireira e foi ser faxineiro no aeroporto; lá, 7 meses depois, foi promovido a auxiliar de almoxarife, e como tal trabalhou durante 2 anos e meio. Trabalhou também na Empresa Sadia, começando pelo setor de embalagem, mas depois, tornou-se operador de máquina após um curso de treinamento. Da empresa pediu demissão e se arrependeu: "*naquele tempo, eu arrumei namorada, queria casar, num tem? Aí fui, fui ino, sei lá ... virô minha cabeça assim. Saí de bobeira, até hoje me arrependo de tê saído de lá. Se eu tivesse na SADIA hoje, hoje eu tava tranqüilo, eu num tava do jeito que eu tava hoje*". Retornou depois ao primeiro local onde trabalhou, mas um ano e meio depois a madeireira faliu. Trabalhou também como porteiro, mas atualmente é motorista de caminhão em uma empresa.

A Filha da Família NA contou que não gostou do lugar quando chegou e que a família toda estava entrando em depressão, todos choravam o dia todo. Então, ela foi procurar um emprego para se ocupar e esquecer da tristeza. Uma semana após ter chegado a Várzea Grande, conseguira um trabalho, isto é, o seu primeiro emprego. Conforme relata, "*num tinha muita expectativa não, eu acho que mais era entertê minha cabeça pra num querê voltá, porque tava uma saudade doida pra voltá*." Neste

emprego, trabalhou durante 8 meses, juntou dinheiro, demitiu-se e voltou para o Paraná, só pra "matar a saudade". Ao chegar na vila, percebeu que "*eu num podia mais morá lá, tinha acabado pra mim, num dava mais né, num dava mais, eu tinha que, eu tinha que voltá, que aqui era o meu lugar*". Quando retornou, dias depois, empregou-se em um salão de beleza, mas logo saiu, pois o salário era baixo. Então, voltou a trabalhar como vendedora em uma loja de confecções onde ficou durante dois anos. Neste período, tentou terminar o segundo grau em Contabilidade, mas acabou desistindo. Em seguida, fez vários cursos noturnos de Cabeleireira, função que exerceu por vários anos. Apesar de hoje não trabalhar fora, pois ao se casar optou por ficar em casa cuidando dos dois filhos, tem um quarto em sua casa, com espelho, secador e apetrechos de salão de beleza, onde atende eventuais clientes da vizinhança.

A Filha da Família AR demorou 8 meses para arranjar um serviço porque não tinha escolhido uma profissão: "*eu num sabia o que eu queria*". Outra razão segundo ela, foi que seu pai achava que ela deveria apenas estudar: "*Meu pai achava assim que num era hora de trabalha ainda, que era só pra estudá, que era só pra estudá tal, ai eu cansei disso, de ficá só atrás do colégio tal*". Porém, suas necessidades de jovem, de ser financeiramente independente dos pais, de ter seu próprio salário, de ter uma identidade a fizeram optar por trabalhar, e assim, declarou sua decisão ao pai da seguinte forma: "*pai, eu preciso trabalhá, eu preciso fazê alguma coisa pra tê meu salário de vida*".

No caso da Filha da Família GI, ela só começou a trabalhar após terminar o segundo grau, em 1989. Esta cursou o Propedêutico, no período matutino, em uma escola particular, porque o pai não queria que ela estudasse à noite, que era o único horário oferecido pela escola pública próxima à sua casa. Assim que concluiu o segundo grau, começou a trabalhar como caixa em uma "*loja de máquinas pesadas*", onde trabalhou durante quase um ano. Em seguida, trabalhou como balconista, porém, ao se casar, em 1990, e ter o primeiro filho, parou de trabalhar para cuidar da casa e do filho. Hoje, a jovem tem dois filhos e dedica-se a cuidar da família, mas afirma pretender voltar a trabalhar.

A Filha A da Família RN, chegou a Cuiabá formada em Magistério e por indicação de uma amiga foi trabalhar em uma escola como auxiliar de secretaria. No

entanto, nesse primeiro emprego, sofreu sua primeira decepção, segundo ela, pelo fato de ser paranaense. Certa ocasião, a dona da escola chamou-a para conversar e apresentou-lhe a seguinte justificativa para a sua demissão: *"que ela tinha experiências negativas com paranaenses e que ela não gostaria de ter essas experiências repetidas. Foi inclusive me dizer que paranaense era uma série de trambiqueiro"*. Meses depois, em outra escola, começou a trabalhar como professora.

No ano em que chegou a Cuiabá, esta jovem não prestou os exames para o vestibular porque já havia perdido o período das inscrições; tentou novamente no ano seguinte, e embora não tenha sido aprovada, continuou tentando até que *"fiz o cursinho, enfrentei os vestibulares e terminei a faculdade. Porque eu tinha o objetivo de estudar. Eu nunca havia pensado em desistir de estudar, meu objetivo era fazer uma faculdade, era ter um curso superior e continuar. Passar pra uma especialização e seguir em frente."* Assim, apesar das dificuldades para conciliar o estudo e o trabalho, seu sonho de estudar foi realizado, ainda que hoje, afirme sentir-se decepcionada com sua vida profissional, motivo pelo qual abandonou o trabalho de professora e por 2 anos e 4 meses foi trabalhar como recepcionista e telefonista. Em 2001, contudo, fez concurso público para o cargo de professora do município de Várzea Grande e voltou a lecionar.

A Filha B da Família RN, um mês depois de chegar a Cuiabá, já se encontrava trabalhando em uma sorveteria, embora sem carteira assinada e com um salário baixo que, muitas das vezes, não lhe era pago. Segundo a jovem, *"chegava no dia do pagamento, que eu achava que ela ia me dá em dinheiro, ela queria me dá em picadinho e em material da sorveteria e me deixou super frustrada e eu preferi sai de lá"*. Por ter uma filha pequena, a qual não tinha com quem deixasse para cuidar, a jovem, sem muitas opções de emprego, acabou por trabalhar como faxineira diarista e por lavar e passar roupas para fora. Quando sua mãe parou de trabalhar, esta passou a cuidar da neta, e assim a jovem pode se dedicar ao trabalho e ingressou no serviço público. Atualmente, diz que deseja *"crescer mais no trabalho"*, razão pela qual, depois de dezesseis anos sem freqüentar a escola, voltou a estudar e hoje, cursa o supletivo em uma escola particular, e ao concluir o segundo grau, afirma que pretende prestar os exames para o vestibular e prestar um novo concurso para conseguir um cargo melhor.

#### 4. O SENTIDO DA EDUCAÇÃO

##### a) Na perspectiva dos pais: O sentido da Educação para si

Quando os pais falam sobre o estudo, se referem a ele como sendo *"bom, muito importante, muito útil, uma opção de vida melhor, uma coisa boa, a melhor coisa da vida, um tesouro, a coisa mais importante da vida da gente"*, enfim, é *"tudo na vida"* de uma pessoa. Seguindo a lógica de seus argumentos, é através do estudo que se é possível tornar-se *"alguém na vida"*, pois sem ele, a pessoa *"é inútil, num tem nada, num aprende nada, num arruma serviço, num tem emprego, num cresce na vida e num é nada"*. Assim, para esses pais, o estudo possibilita o acesso a um bom emprego e, por conseguinte, assegura uma vida melhor. Porém, quando se trata de pensar o valor do estudo para si, os pais afirmam que o pouco estudo que tiveram permitiu-lhes conseguir o que têm. Isto mostra que no caso desses pais, não foi necessário obter um grau elevado de escolaridade para se obter sucesso no trabalho. É que o negócio que a família possuía, na época, foi possível de ser mantido com o mínimo de estudo dos pais, que se restringia a ler, escrever e fazer cálculos.

Segundo o Pai da Família MS, *"Valeu esse estudo que eu tive pra tocá esse tipo de comércio aí, ele é suficiente"*. Tudo isso permite-nos deduzir que para ser ter um pequeno comércio, ou se arriscar a ser um pequeno comerciante, não há a exigência no mercado de trabalho de se ter um diploma, seja ele, técnico ou universitário, basta ter capital para iniciar o negócio, habilidade para com o público e um bom ponto comercial.

No depoimento dos pais o estudo aparece como a garantia de melhoria de vida e num devaneio do que poderia ter sido o futuro caso tivessem estudado mais, eles firmam que mais estudo teria lhes proporcionado melhores oportunidades de *"ser alguém na vida"*. Na fala do Pai da Família NA: *Cum mais estudo a gente podia tê tido mais chance na vida. (..) Me foi de grande valia, né? Eu foi pouco estudo, mas bem proveitoso porque eu usei o pouco que eu sabia no meu trabalho e isso ajudou a criar a minha família"*. Ao mesmo tempo em que lamenta a falta que faz o estudo que não chegou a ter, ele exalta o pouco estudo que tem.

O Pai da Família OL, também lamenta não ter tido a oportunidade de ter chegado a faculdade, pois acha que: "*se eu fosse um homem que tivesse tido a oportunidade de sentar numa cadeira de faculdade e ter conhecimento melhor, mais estudo, eu seria hoje uma pessoa com muito mais possibilidade de ter um salário muito melhor do que tenho*". Novamente aparece aqui a idéia de que o diploma dá mais possibilidade de melhoria de vida, mas ele diz que mesmo com pouco estudo, hoje ele é funcionário público municipal e "*vive da caneta*" e afirma que só está empregado porque sabe ler e escrever.

O único que diz que sem estudo ou com estudo a vida teria transcorrido da mesma forma é o pai da Família CA. Veja como ele reage a pergunta: "*Se tivesse estudado mais? Num sei acho que tinha vivido do mesmo jeito*". Mas logo em seguida ele se contradiz, ao afirmar que só exerce seu trabalho de pequeno comerciante porque estudou.

O Pai da Família JA afirma que há a possibilidade de que se ele tivesse estudado mais, isso talvez o influenciasse a fazer outras coisas na vida. Mas, em seguida, afirma que o estudo também não lhe fez falta, pois está trabalhando, tem seu serviço e que *às vez quem tá estudado demais aí, tal, e às vez não conseguiu nada, estudou e estudou e tá aí parado como se diz, né? Ou seja, aparentemente o fato de não ter estudado mais não lhe fez falta. Mas contraditoriamente, afirma logo em seguida, que o estudo que ele tem embora seja pouco, "contribuiu em tudo, né? Porque a gente trabalhou, fez esforço, foi indo, foi crescendo, né? Com esse pouco estudo.*

Um bom exemplo da importância do estudo para o sustento da família é o caso da Mãe da Família JA, que estudou apenas até a 4ª série do Ensino Fundamental, segundo ela, o sustento da casa foi mantido durante anos pelo salário recebido com a profissão de professora, veja bem num país quase semi analfabeto, as poucas pessoas que tinham acesso a educação principalmente nas cidades e vilas interioranas, tinham vantagem às outras que não tinham tido acesso à escola.

A Mãe da Família RN é outro exemplo, antes de ficar viúva ela se ocupava apenas das obrigações domésticas de sua casa, mas quando ficou sozinha e com 5 filhos para criar, teve que buscar um emprego para sustentar a família, conseguiu a vaga de



merendeira na escola da Vila de Casa Branca e em Cuiabá foi cozinheira numa firma. Em seu depoimento declara que mesmo tendo pouco estudo "*eu consegui trabalho dependendo desse estudo meu. Foi assim que eu consegui criar os meus filhos*",

A Mãe da Família GI que abandonou o escola após o casamento diz que se arrepende de não ter estudado mais. Segundo ela, "*se eu tivesse mais estudo seria bem melhor*". Pois com mais estudo talvez tivesse mais chances de melhorar sua vida e de sua família, mas logo em seguida acrescenta: "*mais esse tá bom*", como se tivesse que se conformar com o estudo que tem.

A Mãe da Família OL, igualmente como os demais citados, lamenta não ter estudado mais e diz: "*Ai, eu sinto muito não ter estudado mais, né? Talvez a gente tivesse melhor hoje.(...) Se eu tivesse mais estudo eu achava que seria melhor*". Essa possibilidade não realizada cria nela a idéia de que perdeu algo muito importante na vida, novas alternativas e possibilidades de melhora, mas em seguida dá ao seu pouco estudo um importante significado ao dizer: "*Mas o estudo que eu tive ajudou, deu pra gente ter alguma coisa, ajudar no comércio, que nem eu ajudava, né? Então eu não reclamo não*". Assim, ela acaba afirmando que seu pouco estudo lhe proporcionou a possibilidade de trabalhar no comércio da família e de ajudar o marido a proporcionar melhores condições de vida aos filhos.

A Mãe, Família CA, diz que "*estudo nunca é demais*". Porém ela parece não perceber as mudanças que ocorreram no mercado de trabalho e que hoje as exigências neste setor são outras. Ela atribui seu sucesso, em ter um comércio e ter conseguido sustentar a família com ele, ao fato de acreditar que a educação de antes, quando ela estudava, era melhor que a educação de hoje, isso é visível quando ela afirma que: "*o estudo daquele tempo era mais pesado, né? Então, a gente aprendia, eu acho que melhor do que hoje. Porque o pouquinho que a gente estudava dava pra gente aprender bem*". Porém, a Mãe da Família SI parece perceber essa mudança nas exigências do mercado de trabalho quando este hoje pede um trabalhador melhor qualificado, pois ela afirma que, o estudo que ela tinha "*pra época era um bom estudo*" e que ela chegou a ser "*até professora*", assim, subentende-se aqui que seu estudo não atende mais as exigências de mercado atual.

Já a Mãe da Família AR, que nunca frequentou a escola, mas aprendeu em casa a ler e fazer contas, afirma que o estudo nunca lhe fez falta, e diz estar financeiramente melhor do que muitas pessoas que estudaram.

Pode-se perceber que os pais valorizam o pouco estudo que possuem, uma vez que, por saberem ler e escrever lhes foi possível exercer a profissão de pequeno comerciante e assim poder sustentar a família. Quanto as mães, aquelas que foram professoras é compreensivo que valorizem o estudo, quanto as demais elas valorizam o estudo exatamente como os pais, uma vez que ele lhes proporcionou a possibilidade de exercer uma profissão que ajudasse no sustento da família.

#### **b) Na perspectiva dos pais: O sentido da Educação para o outro**

Ao se analisar o sentido da Educação para o outro, vê-se que este é bem diferente do sentido da Educação para si. Todos os pais, sem exceção, demonstraram claramente o desejo que seus filhos tivessem terminado os estudos e a expectativa de vê-los com um diploma universitário, independentemente do curso. Alguns demonstraram também certa decepção pelo fato dos filhos terem parado os estudos ou por terem desistido de se empenhar para concluí-los.

No que se refere especificamente às mães, de um modo geral, o que se viu foi um desejo de fornecer aos filhos o que elas entendem por "*o melhor*", ao mesmo tempo que uma forte expectativa que estes consigam alcançar este "*melhor*" abstrato e idealizado por elas. Em face disto, vê-se um sentimento de decepção e de frustração por parte das mães diante do não alcance deste ideal por parte dos filhos, ao mesmo tempo que se vê uma certa dose de aceitação do fato e de esperanças sem previsão de data de realização.

Assim, o desejo de fornecer "o melhor" para os filhos pode ser encontrado no depoimento da Mãe da Família JA que afirma que "*a gente sempre espera o melhor pros filhos.*"

A expectativa que os filhos consigam alcançar este "melhor" abstrato e idealizado pelas mães pode ser observado no depoimento das Mães da Família JA ("*a gente sempre acha que tá dando o melhor e espera que eles consigam o melhor, e no*

*estudo é a mesma coisa.*”), da Família CA (*“esperava que todos eles fosse formado.”*), da Família GI (*“eu esperava que eles ia estudá melhor, eu achava que eles ia pegá alguma carreira, alguma coisa.”*), da Família AR (*“sê alguém na vida, né? Sê um proprietário, seno funcionário de alguma coisa, tê uma empresa, tê alguma coisa pra eles, sempre pensei assim, sempre quis o melhor pra eles. (...) Claro, através do estudo.”*), da Família SI (*“eu esperava que eles estudassem bastante para ser alguma coisa na vida.”*) e da Família OL (*“eu esperava que todos eles ia fazê a faculdade, né? Estudá bem mais.”*).

Quanto ao sentimento de decepção e de frustração por parte das mães diante do não alcance deste ideal por parte dos filhos, este pode ser encontrado em forma de sentimento de fracasso por parte da mãe que não foi capaz de fazer com que os filhos alcançassem este ideal, tal como se vê no depoimento da Mãe da Família CA (*“óia que eu pelejei, mais num consegui fazê eles estudá.”*), ou em forma de sentimento de fracasso por parte dos filhos que não foram capazes de se empenhar para alcançar este ideal, tal como se vê no depoimento da Mãe da Família CA (*“ela chegô de começá a Faculdade, de Química de Farmácia, mais parô porque tinha de estudá muito e ela achô muito difícil. Agora ela só tá tabalhano.”*) e da Família GI (*“eu esperava que eles ia estudá melhor, eu achava que eles ia pegá alguma carreira, alguma coisa, mais não, pararo bem cedo.”*).

Apesar da frustração e da decepção, algumas mães também demonstram uma certa dose de aceitação do fato, assim como de esperanças, sem previsão de data de realização, de que os filhos retomem seu ideal: o de serem alguém na vida. Assim é para a Mãe da Família CA (*“o outro parece que qué voltá, vamo vê se pelo meno um sai doutor, né?”*) e da Família OL (*“num é tudo que nem cá gente qué que acontece, né? Mais tá bom.”* ou *“Esse ao meno que feiz a sétima série, espero que um dia ele precise e vorte a estudá de novo, né? Que nem a mulher dele estuda.”*).

Quanto aos pais, vê-se que não existe diferenças quanto à valorização do estudo em relação ao gênero dos filhos, tanto assim é que os pais aconselham e se empenham para que tanto os filhos como as filhas se dediquem ao estudo.

Apesar dos pais, em geral, se empenharem para que seus filhos se dediquem aos estudos, nem sempre suas vontades são atendidas. Quando os filhos não atendem à vontade dos pais, seguindo as suas próprias vontades, os pais demonstram claramente sua insatisfação, assim como a sua falta de domínio sobre a decisão dos filhos. Este fato é observável no depoimento do Pai da Família MS (*“gostaria que ele estudasse. Eu não gostei, não, dele ter parado.(...) Num gostei não, eu gostaria que estudasse mais né? Falei, mas não adiantou.”*), da Família CA (*“eu queria que elas estudasse até quando eu agüentasse, (...) Eu esperava que elas fossem até onde eu, minha vontade desse, mas elas não quiseram, foi até onde elas quis, só, e pararam, e pronto.”*), e da Família OL (*“Eu chamei a atenção dele. Falei pra ele que hoje o mundo que nós vive, depende muito do estudo e fiz de tudo pra que ele voltasse a estudá, mais ele preferiu casar e cuidá da vida dele, e fico por aí mesmo. (...) Eu chamei a atenção dele. Falei pra ele que hoje o mundo que nós vive, depende muito do estudo e fiz de tudo pra que ele voltasse a estudá, mais ele preferiu casar e cuidá da vida dele, e fico por aí mesmo.”*).

Como se pode ver também, os pais, quando se trata dos estudos dos filhos, agem com objetividade, e assim, falam, chamam a atenção, arcam com as despesas dos estudos dos filhos, e quando estes, apesar de terem estudado, não conseguem bons resultados no mercado de trabalho, os pais buscam saídas também práticas, como abrir um negócio para o filho. Tudo isto se é verificável no depoimento dos pais da Família OL (*“Eu chamei a atenção dele. (...) e fiz de tudo pra que ele voltasse a estudá”*), da Família MS (*“Falei, mas não adiantou.”*), da Família CA (*“eu queria que elas estudasse até quando eu agüentasse”*), e da Família JA (*“estudou e no fim nós tivemos que abrir um comércio para ele poder trabalhar porque ele não achava emprego que merecia, né?”*).

Apesar do empenho por parte dos pais para que seus filhos mantenham-se estudando, estes aceitam o não prosseguimento dos estudos por parte dos filhos quando estes se encontram diante da dificuldade de conciliar a dupla jornada de trabalho e estudo, como o caso da Família JA e da Família MS, e quando apresentam problemas de saúde, como é o caso da Família OL.

Outro aspecto importante refere-se ao fato de que dentre os pais, há aqueles que são convictos de que o estudo traz lucros, como é o caso do pai da Família OL que tem

filhos que estudaram e outros que não, e quanto a estes que estudaram, afirma que “*me escutô, que estudô e os que tão estudano tá com uma vida melhor, ganha mais*” pois esses “*sempre têm um espaço a mais no mercado de trabalho*”, enquanto o outro filho que não estudou, segundo o pai, “*tá ganhano menos*”. Para este pai, a situação real de cada filho o torna convicto de que estudar é bom. Por outro lado, há aqueles pais para quem o estudo não produz lucros, como é o caso do Pai da Família JA cujo filho concluiu um curso superior e não conseguiu um emprego e um salário condizente com seu grau de escolaridade. Devido a isto, o pai afirma que “*eu esperava que eles iam progredir. Mas depois, os estudo dele, pode se dizer foi estudado, mas não valeu quase nada.(...) estudou, e no fim, nós tivemo que abrir um comércio*”. Neste caso, o que o pai entende é que, com exceção do diploma universitário, não existe diferença entre ele e o filho, pois hoje, ambos, pai (com pouco estudo) e filho (com nível superior) se encontram na mesma condição: no balcão do mercadinho da família.

Assim, parece que a educação escolar, principalmente a profissionalizante de nível superior, na visão dos pais, ela tem elevado valor, não para si, mas para o outro, e ela é desejada porque traz (ou deve trazer) para o sujeito um bom emprego e um bom salário, isto é, o retorno financeiro. É por assim entender que o pai da Família MS afirma que “*eu gostaria que ele se formasse, pelo menos que formasse como professor, ou qualquer outra coisa, né? Aí era melhor, né?*”

Em síntese, pode-se verificar que todos os pais queriam que seus filhos tivessem um diploma universitário, pois consideram-no muito importante, mas seus filhos foram desistindo de estudar por diversos motivos, e face a esta atitude, a primeira reação dos pais é de decepção e de preocupação para com o futuro dos filhos. Todos os pais alegam ter tentado convencer os filhos a voltarem a estudar, mas acabaram aceitando a decisão deles de parar.

Assim, o estudo revelou que os pais, em geral, consideram o estudo como sendo algo importante para “*ser alguém*” ou para adquirir recursos financeiros e acreditam que poderiam estar melhores financeiramente se tivessem estudado mais; valorizam o “*pouco estudo*” que têm, porém, não mostram-se dispostos a retomar os estudos porque se vêem velhos, sem paciência e habilidade, e não vêem sua utilidade nesse momento de suas vidas; valorizam o estudo como um meio para alcançar a melhoria de vida, porém,

eles próprios não têm disponibilidade para continuar os estudos; o pouco estudo que têm não lhes oferece outras alternativas de profissão, porém, pelo fato de serem comerciantes, o estudo que têm lhes é suficiente para manter o trabalho, assim como o capital que têm é suficiente para o sustento da família. Desta forma, depositam todas as suas expectativas de melhora de vida na educação dos filhos, esperando que estes estudassem até conseguir uma profissão, ou seja, que eles estudassem até a universidade conseguindo, assim, um diploma e através dele uma profissão bem remunerada.

### **c) Na perspectiva dos filhos: O sentido da Educação para si**

O depoimento dos filhos quanto ao significado do estudo, não se distancia muito da definição dada pelos pais. Estes, tal como seus pais, se referem ao estudo como sendo *"importante na vida de qualquer pessoa, é essencial, é o caminho, a sabedoria, o conhecimento, uma porta pro mundo, uma continuação"*, enfim, *"é tudo"*, pois facilita a vida no trabalho, na comunicação e na convivência com outras pessoas.

Segundo alguns filhos, o estudo é a garantia de que, num futuro próximo, terão uma vida financeiramente tranqüila; e sem estudos, não haverá chances para se conseguir emprego, pois para se ocupar os cargos disponíveis no mercado de trabalho, o estudo se faz necessário. Para eles, também, as pessoas que estudam são admiradas por outras, pois entendem que aquelas conseguiram uma *"grande conquista"*, uma *"vitória"*.

Analisando o Quadro a seguir, constata-se que dos 36 filhos, apenas três deles concluíram o ensino superior. Dentre os 3, encontra-se o filho da família OL que formou-se em Medicina Natural na Universidade Estadual de Maringá, e para isso morou com a avó na cidade de Maringá durante todo o período em que estudou, e hoje, exerce a profissão para a qual foi formado, e os outros dois que formaram-se em Cuiabá, a Filha A da Família RN formou-se em Pedagogia e especializou-se em Currículo estudando em uma faculdade particular, e hoje, é professora no Município de Várzea Grande, e o Filho da Família JA que estudou Processamento de Dados em uma universidade particular, porém, atualmente não exerce a profissão e é proprietário de um mercadinho na periferia de Várzea Grande que foi aberto com a ajuda do pai. Assim, dentre os que concluíram o curso superior, dois deles estudaram em universidades privadas, em Cuiabá, e outro, em uma universidade pública, embora longe da família.

Este fato mostra o empenho financeiro que estas famílias realizaram para que seus filhos pudessem ter acesso à educação de nível superior.

**QUADRO 9:** *Escolarização dos filhos*

<b>Família</b>	Categoria Idade 2001	<b>Escolaridade</b>	<b>Situação</b>	<b>Curso</b>	<b>Instituição</b>
<b>Família MS</b>	Filho* 27	<b>Ensino Médio</b>	<b>Cursando</b>	<b>Supletivo</b>	<b>Pública</b>
	Filha 18	Ensino Médio	Cursando	Propedêutico	Pública
<b>Família NA</b>	Filha 43	Ens. Fundamental	Incompleto	7ª série	Pública
	<b>Filha * 40</b>	<b>Ens. Médio</b>	<b>Incompleto</b>	<b>2º ano Magistério</b>	<b>Pública</b>
				<b>3º ano Contabilidade</b>	<b>SESI</b>
	Filha 38	Ensino Médio	Cursando	Propedêutico	Pública
	Filha 30	Ens. Fundamental	Incompleto	7ª série	Pública
<b>Família SI</b>	<b>Filho A* 29</b>	<b>Ensino Superior</b>	<b>Cursando</b>	<b>3º ano Economia</b>	<b>UFMT</b>
	<b>Filha B* 28</b>	<b>Ensino Médio</b>	<b>Completo</b>	<b>Propedêutico</b>	<b>Pública</b>
	<b>Filho 25</b>	Ensino Médio	Completo	Propedêutico	Pública
	<b>Filho 23</b>	Ensino Médio	Completo	Propedêutico	Pública
	<b>Filho 21</b>	Ensino Médio	Completo	Propedêutico	Pública
<b>Família CA</b>	Filho A* 39	<b>Ensino Médio</b>	<b>Cursando</b>	<b>Supletivo</b>	<b>Particular</b>
	Filho B* 37	<b>Ensino Médio</b>	<b>Completo</b>	<b>Propedêutico</b>	<b>Pública</b>
	<b>Filha 26</b>	Ens. Superior	Incompleto	1º ano Farmácia	Particular
<b>Família GI</b>	Filho 34	Ens. Fundamental	Completo	8ª série	Pública
	Filha 33	Ensino Médio	Completo	Magistério	Pública
	<b>Filha * 31</b>	<b>Ensino Médio</b>	<b>Completo</b>	<b>Propedêutico</b>	<b>Particular</b>
	Filho 30	Ens. Fundamental	Completo	8ª série	Pública
<b>Família AR</b>	Filho	Ensino Médio	Completo	Contabilidade	Pública
	<b>Filha*</b>	<b>Ensino Médio</b>	<b>Completo</b>	<b>Propedêutico</b>	<b>Pública</b>
	Filho	Ensino Médio	Incompleto	1º ano Propedêutico	Pública
	Filha	Ens. Fundamental	Completo	8ª série	Pública
	Filha	Ens. Fundamental	Completo	8ª série	Pública
<b>Família RN</b>	<b>Filha A* 35</b>	<b>Especialização</b>	<b>Completo</b>	<b>Pedagogia Especialização</b>	<b>Particular</b>
	<b>Filha B* 34</b>	<b>Ensino Médio</b>	<b>Cursando</b>	<b>Supletivo</b>	<b>Particular</b>
	Filha 32	Ens. Fundamental	Incompleto	5ª série	Pública
	Filho 31	Ensino Médio	Incompleto		Pública
	Filho 30	Ens. Fundamental	Incompleto	1ª série	Pública
<b>Família OL</b>	Filho 38	Ens. Superior	Completo	Medicina Natural	Univers. Maringá
	Filho 36	Ensino Médio	Cursando	Propedêutico	Pública
	<b>Filho* 33</b>	<b>Ens. Fundamental</b>	<b>Incompleto</b>	<b>7ª série</b>	<b>Pública</b>
	Filho 25	Ens. Superior	Cursando	2º ano Proce. de Dados	Particular
	Filha 21	Ens. Superior	Cursando	2º ano Administração	Particular
<b>Família JA</b>	Filho 36	Ensino Médio	Completo	Administração	Pública
				Contabilidade	Pública
	Filho 29	Ens. Fundamental	Completo	8ª série	Pública
	Filho 28	Ens. Superior	Completo	Proce. de Dados	Particular

Filho\* filhos entrevistados

Dos outros 4 jovens que ingressaram em um curso superior, mas não o concluíram, encontram-se um dos Filhos e a Filha da Família OL que estão estudando em uma universidade particular, a Filha da Família CA que iniciou o curso de Farmácia em universidade particular, mas abandonou-o ainda no primeiro ano, e o Filho A da Família SI que cursa o 3º ano de Economia na Universidade Federal.

Dos 18 jovens com Ensino Médio completo, conforme mostra o quadro, com exceção da Filha da Família GI que estudou em escola particular, todos estudaram em escolas públicas.

Quanto aos filhos que retomaram os estudos, 5 deles estão cursando o Ensino Médio: 2 fazem o curso Propedêutico em uma escola pública e 3 fazem o curso Supletivo, sendo 1 em uma escola pública e 2 em escolas particulares.

Dentre os jovens, apenas 4 fizeram cursos profissionalizantes do Ensino Médio, sendo que a Filha da Família NA iniciou dois cursos -- o Magistério, no Estado do Paraná, e o de Contabilidade, no SESI, em Várzea Grande -- os quais não concluiu, e o Filho mais velho da Família JA que concluiu o curso de Administração, no Estado do Paraná, e o de Contabilidade, no Estado de Mato Grosso.

Dos 10 jovens que cursaram até o Ensino Fundamental, 5 deles completaram a 8ª série, 5 deles abandonaram os estudos, sendo 2 na 7ª série, 1 na 6ª série, 1 na 5ª série, e 1 deles abandonou os estudos já na 1ª série do Ensino Fundamental.

Conforme mostra o quadro ainda, dos 36 filhos das 9 famílias, 9 deles estão estudando, e dentre os 11 filhos entrevistados, apenas 4 estão atualmente estudando e é em seus depoimentos que serão concentradas as análises. Dos 4, 3 cursam o ensino supletivo e estes, objetivamente, buscam condições para concorrerem a cargos públicos, promoções, melhores empregos, ou a independência profissional.

Assim, o Filho da Família MS está cursando o Ensino Médio Supletivo em uma escola pública, porque entende que caso conclua pelo menos o Ensino Médio, isso lhe dará a possibilidade de fazer inscrições em concursos públicos e conseguir um emprego melhor que o atual. Assim, a razão de retomar os estudos deveu-se basicamente pela



experiência vivenciada anteriormente, quando a falta de estudo foi-lhe um empecilho para concorrer a um emprego. Em outras palavras, o retorno aos estudos relacionou-se à necessidade de criar melhores condições para a competição no mercado de trabalho.

A Filha B da família RN também retornou aos estudos porque precisava se atualizar para tentar uma promoção no órgão público que trabalha. Ao terminar o curso supletivo do Ensino Médio, esta pretende prestar os exames de vestibular, não para os cursos de Agronomia e Jornalismo tal como gostaria, mas para Serviço Social porque deseja ocupar um cargo melhor no órgão público em que trabalha. Como não possui condições financeiras para pagar uma faculdade particular, declara que tentará ingressar na Universidade Federal. Esta lamenta muito por não ter prosseguido os estudos pois isto fez com que perdesse muitas oportunidades de emprego. Observa que se tivesse continuado os estudos, hoje, poderia ter empregos melhores, talvez até tivesse “*um ótimo emprego lá no Fórum*”, e conseqüentemente, quem sabe, melhores condições de vida.

O Filho A da Família CA também voltou para a escola dezoito anos depois de ter parado de estudar e está cursando o supletivo, pois pretende formar-se em Farmácia, visto que é sócio proprietário de um estabelecimento farmacêutico. O jovem retornou aos bancos escolares, faz um curso supletivo, à noite, em uma escola particular e pretende prestar vestibular em São Paulo porque lá poderá cursar uma faculdade particular que oferece o curso de Farmácia em apenas 3 anos. O motivo que o leva a retomar os estudos, segundo o jovem, baseia-se no fato de que para manter sua farmácia em funcionamento, precisa de alguém que tenha um diploma nesta área, e que para tanto, precisa pagar uma pessoa “*com diploma de Farmácia*” apenas para assinar a papelada do estabelecimento.

Finalmente, o Filho A da Família SI que está cursando o 3º ano de Economia na Universidade Federal de Mato Grosso, afirma que estudar e se preparar para o mercado de trabalho tornou-se uma necessidade, pois para ocupar uma função, hoje, por mais simples que ela seja, é necessária uma “*escolaridade razoável*”. Em sua opinião, é importante estar sempre se atualizando, e por isso, continuará estudando mesmo depois de formado, especializando-se na área de Ciência Econômica, área esta que está relacionada à sua vida profissional.

Diferentemente dos filhos que retornaram aos estudos por acreditarem que somente através da educação formal obterão condições de competição no mercado de trabalho, há aqueles que demonstram descrença quanto à função da educação. De um modo geral, para estes, a educação de nível médio e alto parece não servir como proteção contra o desemprego e a desvalorização salarial; no lugar da escolaridade, acreditam que é o domínio da competência técnica que fornece o sentido de sucesso na vida, podendo este ser em forma de *poder de mando* sobre o outro, ou em forma de independência e satisfação profissional.

Assim, o Filho B da Família CA, por exemplo, acha que poderia estar melhor na vida se tivesse estudado, porém, acha também que isto poderia não ter acontecido pois tem observado que, atualmente, muitas pessoas, mesmo com estudo, estão desempregadas e em condições de vida piores do que as dele.

A Filha A da Família RN reconhece que foi através do estudo que conseguiu exercer uma profissão que lhe garantiu a compra da casa própria onde mora com sua família. Porém, afirma que não sabe se lhe valeu de alguma coisa o fato de ter estudado, pois sua profissão não é valorizada como ela acha que deveria ser e o salário, pelo menos na rede particular de ensino onde trabalhou por muitos anos, não condiz com a preparação exigida ao profissional de educação.

O Filho da Família OL optou por não estudar "*porque, veja bem, se eu optasse pra estudá, eu tinha que pará de trabalhá, entendeu? E pelo emprego que eu arrumei aqui, num dava, ou eu estudava, ou eu trabalhava, um dos dois. Aí, eu partí mais pro lado do trabalho, né?*". Para ele, portanto, a sua sobrevivência e o sustento de sua família, naquele momento, foram mais importantes que o conhecimento e as promessas de oportunidades futuras que a escola lhe oferecia. Hoje, o fato de não ter terminado o estudo, pois só estudou até a 7ª série do Ensino Fundamental, faz-lhe falta apenas quando lhe é solicitada a apresentação de certo grau de escolaridade. Porém, ao analisar a sua posição no trabalho que realiza, conclui que o estudo não lhe faz falta porque não o impede de exercer a profissão na qual se sente bem sucedido, além do que na oficina onde trabalha, "*manda*" em pessoas que têm mais estudo do que ele. Assim, segundo

ele, o cargo que ocupa na empresa, adquiriu-o com sua competência, e não com seu grau de escolaridade, daí entender que o estudo é secundário em sua vida.

No caso da Filha da Família AR, esta alega que o estudo que contribuiu até hoje para o sustento de sua família foi o curso de cabeleireira que fez quando chegou em Várzea Grande. Quanto ao ensino formal da escola, esta nem mesmo faz referência, uma vez que o fato de ter terminado o Ensino Médio e não ter cursado uma faculdade, não a impossibilita de ser proprietária de um salão de beleza, e nem tampouco a impede de exercer a profissão de cabeleireira na qual se sente realizada.

Em síntese, conforme o depoimento dos filhos entrevistados, verificou-se que como os pais, estes alegam que foi graças ao estudo que possuem que podem exercer a sua profissão e garantir o seu sustento e o de sua família. Verificou-se também que, entre os jovens migrantes, há aqueles que prosseguiram os estudos e aqueles que os abandonaram. Quanto aos que retornaram aos estudos, estes apresentam causas diversas, porém, de um modo geral, pode-se dizer que todos eles o fazem não como meio de realização do sonho de ter um diploma, mas pela necessidade de manter o trabalho, ou por almejam outros cargos na empresa ou órgão público em que atuam, ou ainda para manter seu próprio negócio. Ou seja, para a sua sobrevivência financeira no seio do atual mercado de trabalho.

#### **d) Na perspectiva dos filhos: O sentido da Educação para o outro**

Para se analisar o sentido da educação para o outro, investigou-se os filhos (2ª geração) que têm filhos (3ª geração), pois aqui pretendeu-se saber qual o significado da Educação quando este é direcionado para o outro, no caso, para os seus próprios filhos. O estudo revelou, deste modo, que todos os filhos (2ª geração) desejam que seus próprios filhos (3ª geração) continuem os estudos. Porém, na defesa do estudo para os filhos, os pais são intransigentes e não aceitam qualquer possibilidade de seus filhos virem a abandonar os estudos. A Filha da Família CA, por exemplo, embora tenha afirmado anteriormente que não gosta de estudar e parou de estudar no último ano do Ensino Médio, quando se trata dos filhos, sua postura é irredutível: *"Ah, não! Eu num ia deixá não. (...) Enquanto eu mandá ali, ele num vai pará não. (...) Ah, não. Como que vai pará de estudar? É uma coisa que vai abr os caminhos deles, senão ele num vai ser*

*ninguém e eu quero que ele seja alguém, né? Eu acho que enquanto eu mandá nele, ele num vai pará não”.*

Alguns pais utilizam-se de recursos para estimular seus filhos a continuarem os estudos, pelo exemplo do esforço e perseverança, ou pelo exemplo do fracasso. O filho B da Família CA, por exemplo, que anteriormente explicara que não gostava de estudar, quando se trata do estudo dos próprios filhos, logo afirma que eles terão que estudar e se formar porque enquanto os filhos estiverem sob seu teto terão que obedecê-lo e terão de estudar, e que para ele não existe a opção de não estudar. Em sua compreensão não se é possível aceitar *“uma criança ficá sem estudo”*. Para o pai, hoje, o estudo é tão importante que *“Ainda depois do 2º grau, eu acho que num tem querê. Vai tê que sê, vai tê que estudá. Pra pará, só se saí de casa ou ir embora e sumí da minha frente, aí num tem jeito. Na minha frente, vai tê que estudá, na frente da mãe dela também. Vai sê difícil ela saí da mãe dela, ainda mais a mãe dela que tá estudando depois de velha”*. Como se pode perceber, para este pai, pelo fato de não gostar de estudar, usa a esposa como exemplo de esforço e perseverança para os filhos, defendendo que o curso universitário que a esposa realiza vai assegurar-lhe um bom emprego e lhe dará perspectiva de crescimento no local onde trabalha. Eis aqui um bom exemplo do sentido da educação, não para si, mas para o outro.

Outra mãe que não aceita que os filhos parem de estudar é a Filha da Família GI. Esta explica porque: *“Ah, porque ele vai se privar de muitas coisas no futuro”*. Esta mãe, tal como no exemplo anterior, usa o marido como exemplo positivo de retorno à escola para incentivar os filhos e assim explica: *“ele voltou a estudar recentemente, depois de muitos anos parado (...) concluiu o segundo grau e continua estudando, fazendo cursos, e ele pretende também fazer uma universidade”*.

Um exemplo de estímulo pelo exemplo do fracasso do outro pode ser encontrado na Filha B da Família RN. Segundo a mãe, a filha *“tem como exemplo o que aconteceu comigo que parô de estudá.(...) Mais se parasse de estudá, eu ia dizê pra ela que eu tô aí como prova viva do que nós passamo”*.

Assim, quanto aos filhos, estes consideram o estudo importante para *“ser alguém”*, mas, no primeiro momento da vida, a maioria, o abandonou quando se viu

diante da escolha entre o Trabalho e o Estudo, ou entre a Família e o Estudo; assim como quando diante da necessidade de sobrevivência, da incompatibilidade de horários, do desejo de ser independente dos pais e da necessidade de criar sua identidade de jovem. Entretanto, o abandono da escola dando prioridade ao trabalho só obteve sucesso até quando o grau de escolaridade que possuíam atendia às exigências do mercado de trabalho existente em Cuiabá e Várzea Grande. Posteriormente, como se viu, a necessidade fez com que muitos retornassem à escola para buscar as condições necessárias à manutenção de suas posições no trabalho. Porém, quando se trata dos seus filhos, estes jovens pais que um dia abandonaram os estudos, não aceitam de modo algum a possibilidade destes abandonarem os estudos e seguirem os passos de seus pais. Então, para os pais, o que mudou ?

A Filha B da Família RN responde: *“Nóis paramos. E por que que nós paramos? Por causa da dificuldade, né? Hoje, ela já num tem a dificuldade que nós tivemos”*.

Assim, estes jovens pais, embora tenham tido o acesso à educação após a migração, e a despeito disto tenham optado pelo trabalho, dão-nos a entender que, nos dias atuais, podem oferecer aos filhos o estudo, ou seja, “uma boa educação”. E segundo a filha da Família AR, a boa educação é a única coisa que ela pode oferecer aos filhos, pois entende que o resto, eles terão de conquistar sozinhos, ao longo de suas vidas. No seu entender, *“se eles tivé uma boa educação, eles vão tê tudo pra frente, se não tivé, vai sê tudo mais difícil”*.

Em síntese, o estudo sobre a migração de nove famílias da vila de Casa Branca, no município de Xambrê, no Estado do Paraná, para os municípios de Cuiabá e Várzea Grande, no Estado de Mato Grosso, que busca compreender como o filho adulto migrante diferentemente de seu pai, nos tempos atuais se posiciona e se mantém no mercado de trabalho sem a educação formal elevada, revelou que :

- a) os pais interromperam os estudos porque moravam na zona rural e por esse motivo não tinham acesso à escola, e os filhos, em sua maioria, interromperam os estudos para trabalhar, apesar de terem disponibilidade de acesso à escola.;

- b) a opinião de pais e filhos é semelhante sobre o estudo e ambos afirmam que é preciso estudar para ser alguém na vida;
- c) o acesso à educação não foi um fator preponderante à migração e nem tão pouco é motivo de permanência do migrante na cidade de destino. Porém, a Educação torna-se vital quando põe em risco a permanência do sujeito no mercado de trabalho;
- d) o valor dado à educação formal varia de acordo com o papel que o sujeito ocupa na sociedade: parece que quando se é pai, a educação é mais significativa, porém, não para si, mas para o outro,
- e) o sentido da educação varia conforme o sujeito a vê no tempo: presente, passado e futuro;
- f) o valor dado à educação varia conforme o valor atribuído ao trabalho que o sujeito educado torna-se capaz de realizar;
- g) o trabalho é um aspecto vital ao sujeito e a educação é secundária, pois esta pode ser postergada ou abandonada em razão da falta de interesse, em razão do trabalho e do casamento. Isso induz-nos a dizer que são aspectos primordiais à sobrevivência: o trabalho, a família e a satisfação pessoal;
- h) a valoração da educação pelos sujeitos depende das condições de sua subsistência no meio, isto é, quanto mais o meio a requisitá-la, a educação será considerada importante e prioritária. Isso nos leva a considerar que a educação não tem importância para os seres humanos por si só; na verdade, esta depende da sua relação com o meio, ou melhor, do modo como o ser humano vê a educação em relação ao seu meio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o entendimento do processo migratório pelo qual as famílias em questão viveram, realizou-se no Capítulo I uma contextualização histórica da vila de Casa Branca, no Estado do Paraná, área de origem destes migrantes, indo da prosperidade dos primeiros anos, quando a localidade foi fundada, até o período de migração das famílias. Tratou-se também de forma sucinta sobre a divisão do Estado de Mato Grosso e o fluxo migratório que, a partir deste fato, cresceu na região, incentivado pela política desenvolvimentista dos governos municipal, estadual e federal, ou mesmo pelos projetos particulares de colonização que chamaram a atenção para a região norte de Mato Grosso, quando a capital do Estado passou a ser chamada de Portal da Amazônia.

Em síntese, este estudo sobre a migração de nove famílias da vila de Casa Branca, para os municípios de Cuiabá e Várzea Grande, no intuito de compreender como o filho adulto migrante, diferentemente de seu pai, nos tempos atuais se posiciona e se mantém no mercado de trabalho sem a educação formal elevada, iniciou-se com o levantamento de várias questões que durante a pesquisa e as análises dos dados foram se esclarecendo, mas também que instigou novos questionamentos.

### **Que fatores levaram estas famílias a migrarem da vila de Casa Branca?**

Todos os pais são unânimes em dizer que na vila de Casa Branca não se era mais possível permanecer devido à falta de fregueses para manter em funcionamento o comércio que a família possuía na vila. O pequeno comércio destas famílias dependia da população rural, ou seja, das famílias de pequenos proprietários rurais que viviam ao redor da vila. No entanto, com a mecanização da lavoura, o enfraquecimento da terra e o endividamento desse pequenos proprietários rurais, estes se vêem forçados a vender suas terras para grandes latifundiários e a migrar com suas famílias para outras regiões como os Estados de Mato Grosso e Rondônia. Com a pavimentação asfáltica da vila de Casa Branca, que trazia esperança de progresso, a situação destes pequenos comerciantes se agravou ainda mais, pois os poucos fregueses que ainda restavam, passaram a fazer suas compras nas cidades vizinhas maiores onde a variedade e os preços dos produtos eram mais atrativos. Isso levou alguns comerciantes à falência

obrigando-os, inclusive, a fechar seus comércios, enquanto outros, percebendo a queda nas vendas, venderam a casa e as instalações comerciais.

Há ainda o processo de divisão da herança, como fazê-lo numa família onde o único bem a ser dividido é o pequeno comércio dos pais? Neste caso, nem é preciso que ocorra a morte do pai, pois na medida em que os filhos crescem e o pai não consegue, com a renda do comércio, sustentar toda a família, aos filhos crescidos só resta esperar por um emprego sazonal ou sair em busca de melhores condições de sobrevivência em outro local. Neste caso, ocorreria a quebra da união familiar, causando o esfacelamento da unidade familiar.

Assim, a falta de emprego aos filhos que estavam crescendo torna-se um fator agravante da situação destas famílias e estes começam a manifestar o desejo de migrar, mesmo sem os pais, para cidades maiores. Diante de tantos problemas, a alternativa encontrada pelos pais para manter a unidade familiar, foi a de migrar com toda a família para um lugar que oferecesse condições tanto aos pais para abrir um novo comércio, como para os filhos, conseguirem um emprego. Fica claro então, que o que motivou a migração dessas famílias foi, sem dúvida, a busca pelo trabalho.

**E a continuidade dos estudos dos filhos, por que aparece como preocupação de alguns pais ?** Quando os pais incluem a educação dos filhos como sendo também um motivo para migrar, devemos levar em consideração a particularidade de cada pai ou mãe que a incluiu como sendo um fator importante. Por exemplo, para a Mãe e o Pai da Família JA, quando se referem à Educação como necessária, é fundamental se considerar que ela foi professora por vários anos e que com o salário que recebia, ajudou a sustentar a família. Portanto, pode-se dizer que esse seja o motivo pelo qual ela dê tanto valor à educação, e o pai, em reconhecimento à importância do trabalho da esposa no sustento da família, acabe por valorizar também o estudo. A Mãe da Família RN, viúva, também foi professora na juventude e sua filha que estudava magistério, já exercia a profissão e ajudava com as despesas da casa, portanto a família já colhia os frutos da educação; daí talvez a sua valorização. A Mãe da Família CA tinha um filho que abandonara o estudo e começava a dar problemas de ordem comportamental, "*andando com más companhias*", brigando e bebendo. Assim, ir para um lugar diferente e voltar à escola para ocupar o tempo livre, talvez fosse uma boa alternativa para mantê-



lo longe dessas "más companhias". A mãe da Família GI disse que gostaria de ter continuado os estudos, porém casou-se muito nova e o marido não deixou-a estudar. Talvez, esta mãe tenha transferido aos filhos esse desejo pelo estudo, e ao afirmar que estes precisavam terminar o segundo grau, que não era oferecido na vila da Casa Branca, daí incluir o estudo como um dos motivos que levou sua família a migrar.

**Mas por que estas famílias escolheram Cuiabá ou Várzea Grande Para Migrar?** Primeiramente porque a migração de pessoas das regiões tidas como populosas e conflitivas para regiões com baixa densidade demográfica, como a região Centro-Oeste e Norte do país, fazia parte da política desenvolvimentista do governo e a propaganda do governo incentivava a atração de trabalhadores para a região. Era vantajoso para o Estado receber os migrantes, porque estes representavam uma utilidade econômica e social, pelo menos naquele momento em que era necessário recomeçar o desenvolvimento do Estado de Mato Grosso, agora dividido.

Assim, somada à propaganda governamental, as notícias que estes migrantes ouviam dos que já haviam migrado e retornavam ao local de origem para visitar parentes e amigos, ostentando melhores condições de vida, criava nas pessoas que ficaram na vila de Casa Branca, a idéia de que Mato Grosso era um lugar próspero, onde as chances de melhorar de vida era quase certas.

Outro fato importante é que, nessas famílias migrantes, alguns de seus membros vieram conhecer e ver de perto o Estado de Mato Grosso, visitando parentes e amigos em Cuiabá e Várzea Grande e o que viram reforçou a opinião que já tinham sobre o lugar. Estas cidades se apresentavam em pleno desenvolvimento econômico e urbano, sendo uma região próspera e com grande "*movimentação de dinheiro*", exatamente ao contrário do que essas famílias vivenciavam na vila de Casa Branca. Geralmente, eram após essas viagens de reconhecimento que eles voltavam eufóricos e decididos a migrar para Mato Grosso, influenciando o restante da família que ficara na vila.

Neste momento, é possível perceber como é difundida a "*ideologia de fronteira*," que oferece aos migrantes em potencial um conjunto de informações e juízos sobre a área que se apresenta como alternativa de melhoria de vida: mais emprego, melhores condições para estudar, a possibilidade de crescer economicamente. Tudo

isso, em contraste com às condições presentes desfavoráveis da região em que vivem, leva-os a certeza de que a migração dará certo.

Independentemente do local para onde se migra, isto é, seja para outro país ou mesmo dentro da fronteira nacional, mesmo que o migrante esteja sofrendo um processo de expulsão da área em que vive, ainda assim é preciso audácia e coragem para sair e enfrentar o novo e o desconhecido, pois, ao migrarem, eles não realizam deslocamentos apenas referentes a lugares, mas também relacionados a ritmos de vida, e tudo isto em função do sonho de uma vida melhor, apostando num futuro que, às vezes, não se realiza como o migrante sonhou e planejou. No entanto, todo migrante tem mais do que audácia e coragem, crença e fé, pois deseja ter sucesso após o salto para o desconhecido.

Assim, quando os pais migraram, eles apostaram no futuro, desejavam uma melhora de vida e se arriscaram em busca desse sonho. Apesar deles acharem que após a migração eles ficaram bem melhores que lá, a realidade que se apresenta é outra. Na vila de Casa Branca eles eram pequenos proprietários, com seus comércios localizados na Avenida Principal da vila de Casa Branca. Quando migraram, por terem pouco capital "financeiro", tiveram que se instalar na periferia de Cuiabá e Várzea Grande, e continuaram a se reproduzir como pequenos comerciantes, só que agora na área periférica da cidade. As instalações comerciais, em muitos casos, são, ainda hoje, as mesmas de quando chegaram, sendo que alguns moram em residências que ainda estão sem acabamento. Talvez comparem a melhora de suas vidas com os últimos anos de declínio populacional e financeiro da vila de Casa Branca, como forma de se sentirem bem sucedidos. Assim, resta a eles dizer que, para seus filhos, foi melhor migrar do que ter permanecido em Casa Branca.

**Qual o papel do trabalho e da educação na vida dessas famílias?** Quando chegaram em Mato Grosso, a primeira coisa que os filhos fizeram foi procurar emprego, e o encontraram em poucas semanas. Quanto ao tipo de emprego, isto não importava muito pois, o importante era estar trabalhando. Nesse começo, a euforia foi grande por terem conseguido um emprego e salário, coisas que eram praticamente impossíveis no local de origem. Talvez por essa razão, o trabalho tornou-se prioridade na vida dos filhos, e assim, os estudos foram abandonados. O trabalho exigia muito tempo, e este que não era compatível com o horário da escola. Porém, como o grau de escolaridade

que estes filhos de migrantes possuíam, era suficiente para atender as exigências do mercado de trabalho de Cuiabá e Várzea Grande, eles não sentiram necessidade de permanecer na escola. Assim, o trabalho, adquiriu um sentido mais importante do que o estudo visto que este fornecia resultados mais imediatos, como por exemplo, uma melhora no padrão financeiro da vida desses jovens o que tornava-os financeiramente independentes dos pais.

Hoje, no entanto, o panorama é outro. Com o mercado de trabalho mais exigente, alguns já começam a perceber que falta-lhes o estudo, e que não estão preparados para enfrentar a concorrência que aumenta a cada dia. Segundo eles, ainda é possível encontrar emprego na cidade, mas encontrar um "**bom emprego**" se torna cada dia mais difícil.

**QUADRO 10:** *Profissão e grau de escolaridade dos filhos entrevistados*

<b>Família</b>	<b>Categoria</b>	<b>Profissão</b>	<b>Grau de escolaridade</b>
Família MS	Filho	Motorista	Cursando Ensino Médio
Família NA	Filha	Do lar	Ensino Médio incompleto
Família SI	Filho A	Bancário	Cursando Economia
	Filha B	Do lar	Ensino Médio completo
Família CA	Filho A	Proprietário de Farmácia	Cursando Ensino Médio
	Filho B	Proprietário de Farmácia	Ensino Médio completo
Família GI	Filha	Do lar	Ensino Médio completo
Família AR	Filha	Proprietária de Salão de beleza	Ensino Médio completo
Família RN	Filha A	Professora- ensino público	Pedagogia e Especialização
	Filha B	Funcionária Pública	Cursando o Ensino Médio
Família OL	Filho	Mecânico de máquinas pesadas	Ensino Fundamental incompleto / 7ª série
Obs.: Não foi possível realizar entrevistas com os 3 filhos da família JA.			

No Quadro anterior é demonstrada, de forma sintetizada, a profissão e o grau de escolaridade dos filhos e filhas que foram entrevistados no ano de 2001. Ao observá-lo, pode-se dizer que, com exceção das três filhas que trabalham em casa cuidando apenas dos filhos e das tarefas domésticas, segundo elas, por opção, os demais estão empregados.

Entre os onze filhos entrevistados, três são proprietários. Porém, os três dizem que o comércio em Várzea Grande está em declínio e a freguesia está diminuindo, o que traz dificuldades para manter seus estabelecimentos comerciais. Nesta hora, é como se

ouvisse seus pais relatando sobre o comércio deles na vila de Casa Branca antes da migração; parece a história se repetindo em outro tempo e lugar.

Os demais vêm possibilidade de crescimento e melhoria de vida, principalmente aqueles que voltaram a estudar; parecem ter renovado as esperanças de que agora, certamente, a vida vai melhorar. Todos que retornaram ao Ensino Médio dizem querer chegar à universidade, porque entendem que o diploma lhes abrirá portas e lhes possibilitará uma melhora salarial, e que conseqüentemente lhes trará uma melhora nas condições de vida.

**E a Educação, que lugar ocupa na vida destas famílias migrantes?** Primeiramente, é preciso apresentar de forma sucinta alguns dados para que seja possível responder a tal pergunta. Começemos pelos pais:

**QUADRO 11:** *Grau de escolaridade de pais e mães*

<b>Grau de escolaridade</b>	<b>Pai</b>	<b>Mãe</b>
Não foram à escola	--	01
1º ano	--	--
2º ano	01	02
3º ano	03	01
4º ano	--	04
5º ano	02	01
<b>Total</b>	<b>06</b>	<b>09</b>

Um fator comum entre os pais é que todos passaram a infância e juventude como trabalhadores rurais, com exceção da Família JA que já possuía um pequeno comércio à beira da estrada, próximo de uma escola e de um ponto de ônibus intermunicipal. Todas as demais famílias só foram adquirir um pequeno comércio quando migraram para a vila de Casa Branca.

Assim, observando o quadro anterior, para os pais que viviam na zona rural, o acesso à escola era quase impossível, motivo pelo qual só estudaram, no máximo, até o 5º ano do Ensino Fundamental. Deste modo, pode-se dizer que a Educação não era um fator importante na história de vida desses pais. As razões dadas pelos pais para pararem de estudar foram as mais diversas, e podemos citar a grande distância entre a escola e a

casa, a necessidade de ajudar os pais com o seu trabalho na roça, o casamento ainda muito jovem e a proibição do marido. Atualmente, as razões que eles dão para não voltarem a estudar incluem a falta de paciência e habilidade, a idéia de que estão muito velhos, e principalmente o fato de que, nesse momento de suas vidas, não vêm a utilidade dos estudos.

Observando o quadro a seguir é possível perceber o grau de escolaridade dos filhos, especificando-se por gênero,

**QUADRO 12:** *Grau de escolaridade dos filhos*

Grau de escolaridade	Completo		Cursando		Desistiu		Total
	M	F	M	F	M	F	
<b>Ensino Fundamental</b>	03	02	--	--	02	03	10
<b>Ensino Médio</b>	06	04	02	04	02	01	19
<b>Ensino Superior</b>	02	--	02	01	--	01	06
<b>Pós-graduação</b>	--	01	--	--	--	--	01
<b>Total</b>							<b>36</b>

Observando os dados dos quadros anteriores pode-se dizer que, entre a vida escolar dos pais e dos filhos, houve um significativo aumento no grau de escolaridade dos filhos. Em outras palavras, enquanto os pais que permaneceram mais tempo na escola chegaram a estudar no máximo até o 5º ano do Ensino Fundamental, os filhos, em sua maioria, ultrapassaram esse grau.

**QUADRO 13:** *Dos filhos que cursaram apenas o Ensino Fundamental*

Ensino fundamental	Mas.	Fem.
1º ano	01	--
2º ano	--	--
3º ano	--	--
4º ano	--	--
5º ano	--	01
6º ano	--	--
7º ano	01	02
8º ano	03	02
<b>Total</b>	<b>05</b>	<b>05</b>

No entanto, atendo-se para o fato de que somente 1 filho homem tem o grau de escolaridade inferior a dos pais, pois este estudou apenas o 1º ano do Ensino

Fundamental, 1 filha estudou o equivalente aos pais, isto é, até o 5<sup>a</sup> ano, e 03 filhos estudaram até o 7<sup>o</sup> ano, sendo 2 deles homens e 1 mulher, pode-se concluir que, mesmo a educação não fazendo parte da história de vida dos pais, se ela está a disposição, estes colocam seus filhos na escola como se fosse algo natural a ser feito. Neste caso, às crianças cabe ir à escola porque faz parte de suas obrigações. Porém, quando o filho chega à juventude ou à vida adulta, estudar não é mais uma obrigação e mas uma opção, e neste caso, cabe a ele pesar as vantagens e as desvantagens em dar continuidade ou não aos estudos.

**E os pais, como se posicionam diante das decisões dos filhos sobre continuar ou não os estudos?** Todos eles afirmam que gostariam que seus filhos tivessem terminado os estudos, que tivessem uma profissão definida, um emprego garantido. Eles vêem o estudo como algo importante para os filhos e dão um valor inestimável a ele, pois para eles, com estudo, a pessoa pode vir a "*ser alguém na vida*".

Ao se deparar com este tipo de pensamento por parte dos pais, entende-se a análise feita por Charlot sobre os migrantes. Segundo o autor, o migrante cria a expectativa de melhorar a vida quando decide sair de sua terra de origem e tempos depois quando ele não consegue esta melhora tão esperada, ele direciona sua expectativa sobre o filho e o sucesso do filho na escola.

Por outro lado, quando existe a aceitação dos filhos por parte dos pais, esta certamente é a forma encontrada pelos pais de administrar a decepção e a expectativa frustrada, isto é, entre o que eles esperavam de seus filhos e a realidade que têm diante de si. Assim, reconhecem o esforço que os filhos fizeram e justificam que eles pararam de estudar porque trabalhar e estudar era muito difícil. Compreendem que eles tiveram outras prioridades na vida como o casamento e o sustento da família. Apesar da expectativa e do desejo de querer que eles tivessem estudado, eles entendem e aceitam as escolhas dos filhos

Quanto à importância e o valor dado ao estudo, para si, é impressionante perceber que pais e filhos têm as mesmas opiniões e usam os mesmos argumentos, no entanto, esse estudo adquire um sentido diferente quando é direcionado para o outro.

Ambos acham que os filhos devem estudar, que não devem parar, que é necessário ter um diploma para ser alguém na vida, ter um bom emprego, e alcançar uma vida melhor.

Assim, apesar de ter sido dada prioridade ao trabalho após a migração, a Educação tem, na opinião dos pais e dos filhos, um papel importante em suas vidas. Segundo os pais, foi graças ao pouco estudo que eles tiveram possibilidade de manter em funcionamento o pequeno comércio que possuem e também puderam sustentar a família. Aos filhos que retornaram ao estudo, este se apresenta como a possibilidade de uma vida melhor, se não for no emprego que eles estão, será em outro que eles poderão conseguir quando terminarem os estudos.

Como bem o diz Charlot, o estudo do filho equivale, neste caso, ao processo migratório do pai, pois novamente, há uma aposta no futuro. Se com o estudo, o filho melhorar sua vida, a migração e o sacrifício do pai terão um novo sentido. Se o pai migrou e quase nada melhorou em sua vida, pelo menos, o filho, poderá ser bem sucedido. Isso dará ao pai uma justificativa para explicar o porquê da família ter migrado: no lugar de origem seu filho não conseguiria o sucesso que agora poderá ter, e foi graças às esperanças dos pais em melhorar de vida, e à sua coragem em apostar no futuro e migrar, que o filho, agora, pode ter, pelo menos, a chance de tentar melhorar de vida.

**Como esses migrantes se posicionam no mercado de trabalhos ?** Quando os pais chegaram em Mato Grosso, continuaram a se reproduzir como pequeno comerciante na periferia da cidade, e para ser pequeno comerciante, não foi necessário ter um elevado grau de escolaridade, bastava ter capital para investir. Neste sentido, o pouco estudo que tinham foi suficiente para se manter o pequeno comércio e dar um mínimo de conforto à família. Os filhos, por sua vez, quando chegaram, também não tinham um grau de escolaridade elevado, mas o mercado de trabalho os absorveu prontamente como mão de obra assalariada, condição profissional desejada pelos pais e pela maioria dos filhos destas famílias. Mas, com o tempo alguns filhos tornaram-se donos de seu próprio negócio, como é o caso da Filha da Família AR que é cabeleireira, os Filhos da Família Ca que são sócios proprietários de farmácia e os Filhos da Família JA que, com a ajuda do pai, abriram seus próprios mercadinhos. Assim, estes filhos não

progrediram além daquilo que seus pais possuíam; contrariamente, eles se reproduzem como pequenos comerciantes, exatamente como os pais.

Dentre os filhos proprietários, o único que apresenta necessidade de continuar os estudos é o Filho A da Família CA, um dos proprietários de Farmácia, pois sua pequena empresa requer uma qualificação profissional muito específica para continuar em funcionamento. Para os demais, inclusive seu irmão sócio proprietário, o estudo viria a atrapalhar a vida profissional porque este requerer um tempo disponível o qual eles não têm, além de que este parece não favorecer em nada a profissão escolhida.

Desta forma, pode-se concluir que, embora a educação não tenha sido um fator importante para motivar a migração, ela se tornou importante no momento em que os sujeitos passaram a precisar dela para melhorar sua subsistência, ou mesmo para manter seu padrão de vida. Assim, pode-se afirmar que a educação não tem importância para os seres humanos por si só, uma vez que o trabalho é um aspecto vital ao sujeito e a educação acaba sendo secundária, pois esta pode ser postergada ou abandonada em razão da falta de interesse, do trabalho e do casamento. Isso permite-nos a dizer que o trabalho, a família e a satisfação pessoal são os aspectos primordiais à sobrevivência. A importância da educação na vida das pessoas depende, portanto, da sua relação com o meio, ou melhor, do modo como o ser humano vê a educação em relação às necessidades de sua vida.

Deste modo, é crucial que se compreenda que a relação entre a Educação e o Trabalho está presente na vida dos indivíduos como algo essencial, e que a escola deve estar acessível aos sujeitos, pois se, na infância, os indivíduos vão à escola porque é obrigatório, na vida adulta, se faz necessário voltar aos bancos escolares devido às exigências estabelecidas pelo mercado de trabalho.

Por outro lado é preciso entender que, apesar da educação não fazer parte da história de vida de muitos pais, estes quando exigem que seus filhos permaneçam mais tempo na escola, estes filhos adquirem um grau de escolaridade maior que a de seus pais. Assim, esses filhos, ao se tornarem pais, exigirão o mesmo de seus filhos. E aí desta forma, que, com o tempo, de uma geração a outra, a educação formal passa a fazer parte da herança cultural dessas famílias, e talvez o mesmo aconteça com outras famílias,



e assim, sucessivamente. Tudo isto nos leva a concluir que a escola, estando à disposição das pessoas, faz com que o grau de escolaridade vá progredindo de geração em geração, daí a necessidade de cada vez mais se investir na educação para a população.

Finalmente, ainda que os filhos apresentem um grau de escolaridade maior que o dos pais, isso não lhes garante de proteção contra o desemprego. Contudo, melhorando seu grau de instrução, pelo menos estes estarão melhorando suas possibilidades na busca pela melhoria de vida. Fica assim, a esperança de que esta pesquisa venha contribuir com as reflexões e as discussões acerca da importância da escola na busca pela melhoria de vida.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

### 1. Bibliografia Consultada

- BERNARDES, N. **A expansão do Povoamento do estado do Paraná.** In: Revista Brasileira de Geografia, nº 04, s/ed., out-dez 1950.
- BOGDAN, Roberto; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Portugal: Porto Codex / Porto Editora, 1994.
- BOMENY, Maria Helena (org). **Ensino Básico na América Latina: experiências, reformas, caminhos.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos.** 7ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BOURDEU, Pierre. **O desencantamento do mundo.** Trad. Silvia Mazza. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- \_\_\_\_\_ **A economia das trocas simbólicas.** (org.) Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectivas, 1992.
- \_\_\_\_\_ **Escritos de educação.** (org.). Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- CARDOSO, Fernando Henrique; MÜLLER, Geraldo. **Amazônia: expansão e capitalismo.** 2ª ed. São Paulo: Brasiliense/ CEBRAP, 1978.
- CARVALHO, Izabel. O Trabalhador Migrante na Transamazônica. In: **Migração: Êxodo Forçado.** Centro de Estudos Migratórios. São Paulo: Paulinas, 1980
- CASTRO, Cláudio de Moura. A Educação é o Combustível do Crescimento no Brasil. In: **Revista Veja Especial**, Ano 33, n.º 52, 27 de dezembro de 2000, p. 196-99
- CASTRO, Sueli Pereira; BARROSO, João Carlos; COVEZZI, Marinete; PRETI, Orestes. **A colonização oficial em mato grosso: “a nata e a borra da sociedade”.** Caderno do NERU (número especial). EdUFMT: Cuiabá, 1994.
- CHARLOT, Bernard. **Relação das Crianças de classes populares com a educação.** Caderno de Graduação/ Série Reflexões. Rio de Janeiro: Gráfica UERJ, 1995.
- \_\_\_\_\_ **Da relação com o saber.** trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- \_\_\_\_\_ (org.) **Os Jovens e o Saber: Perspectivas Mundiais.** Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

- CHIESI, Antonio. MARTINELLI, Alberto. O trabalho como escolha e oportunidade. In: **Juventude e contemporaneidade**. Número especial. ANPED, Nº 5, maio-ago, 1997, nº 6, set-dez, 1997.
- FERREIRA, João Carlos Vicente. **Mato Grosso e seus Municípios**. Cuiabá: Secretaria de Estado e Cultura., 1997, p 637-40.
- FOWERAKER, Joe. **A luta pela terra: A economia política da fronteira pioneira no Brasil de 1930 aos dias atuais**. Trad. Maria Julia Goldwasser. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1982.
- GOMES, Jerusa Viera. Jovens urbanos pobres; anotações sobre escolaridade e emprego. In: **Juventude e contemporaneidade**. Número especial. ANPED, Nº 5, maio-ago, 1997, nº 6, set-dez, 1997.
- GOUVEIA, Aparecida Joly. **Democratização do Ensino e Oportunidades de Emprego**. São Paulo: Loyola, 1981.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A lenda do ouro verde**. (Dissert.) São Paulo: UNICAMP, 1986.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Origens da Educação Pública: a instrução na Revolução Burguesa do século XVIII**. São Paulo: Edições Loyola, 1981
- MARQUES, Maria Onélia da Silveira. "Escola Noturna e jovens". In: **Juventude e contemporaneidade**. Número especial. ANPED, Nº 5, maio-ago, 1997, nº 6, set-dez, 1997.
- MARTINS, José de Sousa. **Fronteira: A degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O Tempo Saquarema**. São Paulo: HUCITEC / INL. 1987.
- MIRANDA, Leodete; AMORIM, Lenice. **Mato Grosso: Atlas Geográfico**. Cuiabá: Entrelinhas, 2000, p11.
- MONTEIRO, Ubaldo. **Várzea Grande: Passado e Presente Confrontos - 1867-1987**. Cuiabá : Policromos Editora Gráfica, s/d.
- MORAES Antônio Carlos Robert. **Ideologias Geográficas**. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Paraíso e Inferno na Amazônia Legal. In: **Travessia - Revista do Migrante**. Jan./ abr. 1989.
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. O caboclo e o brabo. In: **Encontro com a Civilização Brasileira**. n.º 11, Petrópolis: Vozes, 1979.

QUEIROZ, Maria Izaura Pereira. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: **Experimentos com histórias de vida (Brasil – Itália)**. (coord.) Olga de M. Von Sinson, São Paulo: Vértice, 1980.

**Revista Bimestral do Ministério do Interior**. Ano III, nº 20, Edição Especial, novembro de 1977.

**Revista Paranaense dos Municípios**. Fevereiro, 1978. Ano XI, nº 126, pp19.

RABINOVITCH, Jonas. Como construir hoje o amanhã das cidades. In: **Revista Veja Especial**. Ano 33, nº 52, 27 de dezembro de 2000, p.172-75

RODRIGUES, Manuel. **Deuses da Mitologia**. Lisboa: Editora Minerva, s/d.

SANTOS, Jailson Alves dos. A trajetória da Educação Profissional. In: **500 anos de Educação no Brasil**. (Coord.) Eliana Marta Teixeira Lopes, Luciano Mendes Faria Filho, Cyntia Greice Veiga, Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SAWYER, Donald. "Novos rumos da migração para Mato Grosso". In: **Travessia – Revista do Migrante**, ano I, nº 3, jan / abr. 1989.

SOUZA, Itamar. **Migrações Internas no Brasil**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1980.

SOUZA MARTINS, Heloísa Helena Teixeira de. "O jovem no mercado de trabalho". In: **Juventude e contemporaneidade**. Número especial. ANPED, Nº 5, maio-ago, 1997, nº 6, set-dez, 1997.

SPÓSITO, Marília Pontes (coord.). **O trabalhador Estudante: um perfil do aluno do curso superior noturno**. Coleção Educação Popular. Nº 10, Edições Loyola: São Paulo, 1989.

VAITSMAN, Maurício. **Brasília e a Amazônia** (reportagem). S.P.V.E.A./ Departamento de Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, 1959.

VALLE, Lilian do. **A Escola Imaginária**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade: uma experiência de gerações**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

VIEIRA, M.<sup>a</sup> do Pilar de A. **A pesquisa em história**. São Paulo : Ática, 1989.

WACHOWICZ, Rui Christovam. Oeste - Região Síntese do Paraná. In: CALLAI, Dolair A. AVANCINI, Elsa G. ZARTH, Paulo A. **Repensando o Oeste do Paraná, Integração Social - Município**. Cascavel/ Ijuí, PR: ASSOESTE/FIDENE/ MEC/ OEA, 1983.

**Xambrê**. Administração de Aristóteles Coelho Rosa. 1965-1970. Boletim Informativo.

## **2. Bibliografia Complementar**

APPLE, Michael W. **Educação e Poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

**Abrindo Caminho: A Trabalhadora Rural no Paraná**. Departamento Rural da CUT. 1ª ed., agosto de 1989.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramento, 1973.

JAEGER, Werner. Paidéia. **A formação do homem grego**. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes/ Brasília: UNB, 1986.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família**. 2ª ed.ver., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e Fazendeiros em São Paulo**. São Paulo: HUCITEC, 1984.

OLIVEIRA, João Mariano de. **A Esperança Vem na Frente: Contribuição ao estudo da pequena propriedade em Mato Grosso, o caso de Sinop**. Dissertação de Mestrado: São Paulo: USP, 1985.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A Família Brasileira**. 3ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1986.

SALES, Teresa. REIS, Rossana Rocha (org.). **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração**. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, José Graziano da. **A modernização dolorosa**. Rio de Janeiro : ZAHAR, 1982.

TEDESCO, João Carlos. **Terra, trabalho e família: racionalidade produtiva e *ethos* camponês**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

VELHO, Otavio G. **Capitalismo Autoritário e Campesinato**. São Paulo / Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.

---

**Frentes de expansão e estrutura agrária**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1981.

ZAMBIASI, José Luiz. **Lembranças de Velhos**. Chapecó: Grifos, 1997.

**ANEXOS**

---

# Anexo I

## ROTEIRO DE ENTREVISTA

### CATEGORIA: PAI / MÃE

Ficha 1

Família:	Código de identificação:
Nome do (a) entrevistado (a):	Categoria:
Atividade econômica no PR.:	
Endereço origem:	
Data Chegada: Cuiabá ( ) Várzea Grande ( )	
Bairro.:	
Endereço atual:	
Ocupação:	
Obs.:	

## Ficha 2

## Membros da Família :

Nome:

Data nasc.:      Local:

Parentesco:

Estado Civil:      Nº de filhos:    ( ) Masc.    ( ) Fem.

Grau de escolaridade:

Estabelecimento:

Ano de Conclusão:

Profissão:

Nome:

Data nasc.:      Local:

Parentesco:

Estado Civil:      Nº de filhos:      ( ) Masc.    ( ) Fem.

Grau de escolaridade:

Estabelecimento:

Ano de Conclusão:

Profissão:

Nome:

Data nasc.:      Local:

Parentesco:

Estado Civil:      Nº de filhos:      ( ) Masc.    ( ) Fem.

Grau de escolaridade:

Estabelecimento:

Ano de Conclusão:

Profissão:

Obs.:



**ENTREVISTA**  
**Categoria: PAI / MÃE**

<b>Dados de Identificação</b>		
<b>Família:</b>		
<b>Nome</b>		
<b>Local:</b>	<b>Data da entrevista:</b>	<b>Horário:</b>

**I HISTÓRIA DE VIDA**

**Q1.** Conte um pouco sobre sua história de vida

**Q2.** Onde você morava antes de ir para Casa Branca ?

**Q3.** Quando chegou em Casa Branca?

**Q4.** Como era a localidade na época em que você chegou em Casa Branca?

**Q5.** Por que foi para Casa Branca ?

**Q6.** Quando mudou para Casa Branca, qual era seu estado civil?

( ) casado ( ) solteiro ( ) viuvo

**II MIGRAÇÃO**

**Introdução:** Em seguida, gostaria de conversar um pouco sobre como foi a migração de sua família de Casa Branca para Cuiabá/Várzea Grande.

**1. Aspectos gerais**

**Q7.** Em que ano você e sua família migraram para Cuiabá/Várzea Grande ?

**Q8.** Por que você decidiu sair de Casa Branca com sua família ?

**2. Expectativas**

**Q9.** Quais eram as suas expectativas quando migrou ?

**Q10.** Por que escolheu Cuiabá/Várzea Grande para morar ?

**Q11.** Quando estava em Casa Branca, o que você ouvia dizer sobre Cuiabá/Várzea Grande ?

**Q12.** Você veio para Cuiabá/Várzea Grande antes de trazer sua família?

( ) sim Ir para **SQ12(a)** ( ) não Ir para **SQ12(c)**

Somente para quem responder **SIM**.

**SQ12(a)** Como foi sua chegada em Cuiabá/Várzea Grande ?

**SQ12(b)** Esse primeiro contato foi decisivo para trazer sua família ?  
 sim Por quê?  não Por quê?

Somente para quem responder **NÃO**.

**SQ12(c)** Como foi a chegada da família em Cuiabá/Várzea Grande ?

**Q13.** Quais as pessoas que, neste início, estiveram presentes junto à sua família ?

### 3. Alcance

**Q14.** Quais são as expectativas que foram alcançadas?

## III MODO DE VIDA

**Introdução:** Em Seguida, gostaria de conversar um pouco sobre Moradia, tanto em Casa Branca como em Cuiabá/Várzea Grande.

### 1. Aspectos gerais

**Q15.** Quais os bens que a família possuía em Casa Branca?

**Q16.** O que fizeram com o que possuíam em Casa Branca quando decidiram se estabelecer em MT ?

**Q17.** Quanto a casa em que moravam em Casa Branca, era:  
 própria?  alugada?  financiada?

**Q18.** A casa em que vocês moravam em Casa Branca, quantos cômodos tinha?  
 Quartos \_\_\_\_\_ Salas \_\_\_\_\_ Banheiros \_\_\_\_\_ Cozinha \_\_\_\_\_ Varanda \_\_\_\_\_  
 Garagem \_\_\_\_\_ Outros \_\_\_\_\_

**Q19.** Pode localizar na da vila de Casa Branca onde você morava com sua família?

**Q20.** Em que local estabeleceu residência, com sua família, quando chegou em Cuiabá/ Várzea Grande?

**Q21.** Ainda reside no mesmo local?  
 não **Ir para SQ21(a)**  sim **Ir para Q22.**

**SQ21(a).** Em que outros bairros sua família já morou em Cuiabá/Várzea Grande ?

**SQ21(b).** Quanto a casa que moraram logo que chegaram em Cuiabá/Várzea Grande, era:  
 própria?  alugada?  financiada?

**SQ21(c)** A casa em que vocês moravam logo que chegaram em Cuiabá/Várzea Grande, quantos cômodos tinha? Quartos \_\_\_\_\_ Salas \_\_\_\_\_ Banheiros \_\_\_\_\_ Cozinha \_\_\_\_\_ Varanda \_\_\_\_\_

Garagem \_\_\_\_\_ Outros \_\_\_\_\_

**Q22.** Quanto a casa em que a família mora hoje, é:  
 própria?  alugada?  financiada?

**Q23.** Quantos cômodos tem sua residência atual?  
 Quartos \_\_\_\_\_ Salas \_\_\_\_\_ Banheiros \_\_\_\_\_ Cozinha \_\_\_\_\_ Varanda \_\_\_\_\_  
 Garagem \_\_\_\_\_ Outros \_\_\_\_\_

## 2. Expectativas

**Q24.** Em comparação com sua moradia em Casa Branca considera que sua condição de **moradia** em Cuiabá/Várzea Grande é melhor ou pior ?  
 melhor Por quê?  pior Por quê?

**Q25.** Quais eram as expectativas quando escolheu este local para morar ?

## 3. Alcance

**Q26.** Quais as expectativas que foram alcançadas?

## IV TRABALHO

**Introdução:** Em seguida, gostaria de conversar um pouco sobre Trabalho, tanto em Casa Branca como em Cuiabá/Várzea Grande.

### 1. Aspectos gerais

**Q27.** Que atividade econômica exercia em Casa Branca logo que chegou ?

**Q28.** Que outras atividades econômicas exerceu em Casa Branca?

- agricultor Ir para **SQ28(a)**  
 bóia-fria  
 empresário Ir para **Q28(b)**  
 comerciante  
 funcionário público  
 outros -----

Somente para quem era **AGRICULTOR**.

**SQ28(a)** Como agricultor você era

- proprietário das terras  colono  outros -----

Somente para quem era **EMPRESÁRIO**

**SQ28(b)** Qual era seu ramo da sua empresa?

**SQ28 (c)** O local onde funcionava sua empresa era:

- próprio  alugado  financiado  outros -----

**SQ28(d)** Na sua empresa trabalhavam :

- apenas familiares  outros funcionários/ Quantos?-----

**SQ28(e)** Eles tinham carteira de trabalho assinada?

- sim  não

**Q29.** Na sua opinião como era o mercado de trabalho em Casa Branca ?  
 bom Por quê?  ruim Por quê?  outros Por quê?

**Q30.** Como era a situação econômica de vocês em Casa Branca antes de virem para Cuiabá e Várzea Grande?

**Q31.** Qual a sua atividade econômica quando chegou em Cuiabá/Várzea Grande ?  
 empresário Ir para **SQ31(a)**  
 comerciário  funcionário público  outros -----

Somente para quem era **EMPRESÁRIO**.

**SQ31(a)** Qual era o ramo da sua empresa?

**SQ31(b)** O local onde funcionava seu comércio logo que chegou em Cuiabá/Várzea Grande era:  
 próprio  alugado  financiado  outros

**SQ31(c)** Sua empresa empregava :  
 apenas familiares  outros funcionários/ Quantos?-----

**SQ31(d)** Eles tinham carteira de trabalho assinada?  
 sim  não

**Q32.** Por que optou por esta atividade econômica?

## 2. Expectativas

**Q33.** O que esperava conseguir com a atividade econômica que escolheu logo que chegou a Cuiabá/Várzea Grande?

**Q34.** Ainda exerce esta mesma atividade econômica atualmente?  
 não Ir para **SQ34(a)**.  sim Ir para **SQ34(c)**

Somente para quem **NÃO** exerce mais a mesma atividade.

**SQ34(a)** Por que deixou de exercer a atividade econômica que exercia quando chegou a Cuiabá/Várzea Grande?

**SQ34(b)** Que outras atividades econômicas exerceu em Cuiabá/Várzea Grande?

Somente para quem **EXERCE** a mesma atividade econômica.

**SQ34(c)** Qual é sua atividade econômica atualmente?

**SQ34(d)** O que levou você a exercer esta atividade econômica?

**SQ34(e).** Atualmente, você é proprietário do seu próprio negócio?  
 sim  não

### 3. Alcance

**Q35.** Se comparada com a vida em Casa Branca, acha que a **situação econômica** da família hoje é melhor ou pior?

melhor    ir para **SQ35(a)**.     pior    ir para **SQ35(d)**.

Somente para quem **MELHOROU**.

**SQ35(a)** O que melhorou com a vinda para Cuiabá/Várzea Grande?

**SQ35(b)** O que contribuiu para essa melhoria de vida da sua família?

**SQ35(c)** Se tivesse ficado no Paraná com sua família, teriam conseguido essas melhorias?

sim    Por quê?     não    Por quê?

Somente para quem **NÃO MELHOROU**.

**SQ35(d)** Em que aspectos a situação econômica da família não melhorou?

**SQ35(e)** Na sua opinião, o que fez com a situação econômica da família não melhorasse ?

**Q36.** Você considera que a sua família, em Casa Branca, pertencia à classe:

Rica    Por quê?     Média    Por quê?     Pobre    Por quê?

**Q37.** Hoje, você considera que a sua família pertence à classe:

Rica    Por quê?     Média    Por quê?     Pobre    Por quê?

### V EDUCAÇÃO

**Introdução:** E finalmente, gostaria de conversar sobre Educação.

#### 1. Aspectos gerais

**Q38.** Qual é o seu grau de escolaridade?

analfabeto    Ir para **SQ38(a)**

**Ir para a SQ38(c)**

primeiro grau incompleto: estudou até a ..... série

primeiro grau completo

segundo grau incompleto: estudou até a ..... série

segundo grau completo

terceiro grau incompleto: curso -----

terceiro grau completo: curso -----

Somente para os **ANALFABETOS**.

**SQ 38(a)** Você sabe:

só assinar o nome     ler e não sabe escrever

fazer cálculo, mas não sabe ler e escrever     outro: -----

**SQ 38(b)** O fato de não ter estudado influenciou em algo na sua vida?

sim    Em quê ?     não    Por quê?

Somente para quem **ESTUDOU**

**SQ 38(c)** O fato de não ter estudado mais influenciou em algo na sua vida?  
 sim Em quê?  não Por quê?

**SQ38(d)** O seu estudo contribuiu para a melhoria de vida de sua família?  
 sim Em quê?  não Por quê?

**Q39.** Você freqüentou a escola em Casa Branca ?  
 sim  não

**Q40.** Você está estudando atualmente ?  
 sim: curso -----  não Ir para **SQ40(a)**

Somente para quem respondeu **NÃO**

**SQ40(a)** Pensa em retornar aos estudos?  
 sim Por quê?  não Por quê?

**Q41.** Em relação ao estudo dos filhos, quantos estavam estudando quando moravam em Casa Branca ?  
 ----- estudavam Por quê? ----- não estudavam Por quê?

**Q42.** Quantos filhos continuaram os estudos em Cuiabá/Várzea Grande ?  
 ----- continuaram Por quê? Ir para **SQ42(a)**  
 ----- não continuaram Por quê? Ir para **SQ42(b)**

**Somente sobre os que CONTINUARAM os estudos**

**SQ42(a)** Em relação aos ----- filhos que continuaram os estudos em MT, em que momento cada um deles retornou aos estudos ?  
 logo ao chegar: (nome dos filhos) -----  
 após seis meses: (nome dos filhos) -----  
 após um ano -----  
 depois de mais de um ano -----

Somente para os que **NÃO CONTINUARAM** os estudos

**SQ42(b)** Por quê seus ----- filhos não continuaram os estudos ao chegarem em Cuiabá/Várzea Grande?

## 2. Expectativas

**Q43.** Quais eram as suas expectativas em relação ao estudo do seu filho?

## 3. Alcance

**Q44.** O estudo de seu filho contribuiu para alguma melhoria de vida de sua família?  
 sim Em quê?  não Por quê?

**Q45.** Para você, o que significa “o estudo”?

**OBS:**

**ENTREVISTADOR:**

# Anexo II

## ROTEIRO DE ENTREVISTA

### CATEGORIA: FILHO

Dados de Identificação	
<b>Família:</b>	<b>Data:</b>
<b>Nome</b>	
<p><b>Dados do (a) entrevistado(a):</b>            Data nasc.: Ano de chegada: Idade ao chegar :            cidade: UF. :            estado civil:            N.º de filhos: Meninos ( ) Meninas ( )            Grau de escolaridade:            Profissão:</p> <p><b>Nome do(a) cônjuge:</b>            Data nasc.:            cidade: UF. :            grau de escolaridade:            Profissão:</p> <p><b>Nomes dos filhos</b>            Data nasc.:            cidade: UF. :</p>	

#### História de vida

**Q1.** Fale um pouco sobre sua história de vida.

R:

**Q2.** Na época que você morava em Casa Branca como era a localidade?

R:

**Q3.** Você já retornou à vila Casa Branca alguma vez?

( ) sim **ir para SQ3(a).** ( ) não

**Q3(a).** Quantas vezes? \_\_\_\_\_. Por quê?

R:

**Q3(b).** Qual a sua opinião sobre Casa Branca, hoje?

R:

#### Migração

**Introdução:** Em seguida, gostaria de conversar um pouco sobre como foi a migração de sua família de Casa Branca para Cuiabá/Várzea Grande.

**Q4.** Em que ano você chegou em Cuiabá/Várzea Grande?

R:

**Q5.** Quantos anos você tinha na época em que você veio para Cuiabá/Várzea Grande?

R:

**Q6.** Quais os motivos que levaram seus pais a saírem de Casa Branca?

R:

**Q7.** Por que eles escolheram Cuiabá/ Várzea Grande para morar?

R:

**Q8.** Seus pais o consultaram, na época, sobre vir para Mato Grosso?

sim  não

**Q9.** Como foi comunicado a você que sua família viria para Mato Grosso?

R:

**Q10.** Você veio:

com seus pais Por quê? **Ir para SQ10(a)**  
 antes dos seus pais Por quê? **Ir para SQ10(a)**  depois dos seus pais Por quê?

**SQ10(a).** Onde você ficou quando chegou? Por quê?

R:

**Q11.** Antes de vir, para Cuiabá/Várzea Grande, o que você ouvia falar sobre o Mato Grosso?

R:

### Expectativas

**Q12.** Antes de vir, para Cuiabá/Várzea Grande, quais eram suas expectativas de como seria viver aqui?

R:

**Q13.** Qual sua impressão sobre Cuiabá/Várzea Grande logo que chegou?

R

**Q14.** A partir de sua chegada a Cuiabá/Várzea Grande, que expectativas você passou a ter?

R:

**Q15.** Quais expectativas se realizaram?

R:

### Alcance

**Q16.** Você mora com seus pais?

sim Por quê? **Ir para SQ16(a)**  não Por quê?

Somente para quem **NÃO MORA COM OS PAIS**

**Q16(a).** Você reside em:

casa  apartamento  república  outros.

**Q16(b).** onde você mora é:

alugado  financiado  próprio  outros

**Q17.** Você possui algum bem?

sim Quais? **ir para SQ17(a)**  não

**SQ17(a).** Como conseguiu adquiri-los? ?

com a ajuda dos pais  com o próprio salário  
 com a ajuda de um parente  outras formas

**Q18.** Se comparada com a vida em Casa Branca, acha que a **situação econômica** da família hoje é melhor ou pior?

melhor ir para **SQ18(a).**  pior ir para **SQ18(d).**



Somente para quem **MELHOROU**.

**SQ18(a)** O que melhorou com a vinda para Cuiabá/Várzea Grande?

R:

**SQ18(b)** O que contribuiu para essa melhoria de vida da sua família?

R:

**SQ18(c)** Se tivesse ficado no Paraná com sua família, teriam conseguido essas melhorias?

( ) sim Por quê? ( ) não Por quê?

Somente para quem **NÃO MELHOROU**.

**SQ18(d)** Em que aspectos a situação econômica da família não melhorou?

R:

**SQ18(e)** Na sua opinião, o que fez com a situação econômica da família não melhorasse ?

R:

**Q19.** Você considera que a sua família, em Casa Branca, pertencia à classe:

( ) Rica Por quê? ( ) Média Por quê? ( ) Pobre Por quê?

**Q20.** Hoje, você considera que a sua família pertence à classe:

( ) Rica Por quê? ( ) Média Por quê? ( ) Pobre Por quê?

## **TRABALHO**

### **Trabalho em Casa Branca**

**Introdução:** Em seguida, gostaria de conversar um pouco sobre Trabalho, na época em que você morava em Casa Branca.

**Q21.** Você trabalhava quando morava em Casa Branca?

( ) sim Em que? **ir para SQ21(a)** ( ) não Por quê? **ir para Q22**

Somente para quem **TRABALHAVA**:

**SQ21(a).** Com que idade começou a trabalhar, no Paraná?

R:

**SQ21(b).** Em Casa Branca você era:

( ) trabalhador assalariado

**SQ21(b.1)**

( ) trabalhava na empresa da família.

**SQ21(b.1)**

( ) funcionário Público ( ) municipal ( ) estadual ( ) federal. **SQ21(b.1)**

( ) dono do seu próprio negócio (empresário) **SQ21(b.3)**

( ) outros

Somente para quem era **TRABALHADOR**

**SQ21(b.1).** Você trabalhava em que?

R:

**SQ21(b.2).** Por que optou por esse trabalho?

R:

**SQ21(b.3).** Você exerceu outras profissões?

( ) sim quais? ( ) não por quê?

**SQ21(b.4).** Você tinha carteira assinada?  
 Sim Por quê?       Não Por quê?

Somente para quem é **EMPRESÁRIO**

**SQ21(b.4).** Qual o ramo da sua empresa?  
 R:

**SQ21(b.5).** Como você adquiriu sua empresa?  
 R:

**SQ21(b.6)** O que fez com sua empresa quando veio para Mato Grosso?  
 R:

**SQ21(c).** Foi preciso fazer algum curso para exercer essa profissão na época?  
 sim Qual?       não Por quê?

**Expectativas**

**SQ21(d).** Quais eram suas expectativas com esse trabalho em Casa Branca?  
 R:

**SQ21(e).** Quais dessas expectativas se realizaram, na época?  
 R:

**SQ22.** Na sua opinião, como era o mercado de trabalho em Casa Branca?  
 R:

**Trabalho em Cuiabá/ Várzea Grande**

**Introdução:** Vamos conversar um pouco sobre Trabalho em Cuiabá/Várzea Grande.

**Q23.** Quando começou a trabalhar em Cuiabá/ Várzea Grande?  
 R:

**Q24.** Qual foi seu primeiro emprego em Mato Grosso?  
 R:

**Q25.** Como o conseguiu?  
 R:

**Expectativas**

**Q26.** Quais eram suas expectativas com esse seu primeiro trabalho?  
 R:

**Q27.** Quais expectativas se realizaram?  
 R:

**Q28.** Atualmente, você está trabalhando?  
 sim      **Ir para SQ28(a)**       não      Por quê?      **Ir para SQ28(b)**

Somente para quem **TRABALHA OU TRABALHOU**

**SQ28(a).** Atualmente você está trabalhando em quê?  
 sim Em que?       não Por quê?

**Obs.:** Sobre trabalho, desta pergunta em diante se o entrevistado estiver desempregado usar as perguntas no passado, se estiver empregado perguntar no presente.

**SQ28(b).** Quais as outras profissões que você já exerceu? Por quê?

R:

**SQ28(c).** Você é/era:

trabalhador assalariado

**SQ28(c.1)**

trabalha na empresa da família.

**SQ28(c.1)**

funcionário Público  municipal  estadual  federal. **SQ28(c.1)**

dono do seu próprio negócio (empresário) **Q28(c.3)**  outros

**SQ28(c.1).** Você tem/teve carteira assinada?

sim Por quê?  não Por quê?

**SQ28(c.2).** Foi necessário fazer algum curso para exercer essa profissão?

sim Qual?  não Por quê?

Somente para quem é **EMPRESÁRIO**

**SQ28(c.3).** Qual o ramo da sua empresa?

R:

**SQ28(c.4).** Por que escolheu esse ramo?

R:

**SQ28(c.5).** Como você adquiriu sua empresa?

R:

**Para quem optou por TRABALHAR EM CASA**

**SQ28(d).** Por que você optou por trabalhar apenas em casa?

R:

**SQ28(e).** Pretende trabalhar fora de casa?

sim Por quê?  não Por quê?

**Expectativa**

**Q29.** Você se considera uma pessoa bem sucedida na profissão que escolheu?

sim Por quê?  não Por quê?

**Q30.** Quais são suas expectativas com a atividade econômica que você exerce/exercia?

R:

**Q31.** Quais dessas expectativas se realizaram?

R:

**Q32.** Você vê/via expectativas de crescimento na profissão que exerce/exercia?

sim Por quê?  não Por quê?

**Q33.** Na sua opinião, como é o mercado de trabalho em Cuiabá/ Várzea Grande?

R:

<b>ESCOLARIDADE</b>
---------------------

<b>Introdução:</b> E agora vamos conversar sobre a sua vida escolar lá no Paraná e aqui no Mato Grosso:
---

<b>Q34.</b> Qual é o seu grau de escolaridade?
--

- |   |                         |
|---|-------------------------|
| <input type="checkbox"/> analfabeto   | <b>Ir para SQ34(a)</b>  |
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto: estudou até a ..... série | <b>Ir para a Q34(d)</b> |
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo                              |                         |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto: estudou até a ..... série       | <b>Ir para a Q34(d)</b> |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio completo: curso: -----                      |                         |
| <input type="checkbox"/> terceiro grau incompleto: curso -----                    | <b>Ir para a Q34(d)</b> |
| <input type="checkbox"/> terceiro grau completo: curso -----                      |                         |
| <input type="checkbox"/> pós graduação em -----                                   |                         |

Somente para os **ANALFABETOS**.

<b>SQ34(a)</b> Você sabe:
---------------------------

- |  |
|--|
| <input type="checkbox"/> só assinar o nome <input type="checkbox"/> ler <input type="checkbox"/> escrever <input type="checkbox"/> fazer cálculo |
|--|

<b>SQ34(b)</b> Por que você não estudou?
--

R:
----

<b>SQ34(c)</b> O fato de não ter estudado influenciou em algo na sua vida?
--

- |  |
|--|
| <input type="checkbox"/> sim    Em quê? <b>Ir para Q34</b> <input type="checkbox"/> não    Por quê? <b>Ir para Q34</b> |
|--|

Somente para quem tem **ESTUDOU**

<b>Estudo em Casa Branca</b>
------------------------------

<b>SQ34(d)</b> . Você estudava quando morava em Casa Branca?
--

- |   |
|---|
| <input type="checkbox"/> sim <b>ir para SQ34(d.1)</b> <input type="checkbox"/> não    Por quê? <b>Q35</b> |
|---|

<b>SQ34(d.1)</b> . Qual o horário que você estudava?
--

- |  |
|--|
| <input type="checkbox"/> matutino    Por quê? <input type="checkbox"/> vespertino    Por quê? <input type="checkbox"/> noturno    Por quê? |
|--|

<b>SQ34(d.2)</b> . Em que série você parou os estudos em Casa Branca?
---

R:
----

<b>SQ34(d.3)</b> . Quais os motivos de não ter continuado os estudos em Casa Branca?
--

R:
----

<b>Q35.</b> Você estudou em Xambê (sede do Município)?
--

- |   |
|---|
| <input type="checkbox"/> sim    Por quê? <b>Ir para SQ35(a)</b> <input type="checkbox"/> não    Por quê? <b>Ir para Q36</b> |
|---|

<b>SQ35(a)</b> . Qual o horário que você estudava em Xambê?
---

- |  |
|--|
| <input type="checkbox"/> matutino    Por quê? <input type="checkbox"/> vespertino    Por quê? <input type="checkbox"/> noturno    Por quê? |
|--|

<b>SQ35(b)</b> Como você se deslocava de Casa Branca até Xambê para estudar?
--

R:
----

<b>SQ35(c)</b> Qual a série que você estudou em Xambê?
--

- |   |
|---|
| <input type="checkbox"/> ensino fundamental: estudou até a ..... série                      |
| <input type="checkbox"/> ensino fundamental completo  |
| <input type="checkbox"/> ensino médio incompleto: estudou até a ..... série    Curso: ----- |
| <input type="checkbox"/> ensino médio completo    Curso: -----                              |

**SQ35(d)** Por quê você estudou somente até .....lá no Paraná?

R:

**Estudo em Mato Grosso**

**Q36.** Você estudou aqui em Mato Grosso?

( ) sim Por quê? **Ir para SQ36(a)** ( ) não Por quê? **Ir para Q37.**

**SQ36(a)** Em que momento você começou os estudos em Cuiabá/Várzea Grande?

( ) logo ao chegar Por que? ( ) após seis meses Por quê?

( ) após um ano Por quê? ( ) depois de mais de um ano Por quê?

**SQ36(b).** Qual o horário que você estudava?

( ) matutino Por quê? ( ) vespertino Por quê? ( ) noturno Por quê?

**SQ36(c).** Você estudava em escola:

( ) pública Por quê? ( ) particular Por quê?

**SQ36(d)** Como você se deslocava da sua casa até a escola?

R:

**SQ36(e)** Qual a série que você estudou em Mato Grosso?

( ) ensino fundamental: estudou até a ..... série

( ) ensino fundamental completo

( ) ensino médio incompleto: estudou até a ..... série Curso: -----

( ) ensino médio completo Curso: -----

**SQ36(f)** Por quê você estudou somente até .....aqui no Mato grosso? (**ir para Q35, caso não tenha terminado o 2º GRAU**)

R:

Para quem **TERMINOU O 2º GRAU**

**Q37.** Você exerce a profissão para a qual é formado(a) no 2º grau?

( ) sim ( ) não Por quê?

**Q38.** Você já prestou vestibular alguma vez?

( ) não **ir para SQ38(a)** ( ) sim **ir para SQ38(b)**

Somente para quem respondeu que **NÃO PRESTOU VESTIBULAR**

**SQ38(a)** Nunca pensou em tentar cursar uma faculdade?

( ) sim Por quê? **Ir para SQ38(a.1)** ( ) não Por quê? **Ir para Q39**

**SQ38(a.1)** Então, por que motivo não tentou o vestibular?

R:

Somente para quem **PRESTOU VESTIBULAR**

**SQ38(b).** Onde você prestou vestibular?

( ) no Paraná ? Em quais cidades? Por quê?

( ) em Mato Grosso Em quais cidades? Por quê?

( ) outros estados? Em quais cidades? Por quê?

**SQ38(c).** Quantas vezes você prestou vestibular?

Em universidade pública \_\_\_\_\_ vezes Em universidade particular \_\_\_\_\_ vezes

**SQ38(d).** Para quais cursos você prestou vestibular?

R:

**SQ38(e).** Por que você optou por fazer vestibular para.....?  
R:

**SQ38(f).** Você passou no(s) vestibular(es) que fez?  
( ) Sim Qual? **ir para SQ38(f.1).** ( ) Não **ir para SQ39**

**SQ38(f.1).** Terminou o curso?  
( ) sim ( ) não Por quê? **Ir para Q39**

**SQ38(f.2).** Você exerce a profissão para a qual é formado(a) na faculdade?  
( ) sim ( ) não Por quê?

**Q39.** O seu estudo contribuiu para a melhoria de vida de sua família?  
( ) sim Em quê? ( ) não Por quê?

**Q40.** Em algum momento de sua vida você ficou sem estudar?  
( ) sim **Ir para SQ40(a)** ( ) não Por quê?

Somente para quem ficou **SEM ESTUDAR**

**SQ40(a)** Por quanto tempo você ficou sem estudar?  
R:

**SQ40(b)** Por quais motivos você não continuou estudando?  
R:

**Q41.** Atualmente, você está estudando?  
( ) sim **ir para Q41(a)** ( ) não Por quê? **ir para Q41(f)**

Somente para quem **ESTÁ ESTUDANDO**

**SQ41(a).** Quando retornou aos estudos?  
R:

**SQ41(b).** Quais os motivos que o fizeram retornar aos estudos?

**SQ41(c).** Que curso você está fazendo?  
R:

**SQ41(d).** Está estudando em escola/universidade:  
( ) pública Por quê? ( ) particular Por quê?

**SQ41(e).** Por que optou por esse curso?  
R:

Somente para quem **NÃO ESTÁ ESTUDANDO**

**SQ41(f).** Você pretende continuar os estudos?  
( ) sim Por quê? ( ) não Por quê?

**Q42.** Se tivesse ficado em Casa Branca, você acha que teria conseguido continuar os estudos?  
( ) sim Por quê? ( ) não Por quê?

**Q43.** O fato de não ter estudado mais influenciou em algo na sua vida?  
( ) sim Em quê? ( ) não Por quê?

**Q44.** Se hoje, você tivesse a oportunidade de continuar estudando você o faria?  
( ) sim Por quê? ( ) não Por quê?

<b>2. Expectativas</b>
------------------------

<b>Q45.</b> Quais eram as suas expectativas em relação ao seu estudo?
---

R:
----

<b>Q46.</b> Quais expectativas foram alcançadas?
--

R:
----

<b>Q47.</b> O que significa o estudo para você?
---

R:
----

<b>OBS.:</b> Se o entrevistado não tiver filhos encerra-se a entrevista
---

Considerações finais:
-----------------------

P: Haveria algo que você acrescentaria a nossa entrevista.?
---

R:
----

<b>Novas Gerações</b>
-----------------------

<b>Introdução:</b> E finalmente, gostaria de conversar sobre a Educação dos filhos, porém, estas perguntas somente serão feitas aos que responderem no início da entrevista se têm filhos
---

Somente para **QUEM TEM FILHOS**

<b>Q48.</b> Seus filhos estão em idade escolar?
---

( ) sim <b>ir para Q49</b> ( ) não <b>ir para SQ49(c)</b>
---

Somente para quem tem **FILHO EM IDADE ESCOLAR**

<b>Q49.</b> Seus filhos estão estudando atualmente?
---

( ) sim <b>ir para SQ49(a)</b> ( ) não Por quê? <b>ir para SQ49(c)</b>
--

<b>SQ49(a).</b> Em que série estão?
-------------------------------------

Nome:
-------

Série:
--------

<b>SQ49(b).</b> Estudam em escola/universidade
--

( ) pública Por quê? ( ) particular Por quê?
--

Somente para quem **NÃO TEM FILHOS EM IDADE ESCOLAR**

<b>SQ49(c).</b> Gostaria que seu(s) filho(s) estudasse(m) ?
---

( ) sim Por quê? ( ) não Por quê?
-----------------------------------

<b>Q50.</b> O que diria a seu filho se ele optasse por não estudar?
---

R:
----

<b>OBS:</b>
-------------

<b>Data da entrevista:</b>	<b>Horário</b>	<b>Local</b>
----------------------------	----------------	--------------

____/____/____		
----------------	--	--

<b>ENTREVISTADOR:</b>
-----------------------